

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

Marcos Adriano de Almeida

Entre contações de histórias: vidas miúdas na escola

Marcos Adriano de Almeida

Entre contações de histórias: vidas miúdas na escola

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor/a em Educação. Área de concentração: "Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas".

Orientadora: Margareth Aparecida Sacramento Rotondo

Juiz de Fora
2024

Juiz de Fora
2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Almeida, Marcos Adriano de.

Entre contações de histórias : vidas miúdas na escola / Marcos Adriano de Almeida. -- 2024.

111 f.

Orientadora: Margareth Aparecida Sacramento Rotondo
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

1. Educação Matemática. 2. Criança. 3. Experimentação. 4. Cotidiano Escolar. 5. Fabulação. I. Rotondo, Margareth Aparecida Sacramento, orient. II. Título.

Marcos Adriano de Almeida

Entre contações de histórias: vidas miúdas na escola

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: "Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas".

Aprovada em 8 de outubro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Margareth Aparecida Sacramento Rotondo - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Sônia Maria Clareto

Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Tarcisio Moreira Mendes

Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Giovani Cammarota Gomes

Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Janaína de Assis Rufino

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais

Dr. Filipe Santos Fernandes

Universidade Federal de Minas Gerais

Juiz de Fora, 04/09/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Margareth Aparecida Sacramento Rotondo, Professor(a)**, em 09/10/2024, às 15:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tarcisio Moreira Mendes, Usuário Externo**, em 09/10/2024, às 17:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sonia Maria Clareto, Professor(a)**, em 09/10/2024, às 19:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Janaína de Assis Rufino, Usuário Externo**, em 10/10/2024, às 11:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Giovani Cammarota Gomes, Professor(a)**, em 12/10/2024, às 14:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Filipe Santos Fernandes, Usuário Externo**, em 14/10/2024, às 15:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1967459** e o código CRC **787D928B**.

AGRADECIMENTOS

À minha família, especialmente Claudia, Mateus e Stella.

Aos amigos e amigas companheiros de pesquisa em Travessia. Aos companheiros e companheiras de trabalho da E.M. José Calil Ahouagi e E.E. Fernando Lobo.

Aos tantos e tantas alunas e alunos, dessas respectivas escolas, juntamente com os estudantes do curso de Pedagogia da Liberdade.

Aos ex-alunos e ex-alunas com quem sempre nos encontramos em memórias alegres.

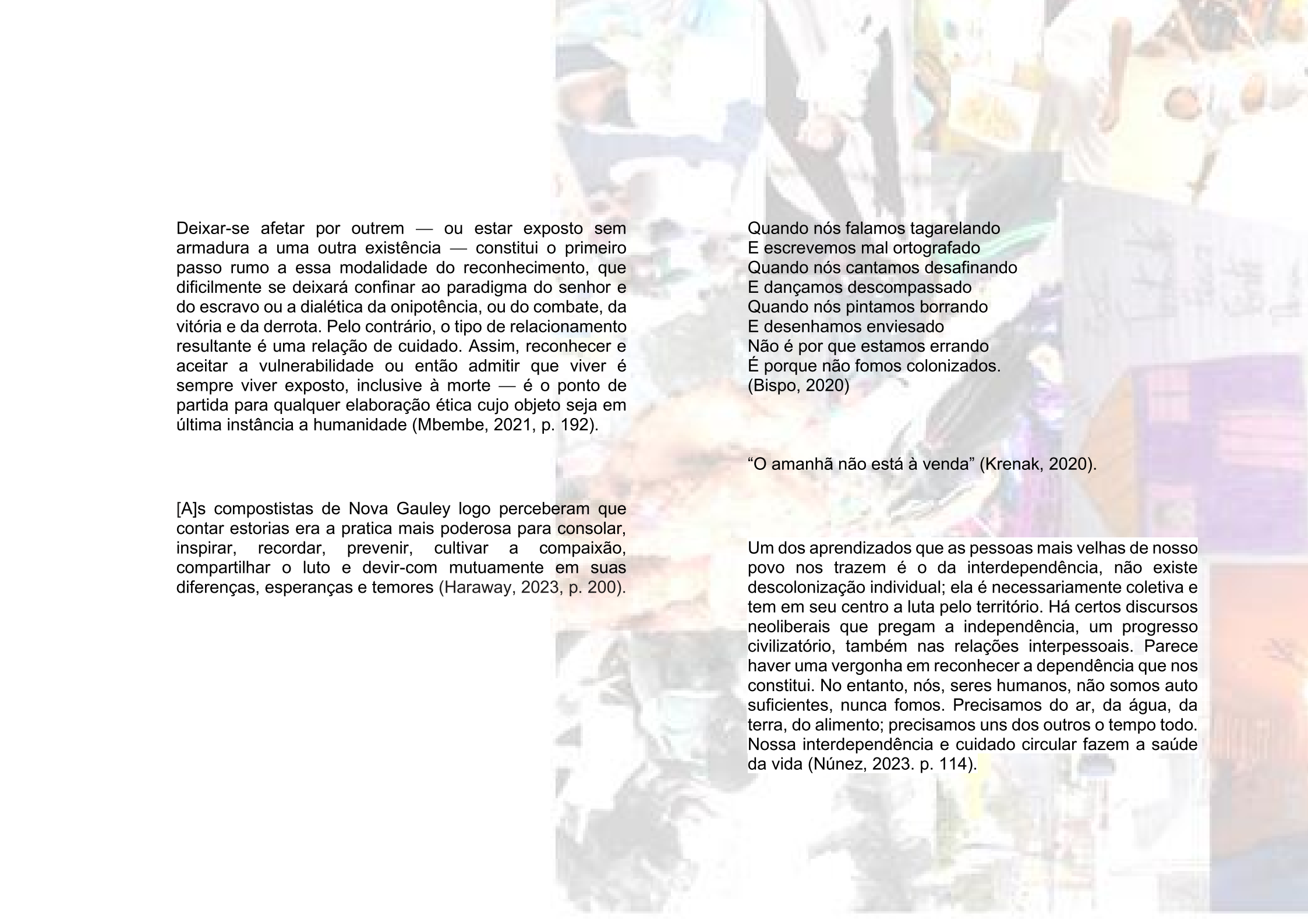
Especialmente à minha Orientadora, Margareth Rotondo, muita alegria por ter sido seu orientando.

À Sonia Clareto, pela sua constante gentileza em me auxiliar. Aos professores e professoras do programa de doutorado do PPGE dos quais eu tive a honra de ser aluno.

Às pessoas que participaram diretamente na construção desse trabalho e aqueles que indiretamente contribuíram para que eu chegasse aqui. Não quero parecer ingrato por ter esquecido de fazer alguma menção aqui. Mas sigo com enorme gratidão por todos aqueles e aquelas que me deram a mão nessa jornada.

Muito obrigado!





Deixar-se afetar por outrem — ou estar exposto sem armadura a uma outra existência — constitui o primeiro passo rumo a essa modalidade do reconhecimento, que dificilmente se deixará confinar ao paradigma do senhor e do escravo ou a dialética da onipotência, ou do combate, da vitória e da derrota. Pelo contrário, o tipo de relacionamento resultante é uma relação de cuidado. Assim, reconhecer e aceitar a vulnerabilidade ou então admitir que viver é sempre viver exposto, inclusive à morte — é o ponto de partida para qualquer elaboração ética cujo objeto seja em última instância a humanidade (Mbembe, 2021, p. 192).

[A]s compostistas de Nova Gauley logo perceberam que contar estórias era a prática mais poderosa para consolar, inspirar, recordar, prevenir, cultivar a compaixão, compartilhar o luto e devir-com mutuamente em suas diferenças, esperanças e temores (Haraway, 2023, p. 200).

Quando nós falamos tagarelado
E escrevemos mal ortografado
Quando nós cantamos desafinado
E dançamos descompassado
Quando nós pintamos borrando
E desenhamos enviesado
Não é por que estamos errando
É porque não fomos colonizados.
(Bispo, 2020)

“O amanhã não está à venda” (Krenak, 2020).

Um dos aprendizados que as pessoas mais velhas de nosso povo nos trazem é o da interdependência, não existe descolonização individual; ela é necessariamente coletiva e tem em seu centro a luta pelo território. Há certos discursos neoliberais que pregam a independência, um progresso civilizatório, também nas relações interpessoais. Parece haver uma vergonha em reconhecer a dependência que nos constitui. No entanto, nós, seres humanos, não somos auto-suficientes, nunca fomos. Precisamos do ar, da água, da terra, do alimento; precisamos uns dos outros o tempo todo. Nossa interdependência e cuidado circular fazem a saúde da vida (Núñez, 2023. p. 114).

RESUMO

Uma pesquisa que se faz e se dá com acontecimentos. Permeando a escola, suas salas de aula, seus corredores, as escadas, os pátios e a horta. Invadindo seus tempos, como o recreio, os intervalos e as rotinas. Uma pesquisa que se compõe com alunas, alunos, professores, professoras, famílias e a comunidade escolar. Nesse cenário, a pesquisa se põe a perguntar: que vidas se fazem numa escola? Que vidas se afirmam nesses acontecimentos atemporais que passam e perpassam uma escola? Perguntas que produzem vários desdobramentos, várias inquietações e ruídos em produções maquinicas. Problemas se instalam em um pesquisar: que pode uma vida miúda? Pode um acontecimento, pequeno que seja, provocar pensar? Maria corre pelo corredor com um celular na mão, jogando. Maria chora sobre uma operação matemática. Pedro corre pelo pátio em torno de um palco provisório. Maria desenha uma janela e escreve: estou tentado ficar forte nessa pandemia. Acontecimentos que dizem da escola, da vida e provocam escritas em experimentações deixando, em encruzilhadas, o pesquisador e aqueles que são perpassados pelos emaranhados de forças da vida se constituindo numa escola. Pequenos acontecimentos produzem uma sucessão de sentidos e, no pesquisar, são o próprio sentido tornando-se elementos ímpares para esta pesquisa. Com eles, vidas miúdas se afirmam. O brincar na escola, o tempo na escola, a vida que se faz e provoca outros lugares de afeto. A escola deixa de ser o espaço fixo e imóvel e se torna, sempre, um espaço que se constitui com a criança, um espaço de disputa, de relações instáveis e provisórias. Uma

pesquisa imbricada nos processos de vida que se dão na e com a escola, feitos de atravessamentos. A escrita da tese se compõe mapeando esses pequenos acontecimentos com vidas miúdas em sua produção. Em uma possibilidade, os acontecimentos aparecem de forma despreziosa, sem perder sua força com esse aspecto. Em outro momento, alguns elementos e objetos aparecem para compor e estender por linhas diversas a força dessas vidas. Entrelaçando a tudo isso chegam autoras e autores em sua produção de pensamento. Atravessando a escrita vem Deleuze, Guattari, Segato, Galeano, Kopenawa, Donna J. Haraway, Rotondo, Belcavello, Claretto, Cammarota. Assim, a escrita do pesquisar afirma quanto pode uma vida em experimentações na escola, com a escola e através dela.

Palavras-chave: Educação Matemática. Criança. Experimentação. Cotidiano Escolar. Fabulação.

ABSTRACT

A research that unfolds and emerges from events. Permeating the school, its classrooms, hallways, stairs, courtyards, and the garden. It invades its times, like recess, breaks, and daily routines. Research that comes together with students, teachers, families, and the school community. In this setting, the research asks: what lives take shape in a school? What lives are affirmed in these timeless events that pass through and traverse a school? Questions that lead to various developments, disturbances, and disruptions within machinic productions. Problems emerge in this act of researching: what can a small life do? Can an event, no matter how small, provoke thought? Maria runs through the hallway with her cellphone in hand, playing. Maria cries over a math problem. Pedro runs around a makeshift stage in the courtyard. Maria draws a window and writes: I am trying to stay strong during this pandemic. Events that speak of the school, of life, and provoke writings through experimentation, leaving the researcher and those touched by the tangled forces of life at the crossroads of becoming within a school. Small events produce a succession of meanings and, in the research, are themselves meanings, becoming singular elements for this study. Through them, small lives are affirmed. Playing in school, time in school, the life that unfolds and stirs other places of affection. The school ceases to be a fixed, immovable space and becomes, always, a space that forms with the child, a space of disputes, unstable and provisional relationships. Research intertwined with the processes of life that occur in and with the school, made up of intersections. The writing of this thesis maps these small events

with small lives in their creation. In one instance, the events appear unpretentiously, without losing their strength with such a demeanor. At other moments, some elements and objects emerge to compose and extend the force of these lives through various lines. Intertwined with all of this, authors and thinkers emerge in their thought production. Deleuze, Guattari, Segato, Galeano, Kopenawa, Donna J. Haraway, Rotondo, Belcavello, Clareto, and Cammarota pass through the writing. Thus, the act of writing research affirms how much a life can do through experimentations within, with, and through the school.

Keywords: Mathematics Education. Child. Experimentation. School Daily Life. Fabulation.

RESUMÉN

Una investigación que se hace y se da con acontecimientos. Permeando la escuela, sus aulas, pasillos, escaleras, patios y la huerta. Invadiendo sus tiempos, como el recreo, los descansos y las rutinas. Una investigación que se compone con alumnas, alumnos, profesoras, profesores, familias y la comunidad escolar. En este escenario, la investigación se pregunta: ¿qué vidas se forman en una escuela? ¿Qué vidas se afirman en estos acontecimientos atemporales que atraviesan y recorren una escuela? Preguntas que producen diversos desarrollos, inquietudes y ruidos en producciones maquínicas. Los problemas se instalan en el investigar: ¿qué puede una vida pequeña? ¿Puede un acontecimiento, por pequeño que sea, provocar el pensamiento? María corre por el pasillo con un celular en la mano, jugando. María llora por una operación matemática. Pedro corre por el patio alrededor de un escenario provisional. María dibuja una ventana y escribe: estoy intentando ser fuerte durante esta pandemia. Acontecimientos que hablan de la escuela, de la vida, y provocan escrituras en experimentación, dejando, en encrucijadas, al investigador y a quienes son atravesados por los entramados de fuerzas de la vida que se constituyen en una escuela. Los pequeños acontecimientos producen una sucesión de significados y, en el investigar, son el propio sentido, convirtiéndose en elementos únicos para esta investigación. Con ellos, las vidas pequeñas se afirman. El juego en la escuela, el tiempo en la escuela, la vida que se construye y provoca otros lugares de afecto. La escuela deja de ser un espacio fijo e inmóvil para convertirse, siempre, en

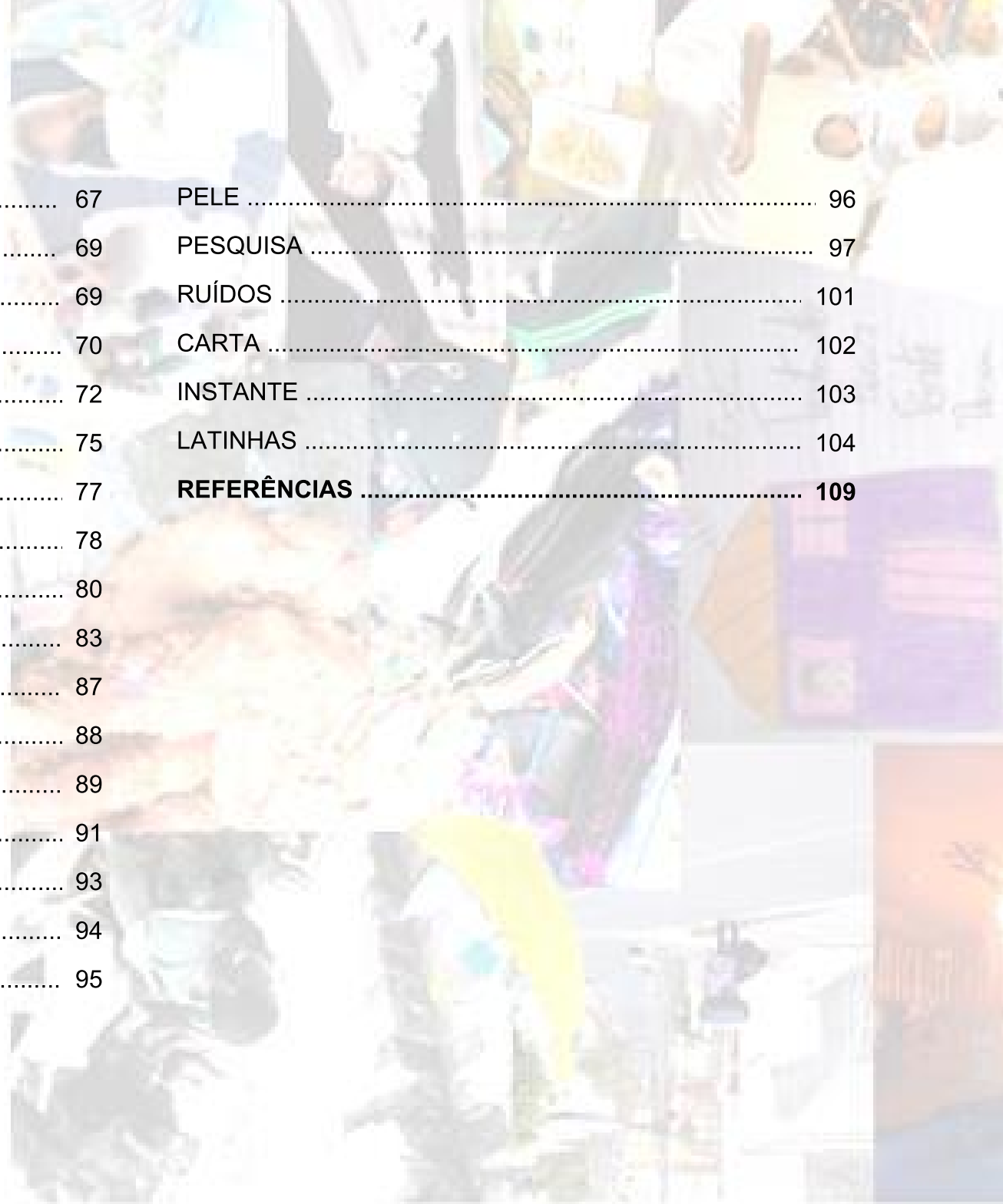
un espacio que se constituye con la infancia, un espacio de disputas, de relaciones inestables y provisionales. Una investigación imbricada en los procesos de vida que se dan en y con la escuela, hechos de cruces. La escritura de la tesis se compone mapeando estos pequeños acontecimientos con vidas pequeñas en su producción. En una posibilidad, los acontecimientos aparecen de manera sencilla, sin perder su fuerza por ello. En otro momento, algunos elementos y objetos emergen para componer y extender la fuerza de estas vidas por diversas líneas. Entretejiendo todo esto llegan autoras y autores en su producción de pensamiento. Atraviesan la escritura Deleuze, Guattari, Segato, Galeano, Kopenawa, Donna J. Haraway, Rotondo, Belcavello, Claretto, y Cammarota. Así, la escritura de la investigación afirma cuánto puede una vida en experimentación en la escuela, con la escuela y a través de ella.

Palabras clave: Educación Matemática. Infancia. Experimentación. Vida Escolar Cotidiana. Fabulación.

SUMÁRIO

LAMINÁRIO	11	RUÍDOS	42
RUÍDOS	12	CARPETE	44
LÂMINA	13	SALTO	45
FOLHA	15	CADEIRA	46
ESPELHO	17	RUÍDOS	48
PORTÃO	19	CHÃO	49
FRESTA	21	BARRO	50
SONHOS	23	MANDALA	51
ELA	28	TAMBOR	52
SOMBRA	31	CANETA	54
TECIDO	35	AULA	55
RUÍDOS	37	RUÍDOS	59
CORTINA	38	CURRÍCULO	60
DANÇA	39	LENÇO	61
GUIZO	41	PALAVRAS	63
		QUADRO	64
		BANCO	66

RUÍDOS	67	PELE	96
BRINCANTE	69	PESQUISA	97
VIDA	69	RUÍDOS	101
CELULAR	70	CARTA	102
RUÍDOS	72	INSTANTE	103
RUÍDOS	75	LATINHAS	104
CARTEIRA	77	REFERÊNCIAS	109
SURFE	78		
RUÍDOS	80		
LINHA	83		
BORRACHA	87		
RUÍDOS	88		
JANELA	89		
TABUADA	91		
RUÍDOS	93		
MANJERICÃO	94		
APAGAMENTO	95		



RUÍDOS¹



Link: [ruídos](#).

¹ QRcode *Chegança*: crianças e adolescentes no cortejo da EM José Calil Ahouagi.



LÂMINA

— *Professor!*

— *Fala, Maria!*

— *Não sei fazer conta de dividir de dois números!*

— *Ora, você já está no sexto ano!*

Do rosto de Maria à tarefa disposta no caderno, uma lágrima.

Caiu feito uma lâmina afiada!

Como diz Emile Bréhier na sua bela reconstituição do pensamento estóico: ‘Quando o escalpelo corta a carne, o primeiro corpo produz sobre o segundo não uma propriedade nova, mas um atributo novo, o de ser cortado’. O atributo não designa nenhuma qualidade real..., é sempre ao contrário expresso por um verbo, o que quer dizer que é não um ser, mas uma maneira de ser... (Deleuze; Guattari, 2015, p. 6, grifo no original).



Silêncio!
 Outra lâmina.
 Uma navalha que se divide em duas, duas vidas.
 Duas meninas.
 Duas peles,
 uma negra outra branca,
 dividem, se entrelaçam em suas histórias,
 em suas geografias.
 Como num mar,
 num movimento turbilhonar correria no corredor, meninos
 chamam:
 — *Professor, professor!*
 Elas estão se cortando!
 Uma navalha
 Duas lâminas?
 Quantos corpos?
 Correria!
 Confusão, perplexidade, fôlego, “o pulso ainda pulsa”.
 Enquanto desenha, define linhas e curvas para se fazer a
 arma, em armas, enquanto projeta, o projeto se lança, se
 instala – cria corpo.
 Linhas desenhadas sob o ferro e aço – arma toma forma –
 delimitando espaço.
 Espaço que se projeta para o corte do que virá produzindo o
 presente – agencia – comunica – inventa a velocidade rompe,
 desloca, produz.
 Meninas que cortam braço, pulso, pele. Sentidos.
 “Assim esqueço minha dor”.
 A dor povoa a pele, se evidencia nela, compõe por ela e nela
 habita.

Afetos nesse turbilhão de espectros!
 Quem atende? Quem socorre?
 Professora eventual acolhe, escuta. Leva tempo! Tempo em
 feminino.

**O que o instante extrai assim do presente, como
 dos indivíduos e das pessoas que ocupam o
 presente, são as singularidades.
 (Deleuze, 2015, p. 171).**

Gênero?
 Meninos se cortam?
 Navalha se desdobra em duas? Pra fazer vazar?
 Existir feminino? Existir nômade?
 Marcas profundas em superfície!
 Braços que revelam.
 No corte a revelação do que se julgava profundo.
 Violências, abusos, abandonos, medos...
 Solidão! Culpa! Incompreensão!
 Esquecer a dor!
 Mover a dor! Deslocá-la.
 Mover o corpo, itineirar-se.
 Desidealizar-se.
 Inquietamentos.
 Navalha – corte – corpo
 Corpo – navalha – corte
 Corte – corpo – navalha
 inesperadas linhas de fuga.
 Cavar caminhos.
 Não há abrigos?

FOLHA

Lâmina, do latim *lamina*, folha delgada. Da folha que recebe as palavras, da pele que é cortada, da pele que é tecido, que é lâmina. A lágrima que cai afiada sobre o caderno é lâmina cortante, provoca e desafia. Que uma lâmina produz em pesquisa? Folha, fina de metal, de vidro ou de qualquer outra coisa, folha de papel. Instrumento de escrita, evoca uma fina espada. A lâmina que se divide em duas, corta a pele! A pele é a superfície mais profunda (Deleuze, 2007, p. 106). Pele - lâmina.

A lágrima cortante deixa a folha em carne viva. Qualquer coisa muito fina e lisa. Lágrima e pele. Membrana ou camada muito delgada de um tecido ou de um órgão: quem corta quem? Que forças e que querereres experimentam um cortar? Corte: um rasgo na pele, passagem ao fluxo intenso da vida. Repousar uma pesquisa sobre lâmina, geralmente de vidro, pequena e delicada, destinada a receber amostras microscópicas. Analisar o quê? Não há nada para se explicar, nada há para entender.

Devir-lâmina em pele, em lágrima, em folha. O que pode uma lâmina? O rosto, já azeitado, caminhou ingenuamente para a guilhotina. Um corte. Há profundidades desenhadas nas cicatrizes sobre a pele. Outro corte. Mapas se produzem sobre a pele. Cartografias de lâmina sobre lâmina.

Na superfície da lágrima, a lâmina d'água é a distância entre a lágrima e a superfície do mar. O que há de mais cortante que uma lágrima na aula de matemática? O que há de mais afiado na lágrima/lâmina na escola? Faz sangrar. Quem sangra? Sangra conteúdo, sangra currículo, sangram normas!

A fina camada, a pele que se faz em linhas e mapas, é mais profunda que a fina membrana dos olhos de quem vê? A fronteira, o corte acelerado, mapas, linhas, acontecimentos. Cortar na espessura, afinar-se com o que acontece. Quais as linhas que são desenhadas ali? Atenção às fissuras. Acontecimento na velocidade do corte. Ele nos espera, nos espreita.

Dançar sobre a lâmina afiada, incertezas e querereres – a lágrima cortou o rosto, cortou a folha, cortou o instituído. Povoou sentidos. A lâmina produz mapas em pele. Instabilidades, acontecimentos, suspensões e descontinuidades agora se estendem como lâminas em todas as direções, profundidades, superfícies e num entre, como numa encruzilhada.

Uma afirmação! Que vida se afirma aí? Que vidas se sustentam ali? Não é só interpretar porque se cortam. É para além do corte. Ficar no que se passa. No entre. Ficar no entre lâminas, no entre corpos: pele, lágrimas, lâminas.

Corpos (des)ocupados. Corpo que se debate. Um entre corpos. Braços que se entrelaçam, afastam, prendem. Um corpo que se debate pelo chão. Chão corpo! Outro corpo que toca, respira, interfere, bem ali, no meio do pátio. Outro corpo que vê, outro que se distancia, outro que se aproxima, outro que discursa sobre o movimento impreciso e tenso. Não há corpos separados, há linhas e linhas de fluxo que conectam, desconectam e reconectam tais corpos, numa maquinaria em invenção. Como um corpo se ocupa das tensões e apreensões de outro e outro corpo? Quais apreensões e linguagens são produzidas naqueles que experimentam?



ESPELHO

Uma imagem através do espelho está sem cor?

Um risco no espelho. Um estrondo, uma fresta surge. De onde vem esse estrondo? São tremores? Convulsões? Batidas? Pancadas? São trovões? São rimados? Ou estão a barulhar sem ritmo algum? Um lampejo?

Aquele dia iria chover muito. Logo após as primeiras gotas de chuva começarem, veio a tempestade. Parecia prenúncio de inundação. Desce água ladeira abaixo, arrastando tudo.

Acho que o céu vai desabar, pensou ela!

Ela corre até a janela, sentiu o estrondo pela casa, um trovão! Uma tremura lhe percorre o corpo! Ela chora! Choro e chuva se misturam. Ela se olha pelo vidro da janela, embaçado pela umidade, tornou-se quase um espelho.

Entre lágrimas, respira ofegante, tremores, o peito parece que vai explodir. Não era um espelho, era só vidraça embaçada. Imagem ofuscada, sem cor! Sem palavras.

Nada escuta. A chuva estraçalha as telhas sobre a casa. Ela murmura:

Não consigo me olhar! ”

Ninguém para escutá-la!

Agora, à medida que a chuva se intensifica, as lágrimas escorrem. Na garganta um nó! Sem forças, sussurra:

Não consigo me olhar pelo espelho! ”

Em choque, parada frente aquele provisório: instante espelho, ela solta. Ninguém, não há ninguém para ouvi-la. Ela ganha forças, num esforço gigantesco, ainda com as lágrimas inundando tudo, ela grita, estraçalhando os silêncios:

Não consigo olhar para o meu corpo! Ah! Não consigo me olhar através do espelho! Não consigo ver meu corpo no espelho sem sentir vontade de me cortar ou de acabar com minha vida! ”

Tudo fica mudo!

Não há nuvens, não há chuva, nem trovão. Há lágrimas, há tremores, há cravos na garganta, o peito vai explodir.

A lâmina desliza cortante sobre o corpo, o braço, a pele. Num grito, dor, alívio, mistura de sentimentos, medo, angústia.

Agora é tormenta vermelha, escorrendo por fios e fios, misturando-se em lágrimas, arrastando tudo.

Não tenho forças, alguém para me levantar? Não quero morrer! ”

Suas lágrimas, tingidas com vermelho intenso inundam o corpo, o chão, o quarto, uma lágrima se arrebenta na vidraça, bem na fresta!

Agora se vê através da fresta, para além da fresta. Num espelho sem imagem, outras cores se produzem. Acabou de acordar, um pesadelo?

Veste a camisa desbotada do uniforme, espreme o corpo na calça jeans, uma meia, procura o tênis, mal escova o cabelo, já atrasada come meio pedaço de pão. Pega a mochila, sai em disparada para a escola. Esquece a sombrinha, a capa de chuva. Será que vai chover?

Já na escola, há sussurros e muito barulho. Alguém, no dia anterior, quebrara o espelho do banheiro. Um soco, bem dado, bem no centro do espelho. Uma marca de sangue, alguns cacos pelo chão, outros ainda resistem juntos à parede. Várias frestas, corte, lâminas em imagens, imagens em lâminas, produzindo mundos distorcidos!

Não há sujeito,
Há processos, processos e processos!
Onde pousar no caos? Onde encontrar provisórios abrigos?

EXPERIMENTA

Menta -pimenta - π é i n-finita faz order -
Ardência em infinito!

Ander a produção, produzir em cosmopercepção

E, e, e,

A escola, o pátio, a sala, a encruzilhada, modos de
~~construir~~—~~fazer~~—de existir,

Resistir em vida,
com a vida frágil, insistente, instável, incerta!

Como a vida se-produz nua e na, e em e pela pele escola?

Seus dispositivos

Suas rotinas

Seus acontecimentos

Suas frestas.

Sobe sobre o banco, frágil banco, prega teu corpo no corpo
da fresta do corpo do muro,

Expia e vê, o que percebe, quais sentidos se dão para além
disso?



PORTÃO

Não havia portões nem muros na primeira escola onde trabalhei. Foi há mais de 30 anos, na zona rural de Passa Vinte (MG), onde comecei minhas primeiras andanças como professor. Nessa escola, situada à beira de uma estrada de chão, sem luz elétrica, com telhas de amianto sem forro, fazia um calor enorme no verão. Já no inverno, a temperatura caía drasticamente.


As crianças com as mãos geladas de frio, ficava difícil escrever. Trabalhava com turmas multisseriadas – pré, primeiro e segundo ano do primeiro grau (educação infantil e primeiros anos da educação básica). A turma variava entre dezessete e vinte alunos, todos filhos de trabalhadores rurais, alguns com escassos recursos.

A situação de vulnerabilidade econômica na qual aquelas crianças viviam era muito delicada. *Como daria conta de uma turma tão heterogênea?* Pretensão perigosa e otimista a minha: pensar em “dar conta”.

Contando com a formação de magistério, em que a aprendizagem tendia para a afirmação de um professor único, cujo “poder” para ensinar lhe era exclusivo, talvez fosse natural que eu estivesse “capturado” por esta visão de escola e de professor que me conduzia a “necessidade” de “dar conta” de uma turma e de sua realidade tão diversa.

Os portões, que não existiam, também por falta de recursos, tornavam a escola um espaço de passagem para muitos transeuntes daquela região, pois as pessoas não só paravam, como também intervinham no cotidiano escolar. A escola, um espaço de relações e conflitos onde o fora e o dentro se dobravam e desdobravam em um constante ir e vir.





A esquizofrenia é, ao mesmo tempo, o muro, a abertura no muro, e os fracassos desta abertura.

‘[...] a meu ver, para atravessar esse muro, já que de nada adianta bater-lhe, com força, é preciso miná-lo e limá-lo lentamente e com paciência’
(Deleuze; Guattari, 2010, p. 184).

FRESTA

— *Vai logo, Leonardo, desce já, vai chegar atrasado pra aula, oh!* – grita a mãe já do portão. — *Chego à noite, hoje tem roda. Vê se não se atrasa.*

Mas a mãe já prepara o braço. Ele sempre termina a noite cochilando no xeré, claro que ele fica meio acordado, meio dormindo, mas o faz para o acalento do colo da mãe.

Leo Cavaquinho, sai juntando tudo, pega a mochila e desce zureta pelo escadão afora.

Já imaginam o porquê desse apelido? Era o dia todo cravado nesse instrumento. Dizem que herdara essa sina da Vó Miloca. Com seus dez anos, vira a próxima encruzilhada da ladeira e dá de frente com Pipinha, parceirão! Parece combinação em cambalhotas com coração feito tambores de tanta correria.

Pipinha tem fama, sabe fazer pipa como ninguém, desce meio pisando malandro de sua casa, com seu chinelo gambiarra, rindo que só ele. Pra correr atrás de uma pipa, ele voeja!

Passam perto da vendinha do “Sô” Rufino do rolo! A boca enche d’água com os doces naquele balcão velho – suspiro, maria mole, pé de moleque e bala de goma:

— *Amanhã vai dar pra comprar, é dia de ajudar a tia Dina no Barracão da escola, ela sempre dá uns trocados “prá nois”.* Vai dar até pra comer um caruru, lá no beco da Dona Evaristo.

— *Olha lá – grita o Pipinha – olha quem tá dançando na esquina, aponta para um moleque alto e magrelo. Ele vai jogar lá na escolinha, “fin”.* Já tá contratado!

— *Mas heim? Ele só joga com a camisa vermelha amarrada na cabeça, diz Pipinha.*

— *Que nada! – retruca Leozin – “fin”, é preta, ca*

Seguem os dois apostando e discutindo que cor é a da camisa. Já perto da escola, há uma rotatória e, descendo, já é a escola. Ali, eles se juntam com um bando de garotada. Pipinha já sai falando com Flavinho:

— *Se atente, hoje já tô com três fichas lá pro flipe [risos] – só vai dar o pai aqui!*

— *Eu tenho quatro, “fin”!* Ajudei roupas que ela traz da patroa dela pra lavar, daí ela me deu as fichas, disse Leozin com ar de superioridade.

Janaína – Janinha –, que logo se junta a eles, já vem falando:

— *Vai dar pra ir hoje não, bobo! Tem capoeira hoje, depois da aula, esqueceu?*

— *Professor falou que vai ter aula toda quinta!* – lembrou Jana.

Sino bate!

Aquela correria para passar naquele portão de lata da escola. Quase despencando preso com arames.

O tênis do Pixinguinha sai do pé:

— *Também* – brinca Leozinho – *você só anda sem amarrar, não sabe até hoje!*

— *Pior é o seu*, resmungou Pixinguinha:

— *Com essas “línguas” pra fora, nem cordão de amarrar tem!*

Flavinho sai cotovelando:

— *Consegui a figurinha do Túlio. Completei a página, “véio”!*
Viu o gol dele? Se referindo ao gol do jogador Tulio, do Botafogo, na final do Campeonato Brasileiro de 1995.

Correria no corredor:

O professor grita de longe para os dois meninos dependurados um no ombro do outro: — *Desce já, gente. Vai começar a aula!*

No muro da escola, bem no alto, uma rachadura se fez, abrindo uma pequena fresta, um buraco, pequeno, por ele, dava para bisbilhotar da escola pra fora. Que será que eles viam tanto lá?

O professor, dessa vez, desce e se junta aos meninos para espiar pela fresta.

A pergunta é esta, professor:

O que está acontecendo lá fora que esses meninos tanto querem ver? O que você espia para além dessa pequena fresta no muro da escola? Parece que alguém está a olhar a escola pelo outro lado do muro, por essa mesma fresta, o



SONHOS

Após três anos de trabalho nessa região, sigo para Juiz de Fora para lecionar Matemática e Ciências nas redes municipal e estadual. Uma vez nessa cidade, conheci também a sua realidade rural. É relevante ressaltar que minha formação superior permite este tipo de atuação. Sou formado em Ciências, com licenciatura plena em Matemática, pela Universidade Vale do Rio Verde, em Três Corações

Nos primeiros anos de trabalho, questões sobre currículo, cultura, espaço, relações de saber/poder e conflitos eram sempre vivenciadas, mas pouco problematizadas com inquietação e múltiplos diálogos. Portanto, a fim de conduzir e orientar esses questionamentos, ingresso em um curso de especialização em Educação para Ciências, oferecida pela UFJF, entre 1999 e 2000.

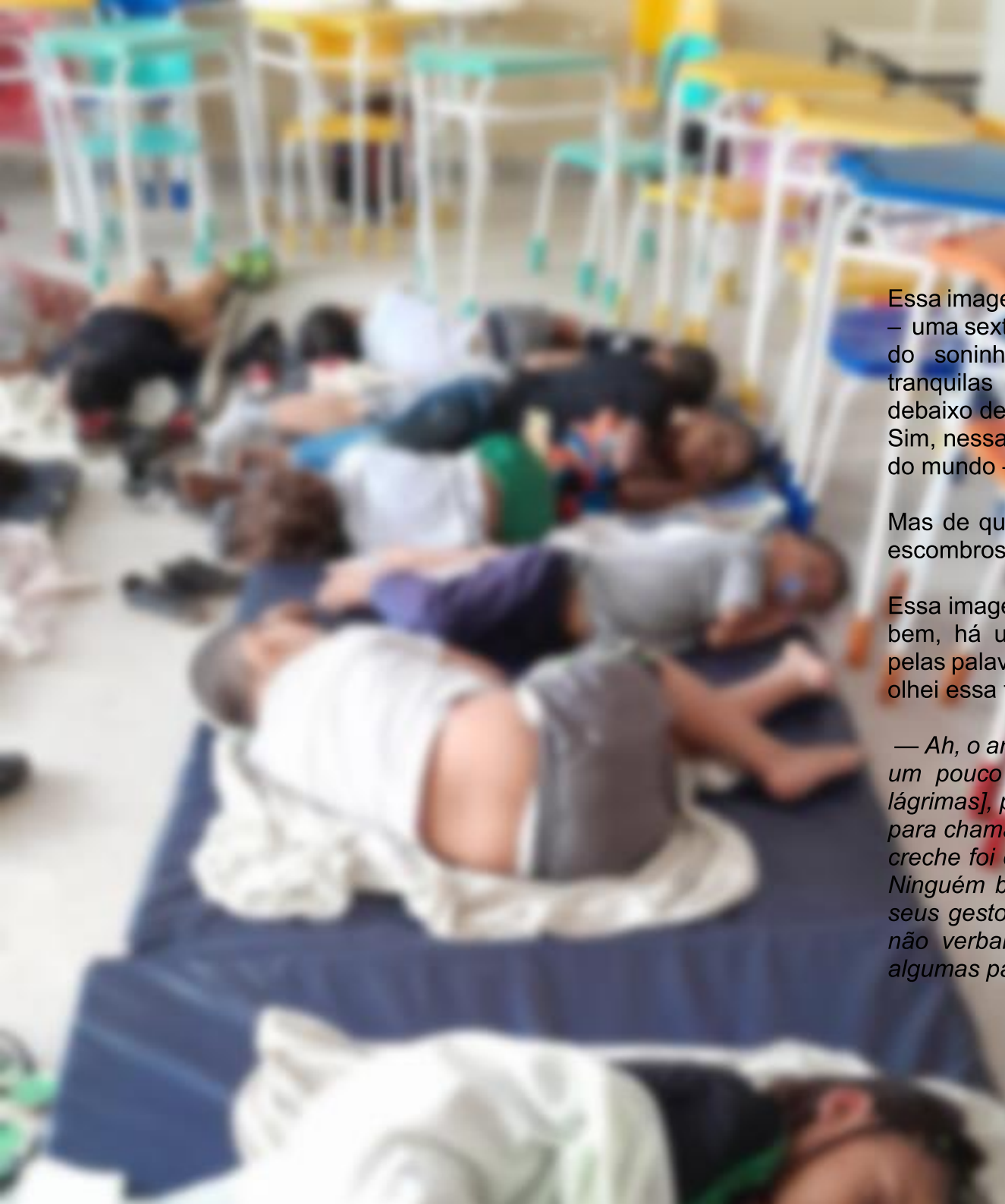
Todo esse movimento se atualizou no seguinte ensaio:

Nos nossos inquietos sonhos, desejamos e queremos sonhos tranquilos a todas as crianças do mundo.

De que Matemática falamos quando ou enquanto as crianças dormem? Qual matemática tramamos? Com qual matemática nos associamos? Com qual matemática tecemos ou conjuramos para constituir-se nessa produção de mundos que maquinamos/inventamos?

O que torna uma matemática forçosa, urgente, inevitável numa sala de aula de matemática? O que torna uma matemática forçosa, inevitável, urgente em um currículo de licenciatura em matemática? O forçoso, o urgente, o inevitável clama por ocupar vidas e mundos. O forçoso, o urgente, o inevitável solicita corpo, solicita presença. Como ocupar uma matemática que acontece numa sala de aula? Uma matemática como acontecimento. Acontecimento em sala de aula. Acontecimento.
(Clareto; Rotondo, 2021, p. 5).

De que Matemática falamos? Ou como conjurar as Matemáticas?



Essa imagem corresponde ao dia de hoje, 15 de março de 2024 – uma sexta-feira –, por volta do meio dia e meia. Um momento do soninho como qualquer outro. As crianças dormem tranquilas e seguras sem o medo de que podem acordar debaixo de escombros de guerra. Sim, nessa hora, seus sonhos devem ser os mais desconexos do mundo – aliás, sonhos de invenção de mundos!

Mas de qual matemática falamos quando crianças estão sob escombros?

Essa imagem poderia ser de qualquer outro dia. Mas, reparem bem, há uma criança que dorme muito sossegada, exceto pelas palavras de sua mãe, que soaram no meu ouvido quando olhei essa foto pela primeira vez:

— Ah, o aniversário dele lá em casa sempre foi meio estranho, um pouco triste [nisso, a mãe já estava emaranhada em lágrimas], porque só ficava a gente mesmo, não tinha ninguém para chamar, ele não tinha amigos. Nosso período com ele na creche foi curto e de dias de sofrimento, exclusão e cansaço. Ninguém brincava com ele, tinham medo dele, por conta de seus gestos repetitivos, alguns gritos, palmas constantes e a não verbalização de palavras. Aqui, ele já consegue fazer algumas palavras, e tem os coleguinhas que ficam com ele.

De que matemática falamos quando a criança não é acolhida nesse sistema de currículos, diretrizes, conteúdos, avaliações em larga escala ou coisa parecida criada nesse universo parafernália do lucro, da exclusão, da burocracia?

De que matemática falamos quando é a própria professora que pede para enviar a foto à mãe para confortá-la, demonstrando afeto e acolhimento?

Quando as crianças sonham, mundos são inventados!

Não obstante, e ao mesmo tempo, a infância é um outro: aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento. Pensar a infância como um outro é, justamente, pensar essa inquietação, esse questionamento e esse vazio. É insistir uma vez mais: esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não compreendem a nossa língua. (Larrosa, 2006, p.184)

— *Sabe, diretor, eu nunca tinha reparado essas plantas aqui* – falou o menino, de sete anos, de cima de um tronco de madeira com as mãos se abrindo ao espaço para me explicar. — *É que essas plantas, essas folhas têm cores diferentes mesmo sendo da mesma árvore.*

Fiquei com essas palavras e me recordando da mãe desse menino, que, no dia anterior, chegara na escola aos prantos, dizendo que não tinha o que fazer para deixá-lo ali. Isso por

conta do horário de entrada, que se dá muito depois de sua necessidade em sair para o trabalho. *Precisamos arrumar um jeito, mãe. Vamos dar um jeito.* Ela continua sua história dizendo que, no dia anterior, seu ex-companheiro havia deixado a família assim, do nada. Simplesmente, depois de alguns anos, decidiu que não queria mais ficar com eles. Ela estava em choque ainda, relatando que o patrão a havia levado na escola para resolver a entrada da criança, pois ela não poderia se atrasar para o trabalho.

De que matemática falamos com as mães solas? Com as mães trabalhadoras?

De que matemática falamos quando nós, homens, insistimos com nossos machismos, egoísmos, abandonos e desrespeitos?

O que é, o que é?

Clara e salgada

Cabe em um olho e pesa uma tonelada

Tem sabor de mar

Pode ser discreta

Inquilina da dor

Morada predileta

Na calada ela vem

Refém da vingança

Irmã do desespero

Rival da esperança

Pode ser causada por vermes e mundanas

E o espinho da flor.

(Racionais MC'S, 2002, faixa 15)

De que matemática falamos quando a dor e a insegurança já não cabem no peito?

— *Ah, meu filho é assim – disse a outra mãe – mas eu fico preocupada, eu não sou essa mãe que pensam, mãe implicante, não sou, mas tenho medo, tenho medo de que no futuro ele viva todo o sofrimento que ele passou, tenho medo que um dia tudo volte!*

De que matemática falamos quando um pesquisador ou pesquisadora considerada importante no meio acadêmico afirma:

As pesquisas mostram que o meio ambiente pode agilizar ou retardar o desenvolvimento lógico matemático. As crianças de culturas mais industrializadas geralmente desenvolvem-se mais rapidamente do que as de culturas menos industrializadas. Dentro de um mesmo país, as crianças de nível sócio-econômico médio-alto desenvolvem-se mais rapidamente que as de baixa renda, e as que vivem na cidade mais rápido do que as que vivem nas zonas rurais (Kamii, 1990, p. 38).

De que matemática falamos quando, nessa incerta hora, eu ouço os dizeres do saudoso Negô Bispo:

Os povos da cidade precisam acumular. Acumular dinheiro, acumular coisas. Estão desconectados da natureza, não se sentem como natureza. As cidades são estruturas colonialistas. Nem todos os povos da cidade são povos colonialistas, mas a cidade é um

território colonialista. Há povos vivendo a duras penas nesse território colonialista (Bispo, 2023, p. 10).

E, ainda: “[...] nós não temos cultura, nós temos modos - modos de ver, de sentir, de fazer as coisas, modos de vida. E os modos podem ser modificados” (Bispo, 2023, p. 11).

De qual matemática falamos, quando contamos sementes? Quando amassamos o barro? Pintamos nossas roupas com as cores da terra? Quando sentimos o cheiro da terra molhada? Quando juntamos gravetos para fazer um trabalho com a professora na escola?

Quando esperamos, pacientemente, a danada da lagarta que se atreveu a fazer-se em casulo dentro do nosso tênis, assim ficamos, por volta de treze dias, pisando descalços, até que ela resolva nascer de novo?

Ao dialogar com Krenak, reivindicamos que nossas matemáticas possam ser cheias de sentidos, serem úteis para alguém e para alguma coisa. Possam ajudar a confortar o mundo. Peçamos ajuda para que as matemáticas nos auxiliem a escolher o melhor tronco, a melhor ferramenta, o maior cuidado, o tempo dedicado a fazer o melhor e mais bonito remo:

Os meninos remavam de maneira compassada, todos tocavam o remo na superfície da água com muita calma e harmonia: estavam exercitando a infância deles no sentido do que seu povo, os Yudjá, chamam de se aproximar da antiguidade. Um deles, mais velho, que estava verbalizando a experiência, falou: “Nossos pais dizem que nós já estamos chegando perto de como era

antigamente” Eu achei tão bonito que aqueles meninos ansiassem por alguma coisa que os seus antepassados haviam ensinado, é tão belo quanto que a valorizassem no instante presente. Esses meninos que vejo em minha memória não estão correndo atrás de uma ideia prospectiva do tempo nem de algo que está em algum outro canto, mas do que vai acontecer exatamente aqui, neste lugar ancestral que é seu território, dentro dos rios (Krenak, 2022, p. 3, grifo no original).

— *Ela é muito quieta. Não fala com ninguém. Quer dizer, com quase ninguém* – disse a mãe angustiada. — *Mas teve muito doente, achei que iria perder minha filha* – um nó na garganta já se contorcia – *quando ela ficou internada, só aceitava eu ficar com ela no quarto. Daí eu pensava, ela só tem nove anos, eu me sentia desamparada. Quando eu saía à noite do hospital e trocava turno com o pai dela, ela me perguntava se eu iria voltar no outro, mãe? Anã, não vai voltar? Eu ia embora chorando todo dia do hospital. Ela tá com muita dificuldade de escrever, ler e aprender essas coisas de matemática. Até professora particular arrumei para ela.*

Ainda que beirando o chão, ainda que emitindo, uma luz bem fraca, ainda que se deslocando lentamente, não desenham os vaga-lumes, rigorosamente falando, uma tal constelação? (Didi-Huberman, 2011, p.60-61).

Esses colchonetes estão pequenos para as crianças, compra maior. Então, a matemática que financia a escola não é suficiente, ou foi reorganizada para outra função, ne?! *Você especifica a matemática, mas a vida é maior que a matemática ou a escola, sei lá, dá vontade sair correndo!. Mas apesar de tanto sofrimento, a escola é o lugar de ser criança/adolescente!*

É hora de dormir, vinte e três horas e quarenta minutos, amanhã tenho aula, como essas crianças da imagem, de qual matemática falamos quando sonhamos?



ELA

Final de aula. Com algumas crianças no portão, esperando os responsáveis buscá-las. Já quase todas haviam sido levadas. Faltavam dois meninos. Cerca de 6 anos. A responsável por um deles chega, ao vê-la o outro aluno diz:

— *Ela é homem!* – espantado, encabulado, desconcertado disse o menino.

— *Pedro, o nome dela é Maria!* – respondeu a diretora.

Ficamos em silêncio, Maria, com sua voz rouca e grave, seu cabelo comprido, camisa branca, leve, quebra o silêncio e diz:

— *Boa tarde! Já vamos nessa!*

Corpo demarcado, ELA É HOMEM! Uma ideologia de gênero se faz presente, definindo corpos, sexos, atitudes, comportamentos. Neocolonialismo, rebatimento, necrossexismo!

Neocolonialismo, rebatimento, necrossexismo são táticas que integram o que poderíamos designar ideologia de gênero. Diferentemente do que costuma ser representado socialmente por grandes mediadoras de informação, a ideologia de gênero não é a tentativa de impor uma “ditadura gay feminazi comunista”. Ela se posiciona especificamente na contramão de quaisquer dissidências ou movimentos de resistência. A ideologia não é uma teoria, mas um imaginário conservador, ou

seja, seu mecanismo reproduz socialmente uma imagem. É como se houvesse a industrialização duma imagem, implicando sua reprodução massiva, variável de acordo com as exigências do capital (Rossi, 2020, p.78, grifo no original).

Como essas coisas perfuram os muros da escola? Ficam na margem? Desde pequenos somos iniciados na política de gênero: menino/menina, homem/mulher.

Eu não nasci mulher. Tampouco nasci homem. Eu recebi a designação “sexo masculino” ao nascer, e assim o meu pênis se tornou um órgão sexual, o meu ânus se tornou o orifício por onde saem as fezes e por onde nada entra. Perdi o cu. O meu pai e a minha mãe queriam ter uma filha, melhor dizendo, uma pessoa que recebeu a designação “sexo feminino” no nascimento e cuja vulva se tornaria um órgão sexual voltado exclusivamente à penetração por um pênis que depositaria ali um jato de esperma que o fecundaria, seguindo uma narrativa quase bíblica sobre a “origem da vida” – exceto pela parte que menciona a prática sexual. A minha avó materna se sentiu orgulhosa da minha mãe – que, até então, havia tido sua aproximação com a minha avó materna adiada diversas vezes; minha mãe foi cuidada por duas pessoas diferentes, em dois estados diferentes do seu estado de nascimento dentro dessa metafísica da regionalidade – quando deu à luz um menino, pois todas as outras filhas da minha avó materna tinham tido apenas meninas. Desde a pré-adolescência, eu lidava com o suicídio como alternativa justificável para a minha

pessoa, em decorrência de uma depressão que me era muito mais acolhedora que as pessoas ao meu redor. Depressão que só recentemente pude compreender como se relaciona com a subjetividade trans,* ou seja, como que patologia e identidade se sintonizam num arranjo um tanto ruidoso (Rossi, 2020, p. 75, grifos no original).

Num caleidoscópio colocado sobre o texto, meus olhos percorriam as palavras que apareciam em determinados parágrafos com mais propriedade – dor, sofrimento, tristeza, violência, doença, angústia, medicação, solidão, depressão:

O Brasil terminou 2021 com 140 assassinatos de pessoas transgênero e transexuais. É o que consta no relatório da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) divulgado em 28 de janeiro de 2022.

A pesquisa mostra que, naquele ano, 135 travestis e mulheres transexuais e cinco homens trans foram mortos no país. São Paulo foi o estado que mais matou este grupo no país, com 25 assassinatos de trans. É o terceiro ano consecutivo que SP lidera o ranking.

Em 2020, haviam sido registrados 175 assassinatos em todo o país. A Antra – Associação Nacional de Travesti e Transexuais – afirma, no estudo, que “não há uma resposta” para o quadro, e destaca que “isso não se reflete exatamente em uma queda na violência ou no número dos assassinatos contra pessoas trans em geral. “Em 2021, o Brasil seguiu sem qualquer ação do estado para enfrentar a violência transfóbica e permaneceu como o que mais assassina pessoas trans do mundo pelo 13º ano consecutivo”, diz o estudo.

(Fonte: <https://www.geledes.org.br/brasil-teve-140-assassinatos-de-transexuais-em-2021-sp-lidera-lista/>).

Como essas coisas perpassam a escola? Uma navalha na resposta para a pergunta – o que você é? Uma lâmina, cortante faz vazar, “[...] eu sou o que você quiser!” (Rossi, 2020, p. 93). A escola e sua educação sexual para a manutenção da heterossexualidade, corpo continua sendo marcado, demarcado, socialmente determinado. Uma manutenção das políticas de morte, o Estado e os mecanismos de exclusão cada vez mais indissociáveis.

Ela não tem voz de mulher!

E resiste!

Ele tem voz de mulher!

E persiste!

Ele se senta igual uma mulherzinha!

E insiste!

Ela se senta igual um homem!

E se permite!

Ele dança igual mulher!

E não desiste!

Ela quer dançar feito homem!

E insiste!

Ela é mais forte que homem!

E persiste!

Ele é muito delicado!

E se permite!

Ela não tem delicadeza alguma!

E existe!

No nosso grupo só pode ficar meninos, ele não!

E resiste!

Essa menina quis beijar a minha filha!

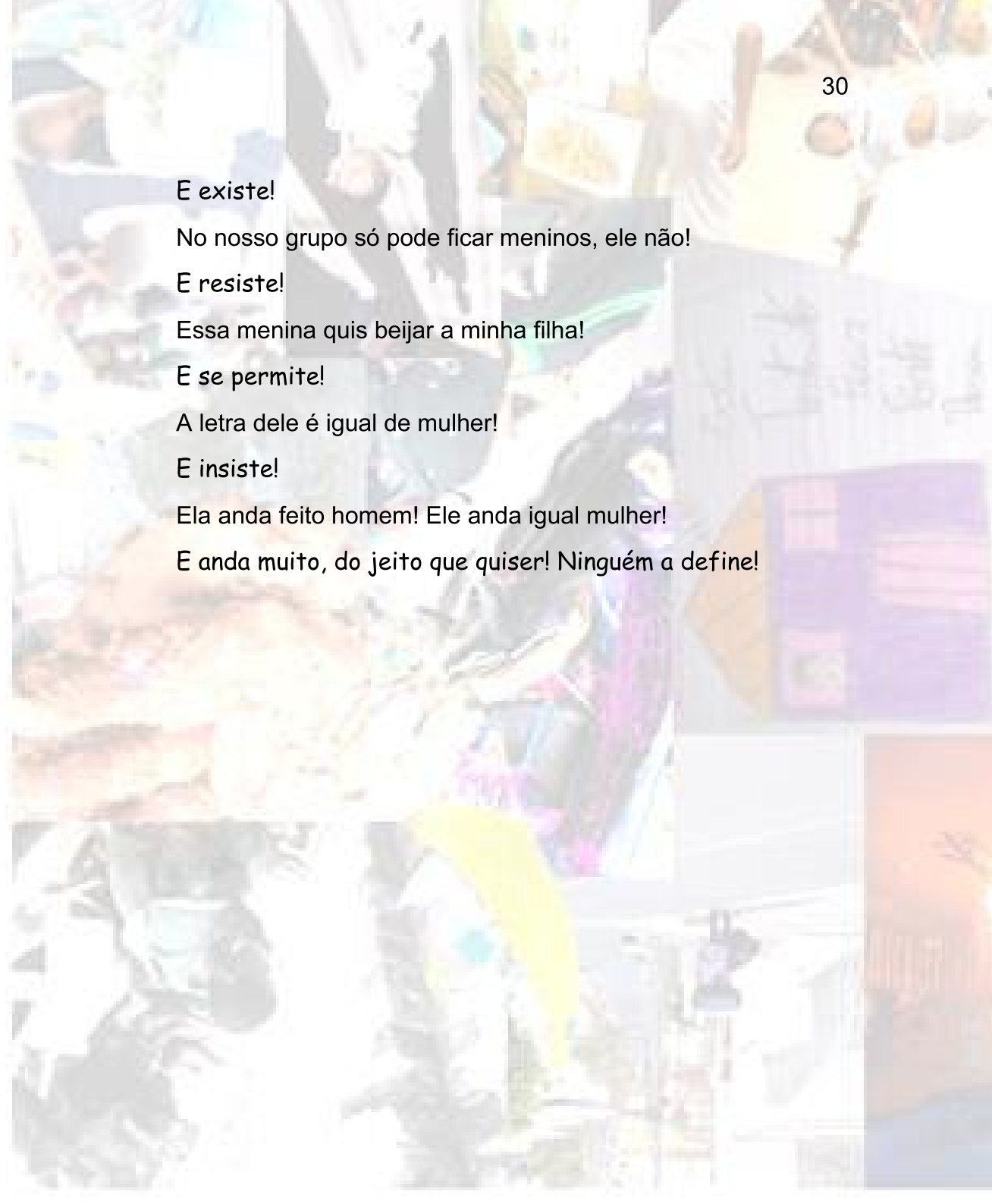
E se permite!

A letra dele é igual de mulher!

E insiste!

Ela anda feito homem! Ele anda igual mulher!

E anda muito, do jeito que quiser! Ninguém a define!



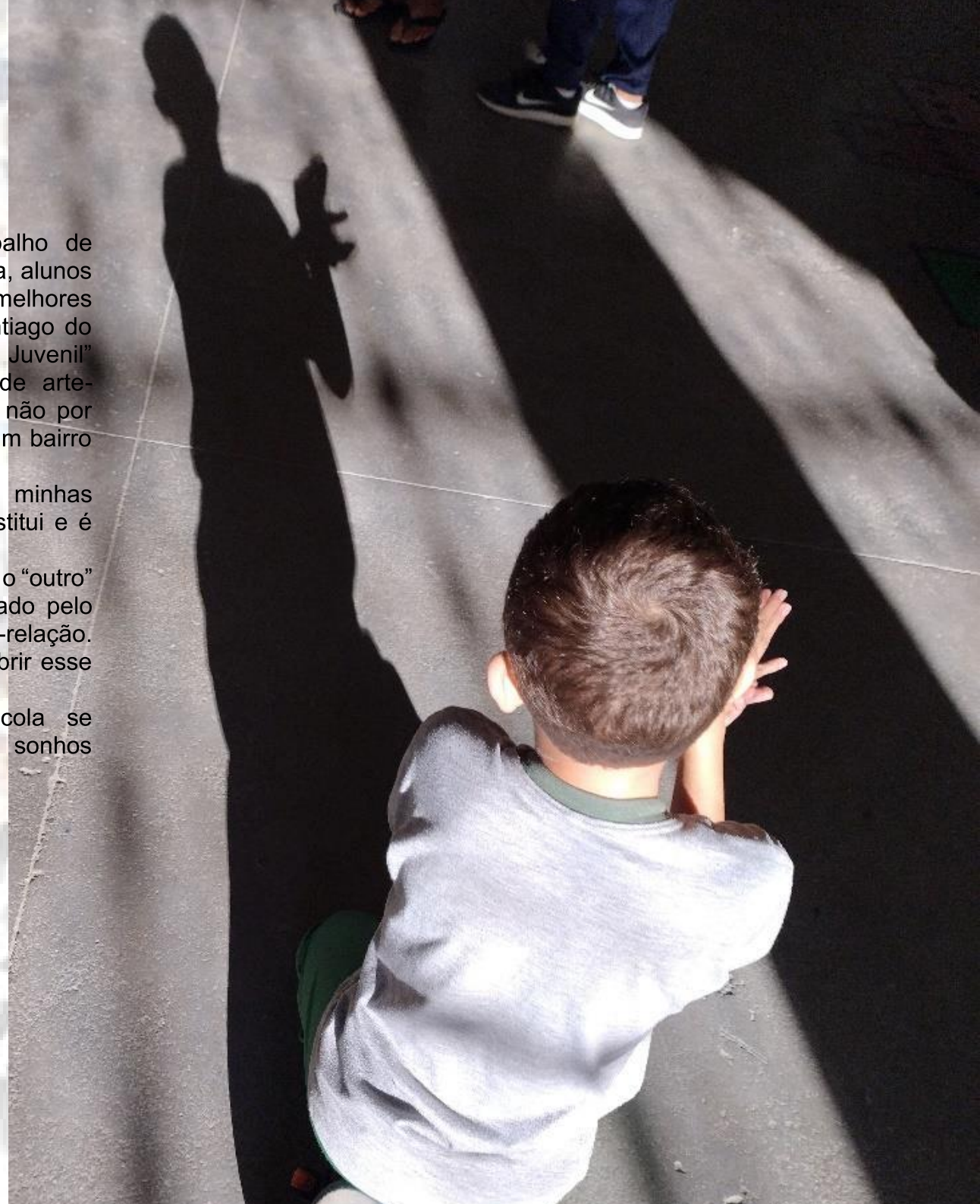
SOMBRA

Noutro período de minha vida docente, um trabalho de experimentação com o teatro no bairro Santa Cândida, alunos da Escola Municipal “Santa Cândida”. Um dos melhores momentos do grupo foram nossos dez dias em Santiago do Chile, no “I Encontro Internacional de Teatro Infantil e Juvenil” (janeiro de 2006), que contou com a presença de arte-educadores, jovens e crianças de vários países. E, não por acaso, o evento aconteceu numa escola pública de um bairro na periferia da cidade.

Experiência única e impactante alimentou mais minhas inquietações, nas diferenças em que a vida se constitui e é constituída, bem como o ato de receber o outro.

Os portões da escola abertos para múltiplas vivências, o “outro” não faltava, o “outro” era ofertado num *nós* permeado pelo sensível, pela alegria, pela surpresa da inter-relação. Presença da diferença como um convite para descobrir esse outro que nos olha e nos interpela.

No teatro de sombra, os adolescentes da escola se apresentavam. Suas vidas, suas dimensões, seus sonhos eram crescidos pelas sombras projetas no palco.



Desejo?

Castelos de areia!

Deseja um mar de areia em sortilégios!

Às vezes sentada na areia, à noite, sente-se sozinha. Olha o corredor de estrelas, ofuscado pelas luzes da cidade, Mira onde o horizonte se dobra no mar.

Queria viver outra vida!

Essa é intensa demais, tensa por demais!

Sente que suas cicatrizes foram costuradas com linhas de ferro e aço. Não quer sentir a vida por elas.

Insiste e resiste mais um pouco. Às vezes, chora!

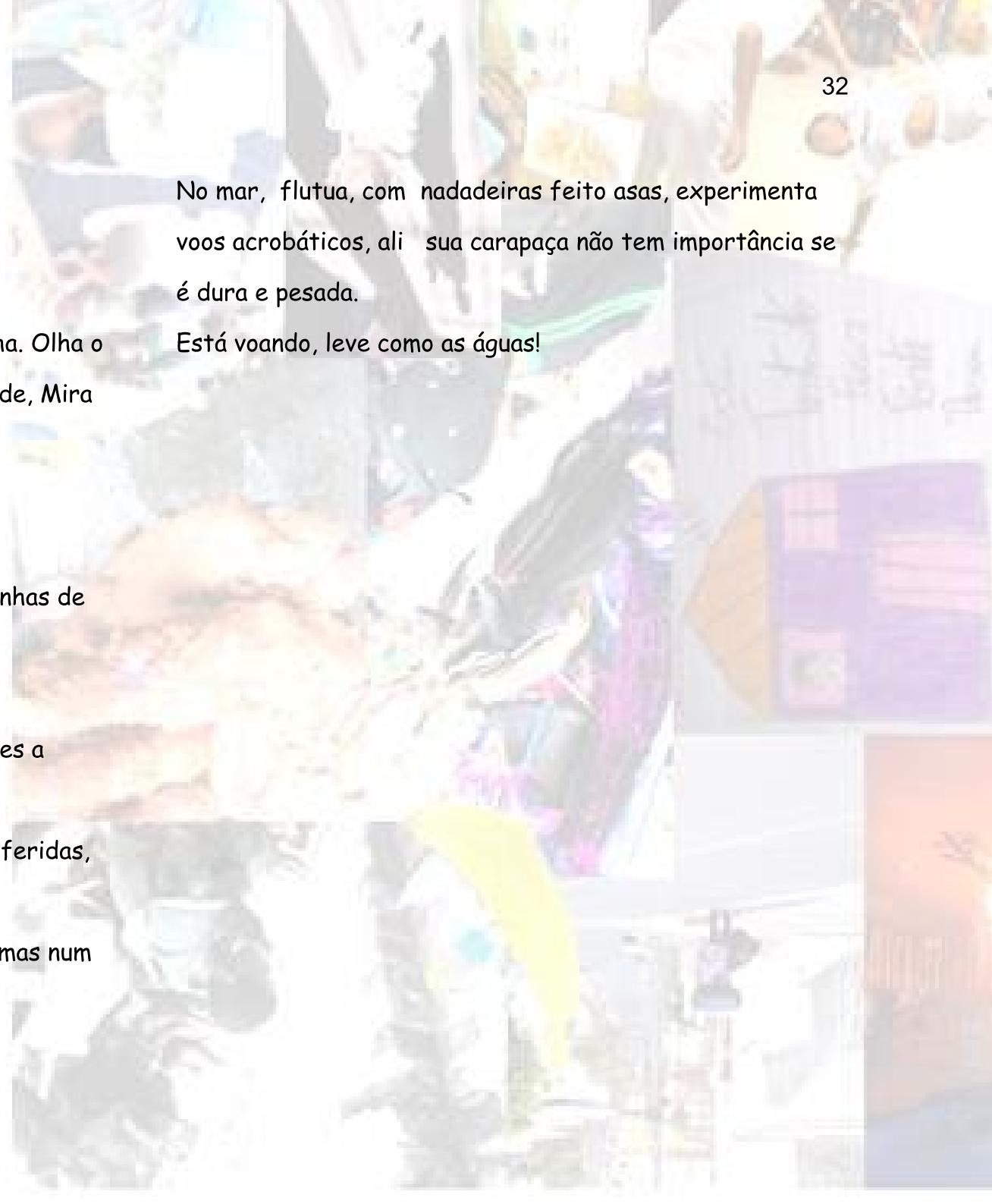
Dorme deitada na areia, desejando que outros mares a levem.

Mas aquele oceano em acontecimentos toca-lhe as feridas, que as fazem arder em brasas.

Ela levanta e se arrasta pela areia, corpo pesado, mas num breve instante já se vê mergulhada ao mar.

No mar, flutua, com nadadeiras feito asas, experimenta voos acrobáticos, ali sua carapaça não tem importância se é dura e pesada.

Está voando, leve como as águas!



Em Travessia², em micropolítica, através delas, entre elas, produzindo e, e, e,... O que escrevo é uma tese? Modos de pensar e produzir em relação!

Muitas ações e movimentos nessas encruzilhadas me afetam. Fica difícil escrever, tatear por entre tanta coisa e encontrar aquilo que seja a diferença? O que afeta? Como uma lágrima que desliza sobre a pele caindo sobre uma folha de papel pode ser a diferença? Foi numa de tantas lágrimas e aulas de matemática.

Em atravessamentos. O que um espanto de uma criança no portão para uma mulher trans tem a ver com minha pesquisa? *Ela é homem!*

A lágrima desliza pela pele em lâmina d'água, tinge a superfície com uma cor transparente, fazendo a folha, a pele, os olhos, os sentidos ganharem uma cor forte e real.

O que há de mais profundo se revela nesse entre lágrima e superfície, reivindicando a presença, a vida.

² O Travessia Grupo de Pesquisa encontra abrigo no Núcleo de Educação em Ciência, Matemática e Tecnologia (NEC) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Reúne-se todas as segundas, desde 2007, de 14h as 17h.

Ao longo da caminhada, tantos e tantas em travessia trazem ocupações com a educação e seus muitos fios. Experimentações com arte, matemática, produção de conhecimento, escrita, filosofia, esquizoanálise, escola, formação docente, questões de gênero e de sexualidade, questões de raça... maquinando estudos de processos de dessubjetivação.

O grupo segue em travessia com alguns intercessores que insPIRAM mais, como Achille Mbembe e Félix Guattari e Paul B. Preciado e Ailton Krenak e Friedrich Nietzsche e Virgínia Kastrup e

Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021) nos convida para uma possibilidade de não ficarmos limitados ao olhar. em vez de uma cosmovisão, ela nos provoca com a expressão – cosmopercepção! Porque a vida não se traduz apenas com o olhar, a escola extravasa os sentidos. Faz-se perceber em diversas formas e maneiras. Som, cheiro, gosto, toque, barulho, ruídos, intuição, processos.

Numa forma vã de que essa escrita pode ser, funcionar ou disparar micropolíticas.

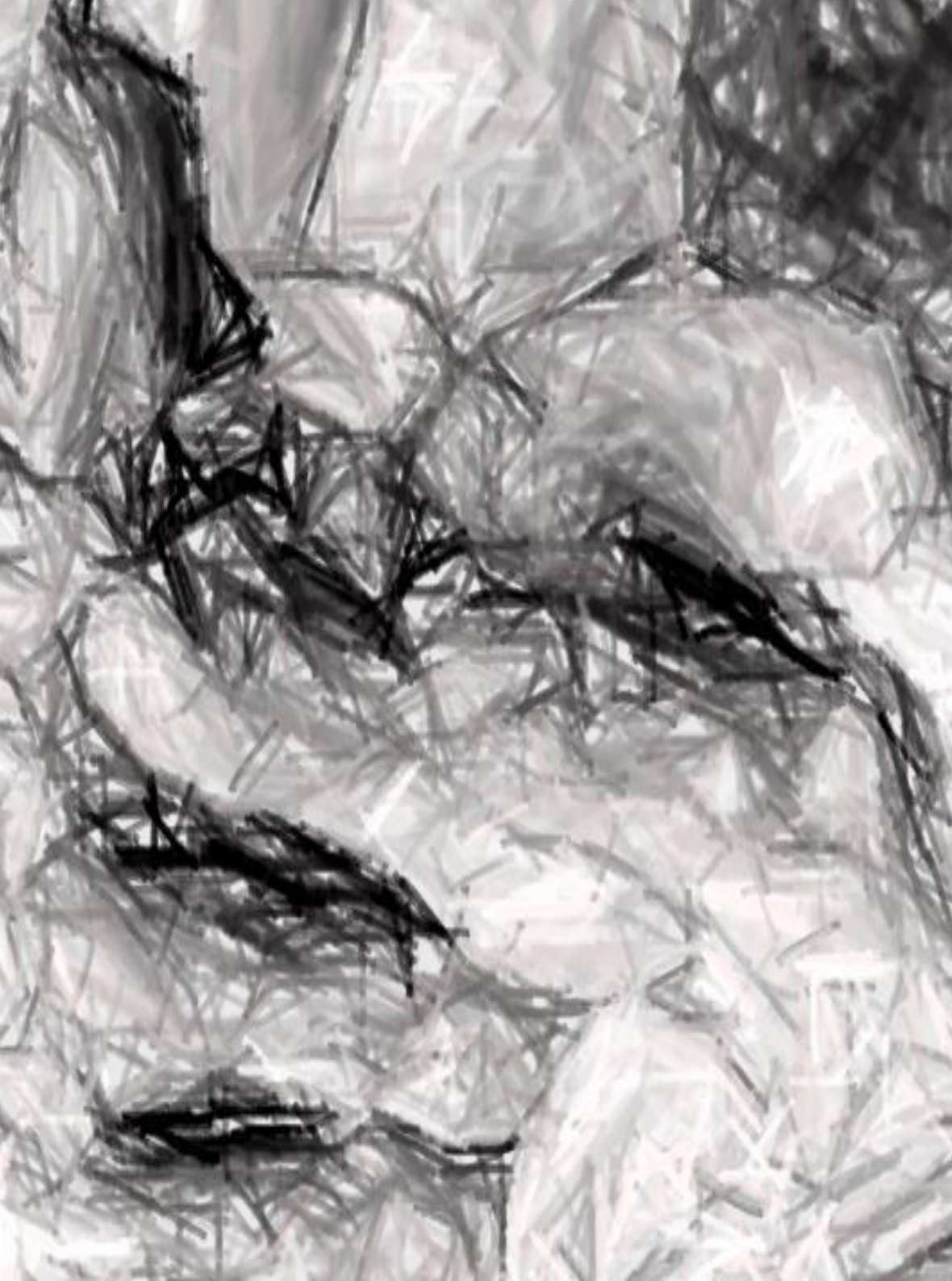
São pequenos sussurros, miúdos ruídos. A quem faz se escutar? Quem escuta?

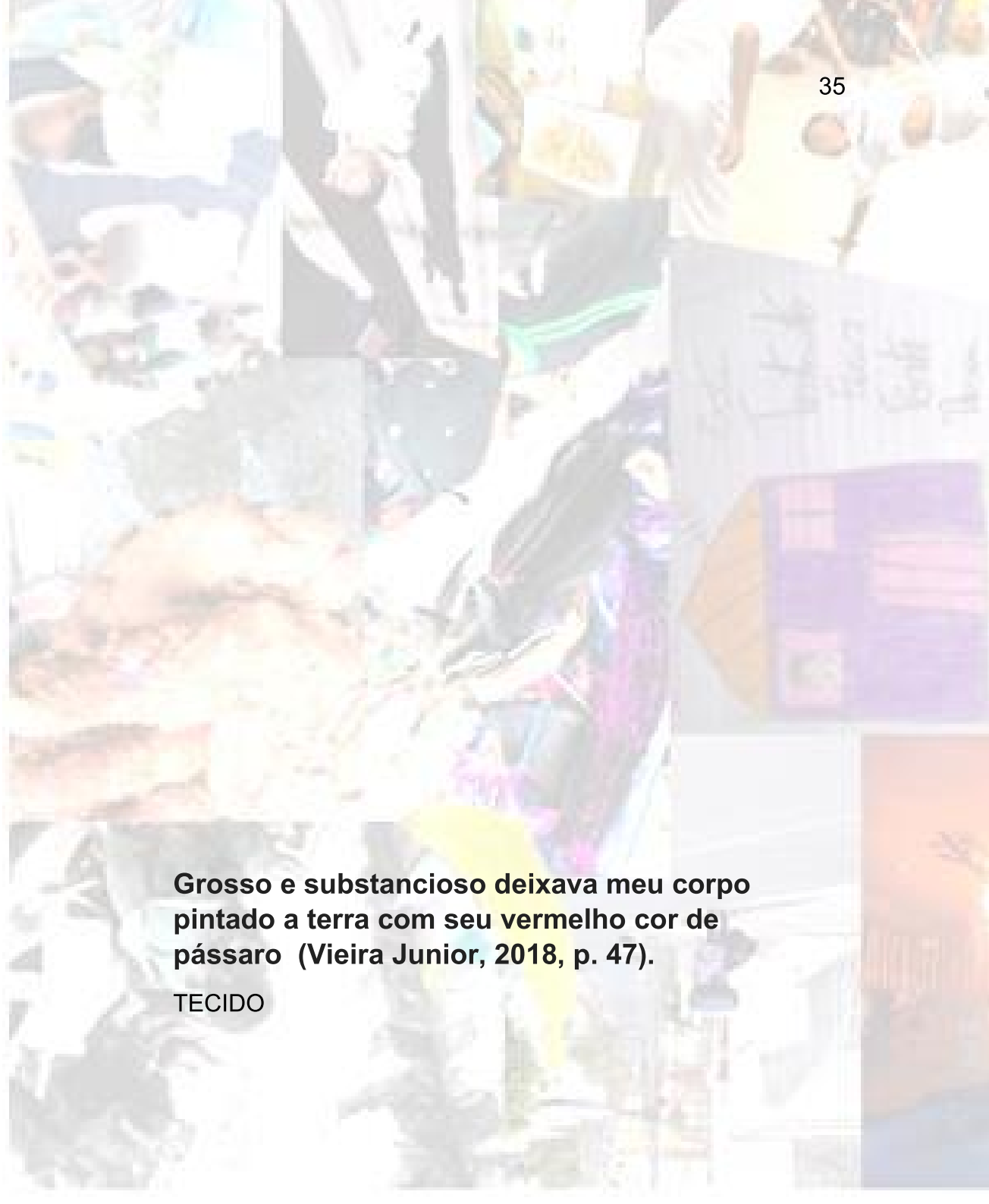
Não cabem as dores, então vaza! Sai, escorre, extrapola. Num corte nada profundo, na medida do deslize de uma lágrima sobre a pele, em lâmina.

Djamila Ribeiro e Paulo Freire e Gilles Deleuze e Tiago Adão Lara e Suely Rolnik e Clarissa Alcântara e Michel Foucault e Peter Paul Pélbart e...

Uma travessia, no emaranhado da vida, compõe-se em pesquisas junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/FACED), Programa de Iniciação Científica (BIC/PROGRAD) e Projetos de Extensão (PROEX) da UFJF. As produções dão atenção ao fluxo de vidas em educação em seus tantos territórios e em seus movimentos de desterritorialização: escolar, acadêmico, não escolar, cotidiano, político, econômico, social, cultural... Para dar conta da processualidade que se apresenta em pesquisa vem exercitando políticas de narratividade, mapeando linhas de vida que se apresentam no pesquisar.

Maiores informações em: <https://www2.ufjf.br/travessia/entrenos/>.





Grosso e substancioso deixava meu corpo pintado a terra com seu vermelho cor de pássaro (Vieira Junior, 2018, p. 47).

TECIDO

Caminha pelo corredor, desce as escadas. Busca, afeta, perpassa, acolhe, intensifica num pouso provisório.

Na escola, os movimentos, as rotinas. O recreio da educação infantil acontece. Numa escola de tempo integral, o recreio das crianças é um malabarismo de horários. Atende educação infantil até os anos finais do ensino fundamental.

Pedro se dirige para o tablado móvel de madeira, provisoriamente assentado numa encruzilhada entre as escadas, a rampa, o pátio, o acesso a escola. Agora, o tablado tornara-se um incerto palco, montado para as atividades e cerimônias culturais desses dias. Constituindo com o tablado, há, como pano de fundo, um cortinado, estendido do segundo andar até o chão.

Pedro gira em torno do tablado. Perfaz, freneticamente, não uma, mas várias voltas. Ele, com seus cinco anos, aproveita seu tempo livre e se entrega nessa brincadeira. Seu recreio, mais do que nunca, faz jus à palavra, com origem do latim, recreativo, que é definido como a ação e ou efeito de recrear. Refere-se ao acto de criar ou de produzir algo novo. Também se refere ao divertimento, prazer ou deleite, forma de distração relativamente ao trabalho e às obrigações do dia a dia. Ele insiste numa correria. Talvez cansado da cadeira dura, ele se entrega naquele movimento ritmado de voltas e mais voltas. Muito fôlego! Pedro, não satisfeito em apenas correr, impõe uma contagem em seus ligeiros passos. Ninguém parece reparar nisso. Ninguém parece dar muita importância para mais uma traquinagem de muitas outras, mais um recreio de muitos outros. Começa no um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, ... até o dezenove. Depois, vinte, dez, onze, doze, treze...

Se enrola no 19! E continua correndo e contando; quando chega no 20, se atrapalha! O ritmo, a voz, a contagem, o fôlego e o movimento contaminam, produzem afetações, provocam encontros! Ou esse acontecer já é o próprio encontro? Pedro quer saber quantas voltas ele pode dar ali, ao mesmo tempo em que avança na contagem dos passos. Agora, já está no cinquenta. Nesse processo, escuta ao longe uma voz tentando corrigir sua contagem:

— *Pedro, depois do dezenove é o vinte; depois, vinte e um...*

Mas, sempre no momento de “acertar” a contagem, Pedro passa pelo cortinado, fica invisível, desaparece! Mistério. Incerta passagem. Provisório, imprevisibilidade. Entre o dezenove e o vinte, ele desaparece e reaparece pela lateral. Corpo ocultado pela cortina. Contagem que não se interrompe. Corpo contagem! O que pode um corpo que conta? O que pode um corpo que aparece e desaparece pelos tecidos? O tecido esconde a linearidade? O presente se ausenta? Sabe-se lá quantas voltas ele deu. O sino bate, sai o menino correndo para o bebedouro. Porque água só depois do sino! Precisa recuperar o fôlego dessa correria! Corpo quente, agora na sala! Corpo/sala, corpo/cadeira. Que sala o recebe? Que espaço? Uma cadeira? Outro corpo? Corpo duro? De que dureza? Corrida, contagem, corpo/corrida, corpo/contagem, corpo/atravessamento, corpo/oculto, corpo/números! Corpo/contágio! Que corpo? Descansando sobre o tablado/palco, um objeto se apresenta ali. Parece ser de tecido, com muitos remendos. Uma infinidade de fios coloridos interpela esse objeto. Retalhos de diversas formas, tamanhos,

qualidades, densidades e origens. Uns muito velhos e desbotados, pareciam contar muitas histórias. Outros mais novos, com coloridos diversos, anunciando devires. Essa diversidade de cores é perpassada por um emaranhado de linhas, de forma rizomática. Algumas mais tensas, outras mais flexíveis, outras feitas fiapos, pareciam escapar, saltar, linhas de fuga! Conforme se descansa sobre o objeto, diversos bordados apareciam. Impossível perceber algum padrão. Pequenas vespas soltas, ora flores, algumas orquídeas. Parecia que a qualquer momento se desprenderiam e seriam levados por um miúdo sopro de ar fresco. Uma mistura de odores cheirando a terra, a floresta, a serras e vales circulam em seu entorno. Com um excesso de tecidos que tombavam em todas as direções, parecia se abrir para todos os lados. Enganando o olhar, não se percebia frente, fundos ou laterais. Em suas extremidades, havia coisas penduradas. Ao movimentá-lo, numa tentativa de deslocar esse objeto de lugar, essas pequenas peças emitiam diferentes sons. Numa mistura de tilintar de sinos, chocalhos de guizos de cascavel e cricrilar de grilos. Confundiam e comprometiam a percepção da audição, deixando tudo confuso e inquietante. Um outro mistério se apresentava ali. Pequenas frestas, pequenos rasgos se intercruzavam entre os tecidos, linhas e costuras. Seriam passagens, furos ou frestas? Seriam buracos? Rasgos?

Ninguém lembrava se Pedro estava ou não com esse objeto. Sobre o provisório palco, não aparecera nem antes, nem depois. Seria um convite para pegá-lo? Vesti-lo? Com ele correr? Saltar? Virar cambalhotas? Andar na corda bamba? Passar por círculos de fogo? Usar como asas? Martelar nossas

certezas? Provocar incertezas? Provocar risos? Provocar guizos?

Outro dia, uma carteira vazia. Pedro não estava na escola...

O esquizo leva consigo os fluxos descodificados e faz com que eles atravessam o deserto do corpo sem órgãos, onde instala suas máquinas desejanter e produz um perpétuo escoamento de forças ativas (Deleuze; Guattari, p. 178).

RUÍDOS³



Link: [ruídos](#) .

³ QRCode *Cambalhota*: voz do autor (Marcos Adriano de Almeida).



CORTINA

A lâmina colocada frente ao espelho projeta o animal. Em anagrama, em espelho, de lâmina a animal. Devir animal. Puro acontecimento então. Incorporais, impassíveis. Nunca se passando lá, onde se acredita. Vários sentidos, uma mistura de corpos, “[...] o acontecimento é sempre produzido por corpos que se entrecrocaram, se cortam ou se penetram, a carne e a espada” (Deleuze; Parnet, 2004, p. 78). Acompanhar esse efeito incorporal, essa produção involutiva de sentidos. Não reduzíveis, porém delicados, no meio do caminho, traçando caminhos, linhas, mapas, geografias.

Uma dimensão inesgotável. Não para de começar, lágrimas, peles e lâminas, algo que não para nunca. O acontecimento, entre lágrimas ou risos, enfrenta o que nos solidifica e provoca o novo. Um sempre eterno. E, e, e, e ... lâminas e mais lâminas. Sendo necessário, não o é nem ativo nem passivo. Se dá na encruzilhada, novas e em outras geografias. Cria mil labirintos, mil saídas e mil entradas. Desliza sobre a superfície lisa, se atualiza em cada ato, em cada força. Nas singularidades, desestabiliza o presente. Entre a espada e o corte, se estendendo nos dois sentidos ao mesmo tempo. Um devir-ilimitado. Faz crescer pela borda, pela fronteira.

Faz vazar a pele! Rasga a cortina! O menino que corre e passa pela cortina, é lâmina cortante. Desliza pelo cortinado. Desnuda o que cobre ou oculta algo. Desestabiliza o muro baixo que sustenta um gradeamento de ferro. Resiste ao nihilismo para além de afirmar que por trás da cortina não há segredos e não há nada a ser revelado. Aposta nos jogos de dados por entre a cortina. Na superfície. A cortina toca a terra

e se estende até o céu. A lâmina/menino, ao correr, provoca um vento, um sopro de ar fresco, que dobra, desdobra e redobra a superfície lisa. Não há mais altura nem profundidade. Há superfícies e continuidades.

Nada atrás da cortina, salvo misturas inomináveis (Deleuze, 2007). Na cortina de fumaça que se estende por todas as direções, o dedo do menino desliza no ar formando palavras, criando escritas, acontecendo junto aos sentidos que se desdobram. Sentidos inventados. O sopro de ar fresco se estende pela superfície lisa, invertendo os lados. Abre-se às encruzilhadas. Sendo o próprio acontecimento, o cruza. Encruza, vaza multiplicidades, relações e extravasa conexões das mais diversas e estranhas.

Nas dobras da cortina, algo se movimenta. Sempre um movimento. Lento ou rápido. Um liso que se dobra e desdobra. Um barulho. Uma esfera oca, criando ruídos. Vários ruídos. Acompanhado de risos, ruídos cortantes. Feito chocalhos. Parece o som do guizo de uma cascavel. Vibrando em várias direções. Um som cortante. Pela esfera oca, presa ao chapéu, a lâmina afiada perpassa, os ruídos se ampliam. Geram tremores e desestabiliza a ordem. Faz-se rir daquilo que está posto. Estremece aquilo que se julga estável.

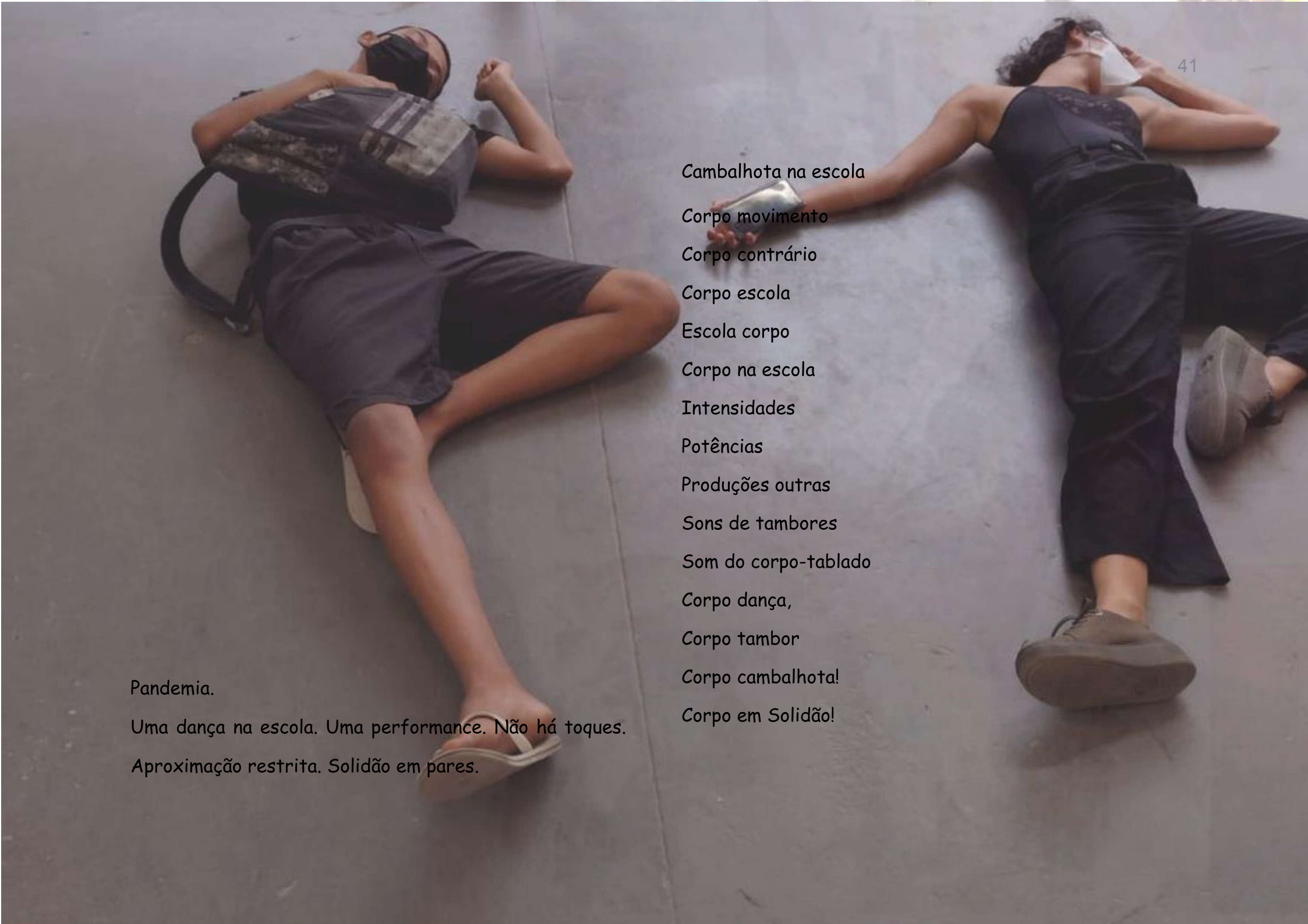
Pela esfera oca, a lâmina faz passar uma corrente de ar, estraçalha, apaga, corta o que estava preestabelecido, preexistente. No risco, no corte, na fenda, o riso atravessa, enfrenta o caos, provoca e cria. Bifurca, acelera e desacelera, entre afectos e perceptos. Mesmo às vezes imperceptível, ele se produz como uma arte na superfície. Desterritorialização de afectos. Ruídos, guizos e risos por todos os cantos.

DANÇA

Como professor, me constituo num espaço repleto de conflitos, problemas, incluindo o ensino-aprendizagem até as relações estabelecidas por todos, no espaço escolar. Mas, quais questões me incomodam junto a escola? O que buscar nesse cotidiano? Que processo deveria privilegiar como tema de estudo e questão? Bem, as ideias eram muitas: (1) ensino de matemática nas séries iniciais; (2) práticas de ensino da matemática nos anos finais; (3) espaço escolar como foco do saber – porém essa produção de saber estaria permeada por muitas outras questões. Assim, surge uma pergunta para o mestrado: como nesse movimento de relações, que é o espaço escolar, o corpo foi ou se tornou foco de disputas, objeto de disciplina, elemento de discursos?

Ao iniciar um trabalho na Secretaria de Educação de Juiz de Fora e, concomitantemente, permanecendo como professor de Matemática em outro período, muitas questões eram presenciadas no Departamento de Ações Pedagógicas, no qual são atendidas as escolas da rede municipal com: acompanhamento do projeto político pedagógico, acompanhamento pedagógico, contratação de professores e, ainda, atendimento às escolas em suas mais variadas situações de conflitos. Ali, tive a oportunidade de experimentar a escola de outro lugar, era a primeira vez em que saía da sala de aula para exercer outra função. No trabalho com as escolas na função de suporte técnico pedagógico, vários acontecimentos se deram. Um deles foi provocador do meu trabalho de mestrado: como o corpo se tornara alvo de constante investimento de saberes e poderes na escola?

Espaço que ocupamos no pátio, nos corredores, nas salas, nas carteiras, nos cadernos, na quadra, no portão, na horta, no campo, na escola. Superfícies, sem ponta, sem reta, sem início nem fim, num entre produções de vida. O tempo todo provocando e constituindo-se em relações.



Pandemia.

Uma dança na escola. Uma performance. Não há toques.

Aproximação restrita. Solidão em pares.

Cambalhota na escola

Corpo movimento

Corpo contrário

Corpo escola

Escola corpo

Corpo na escola

Intensidades

Potências

Produções outras

Sons de tambores

Som do corpo-tablado

Corpo dança,

Corpo tambor

Corpo cambalhota!

Corpo em Solidão!

GUIZO

Um guizo sobre a cadeira. Os ruídos se acentuam. A lâmina continua seu movimento. Agora, o corte está extenso. Vazamento por todos os poros. Um ruído – não saio. Estremece, várias forças se instalam ali. Essas palavras ganham força por todos os lados. Cortina, corredor, palco, encruzilhada. Na cadeira, toda uma ancestralidade se corporifica ali. Uma incorporação. Corpos que se cruzam, encruzam. Os sentidos extravasam tudo. Não adianta cerrar os ouvidos. Pois tudo vibra. Combate, enfrenta aqueles que a tudo inferiorizam. Faz ruir o preconceito, perpassa o contínuo colonial, opera revelando o racismo. Abre possibilidade de outras vozes serem ouvidas. Feito uma lâmina, lisa e cortante, emerge como uma ação transgressora e potente.

Uma cadeira transborda. Não há como parar o fluxo. É puro acontecimento, tão latente que silencia, inquieta e produz singularidades. Um devir negro. Um devir lâmina. Devir animal. Não se sustenta no pensamento da indiferença nem da inércia. Agora, é corpo que fica, não no cárcere. Pausado ali, ele experimenta e faz experimentar uma liberdade conquistada. Só se levanta quando quer, depois de enfrentar o ódio, o nojo, o brutalismo. Quando se levanta, já é uma encruzilhada:

É lá que mora, se incorpora e se corporifica a grande boca do universo. Engole o que há pela frente para depois o cuspir, restituindo outro mundo. A encruzilhada é ambivalente, não define lado, é o palco de todos os tempos e das possibilidades. Nela se acende a vela –e se vela a vida –acompanha de marafo. Nas travessias, nos caminhos feitos, nas palavras trocadas de boca em boca, nos gestos e imagens que compõem a vida comum, os seres reinventam a vida em encruzilhadas (Rufino, 2019, p. 37).

RUÍDOS⁴



Link: [ruídos](#) .

⁴ QRCode *Tambores*: Som da oficina dos tambores da E.M. José Calil Ahouagi.





CARPETE

Tablado de madeira, tempo livre, aproveitado para planejar outras coisas! Ficamos ali, eu e uma professora, colega de trabalho, tentando resolver algumas pendências. De repente, uma cambalhota se faz: Vrazzz! Bagunça tudo, treme, ecoa! Um barulhão!

O carpete sobre a madeira firme projeta-se como um tambor num som grave! Percussão de um corpo que se lança! Livre! Ao mesmo tempo, se impõe num movimento certo, perfeito! O menino de oito anos, em seu horário de recreio, corria com outros colegas, mas só ele se revirou naquele tablado. Revirou as miudezas do carpete! Poeira, papéis e som! Sons, tremores, vibração!

Percebi. Senti. Ressoou! Depois, se levantou, tudo de uma só vez, mas o movimento ficou. Não sei explicar, se intensificou ali, provocou outros afetos, como que fios invisíveis a dar a pensar a vida naquele momento. Que vida se faz na escola? Quais acontecimentos fazem vibrar a escola?

São tantas cambalhotas todos os dias na escola. Por que essa? Ocorre que aquela foi percebida, foi acolhida e recebida. Trouxe um fio, uma faísca de toda a sua escola no seu rastro. Muitas perguntas se fazem! O brincar na escola! O tempo na escola! A vida que se faz e provoca outros lugares de afeto. Giros, saltos, correria, quadro, livro, aula, disciplina, currículo, cadeira, mesa... o que se escapa nessa rotina?

A cambalhota desorganiza, interrompe, muda de direção, de sentido o que fora planejado, corpo-tablado-tambor-afeto-risos! Desafia o ritmo, convida para o instável, desestabiliza o linear. E depois?

Mas o começo de Alice (toda a primeira metade) procura ainda o segredo dos acontecimentos e do devir ilimitado que eles implicam, na profundidade da terra, poços e tocas que se cavam, que se afundam, mistura de corpos que se penetram e coexistem. À medida que avançamos na narrativa, contudo, os movimentos de mergulho e de soterramento dão lugar a movimentos laterais de deslizamento, da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Os animais das profundezas tornam-se secundários, dão lugar a figuras de cartas de baralho, sem espessura. Dir-se-ia que a antiga profundidade se desdobrou na superfície, converteu-se em largura. (Deleuze, 2015, p. 10).

Ah! O menino, que já havia se levantado, olha rápido para mim e dá um leve sorriso! Como que percebendo que sua peripécia fora estrondosa! Outros virão, cambalhotando a escola. Vidas que se afirmam!

SALTO

As tramas das relações de poder, pensadas como ação sobre ações, como processo que nos subjetiva em redes de relações, como práticas sociais, que produzem modos de olhar, pensar e saberes (Veiga-Neto, 2005). Relações de poder como luta, estratégias, resistências, disputas, afrontamentos, como algo que se exerce através de mecanismos disseminados por toda a estrutura social (Machado, 1979), povoam meu trabalho de mestrado, minha pesquisa, meu cotidiano dando-se em relações com o espaço escolar e seus acontecimentos.

Um aluno que, saltando o muro para dentro de uma escola, tirou toda a roupa, ficando nu no pátio. Haveria uma relação desse acontecimento com a produção de discursos, saberes, práticas e relações de poder na escola? Seria possível questionar situações como essa e tentar descobrir resquícios dessa produção do sujeito, desde o século XVIII até hoje? Tendo uma formação centrada em Matemática, eu poderia me aventurar por outros campos do saber e dialogar com autores que tenham colocado acontecimentos do cotidiano em suspenso? Tentar descobrir, nos interstícios dos acontecimentos, a deslinearidade da história, o outro do discurso, os processos de resistência, o corpo ou quem sabe a vida como objeto de investidas de saber/poder?

Problematizar, enfim, o espaço escolar, para dar corpo às minhas inquietações, é uma forma de pensar a escola também como local de possibilidades, de liberdade e de resistência. Quer-se pensar também as estratégias de resistência através das próprias vidas envolvidas nesse movimento de ir e vir, provocando uma mudança de lugar, um “fora” das

determinações fixas; o que representa, de certo modo, fluxo vivo do espaço escolar, onde saberes, poderes, discursos, práticas, ações, corpo e imagens entrecruzam-se num espaço fluido, sem começo nem fim, misturando-se nesse meio, nesse emaranhado de teias que constitui, faz e desfaz, constantemente, os sujeitos da educação.



CADEIRA

Uma cadeira transborda!

— *Não saio!*

— *Não vou!*

Fileira do meio, sala de aula, primeira mesa. Sobre a cadeira, um corpo resiste!

— *Não saio! Não vou! Dessa vez, não fiz nada! Não vou sair! Aquela voz se projeta, mesmo engasgada, mas com uma força descomunal, com total afirmação, carregada de poder e significados dizia:*

— *Não assino ocorrência alguma!*

Por um instante, breve instante, alunos, direção, professor e coordenação, paralisados.

Pedro suspendeu o tempo! O menino suspendeu a própria escola.

Ele dobrou o espaço. Com sua voz, ação, corpo e gesto, petrificou todos, explorou a coragem, violentou a hierarquia, suspendendo, assim, a própria escola!

Fez-se presença na sua ação afirmativa de vida!

Não ressentiu, provocou!

— *Não saio! Não vou, não assino!*

Um pequeno intervalo de tempo à vida fecunda. Alimenta o espaço, preenche todos os lugares, transborda, beco a beco, sua audácia!

Ousa!

— *Não me levanto!*

Aqueles que assistiram, estarecidos, sem ação, acuados em suas distintas funções, cedem um passo atrás!

Já o Pedro de 14 anos, negro, amplia sua presença ao não se mover.

— *Ninguém me coloca a mão! Dessa vez, fiz nada não!*

Como que dispersos em sonhos, tentam negociar em vão! Naqueles infinitos minutos, a pulsação de seu corpo vibra todo o espaço.

Tambores que ecoam sua ancestralidade!

— *Não vou!*

Na cartografia do acontecimento, naquela aula, o mundo se fez presente. Atualizou-se!

Acontece a voz! Corpo, tensões!

Pedro, por breve instante, rompeu tratados, riscou o mapa, deslizou por entre linhas, tomou o controle. Guerreou. Operou no limite do perigo. Não se submeteu. Ele provocou a dobra.

Teceu entre fronteiras, expandiu! Perfurou as margens, misturou-se no turbilhão de vozes, fez-se ouvir.

— *Não saio!*

Parem tudo. Deixem o quadro, o giz, o livro, o pátio, a quadra, a cantina, o corredor. Ele se recusou a sair. Alguém resiste!

Criou bifurcações no espaço, subverteu a ordem, decidiu a palavra, fez-se presente. No limite uma nova forma, outra maneira de povoar a escola!

Atualizou a história, se fez presente. Soprou pequenas revoluções. Ato revolucionário, nesse instante de encruzilhada.

Depois, saiu!

Cadeiras vazias, corredor em cambalhotas



RUÍDOS⁵:



Link: [ruídos](#) .

⁵ QRCode *Cadeira*: voz Andrés Hurtado. Andrés David Pinto Hurtado é pesquisador e educador colombiano. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGE/UFJF). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora

(PPGE/UFJF). Licenciado em Matemáticas e Física pela Universidad del Valle (UNIVALLE).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5074843322570598>



CHÃO

Professor de ensino fundamental anos finais de matemática e do ensino médio, bem como um dos professores/orientadores do projeto Mãos na Terra, desenvolvido em uma escola de tempo integral da rede municipal de ensino de Juiz de Fora. Através de processos relacionados à permacultura e agroecologia, começamos, com muitas dificuldades, a utilizar um terreno da escola para cultivo, manejo e manutenção de uma horta. Uma horta não com a finalidade de grandes produções de alimentos, ou de hortaliças para consumo permanente (embora, obviamente também fazemos isso), mas queríamos ir além. Fazer desse espaço um espaço de troca, de constante aprendizado, de movimento, enfim, um espaço da experimentação.

Nessa aventura, esbarramos com questões técnicas, solo degradado, com muitas plantas rasteiras que, apesar de seu valor, não são capazes de regenerar o terreno. Procuramos, junto às crianças, descobrir quais plantas são mais indicadas para esse tipo de atividade, mandioca, bananeiras, feijão “guandu”, feijão de corda e outras. Também optamos por canteiros circulares ou formas que lembram mandalas, para melhor desenhar, esteticamente, nossa horta.

Muitas coisas poderiam ser contadas aqui, mas, dentre muitas, minha surpresa com a descoberta de alguns estudantes sobre a mandioca. Como já disse, escolhemos plantá-la pois essa, além de produzir alimento, também regenera o solo e protege outras mudas que plantamos em seu entorno. Mas, ao fazermos a capina, uns dois meses depois do brotamento dessas plantas, um dos meninos, distraidamente, arranca, com

a enxada, uma das mudas de mandioca. Mais uma vez, mudança no modo de pensar o trabalho na horta. Foi uma surpresa a reação deles ao perceber como as raízes de mandioca eram tão finas e branquinhas, diziam eles: *“ p e n s e i que ela crescia grande e ia empurrando terra adentro para crescer ”*.

Um pequeno acontecimento, uma atenção às coisas que acontecem na escola, ciclos, falas, experiências, situações inusitadas. Registros, anotações, construções, medidas, preço, valores, trabalho, pesquisa, invenção, perguntas, dúvidas.

BARRO

Escrevo com a caneta molhada no barro.

É barro pisado no chão.

É chão vermelho, pé amassando barro!



MANDALA

As crianças produziam uma atividade que consiste em fazer um círculo dividido em dez partes iguais. Numeramos cada parte de 0 até 9 e, assim, começamos a brincadeira. Ao contarmos os múltiplos de cada número, fomos ligando um por um com retas e, ao final, tivemos um desenho que resultou de cada contagem (estrelas, pentágonos, decágonos, etc.). Depois de todas essas etapas, cada criança pintou seus desenhos da forma como desejou.

Assim, seguimos preenchendo o mural, com os desenhos já supostamente terminados. Mas um desenho, uma mandala colorida, nos chamou a atenção naquela atividade. Enquanto colávamos as “mandalas da tabuada” no mural, insistíamos em perceber as cores que cada criança havia usado para compor seu desenho.

Um acontecimento tornara uma das mandalas embaçadas, parecia anunciar olhos em lágrimas. Foi como se as notícias que chegavam pouco a pouco lhes tirassem seu brilho, ofuscando o desenho, tirando-lhe a alegria, o movimento, o sorriso.

A dor atravessara os muros da escola! Subitamente, ela avançara pelos portões, atravessara as grades, rompera os muros, se instalara ali.

O aluno Pedro, com um habitual sorriso contagiante, agora apresentava em seus traços e expressões causados pela dor. Pedro, em outros tempos, habitara o trono como singelo e potente rei do congelado. Nosso rei fora coroado! Dizia a canção: “um reizim bem coroado/bate em sua moradia/vem louvando e vem louvado/vem cantando essa folia”. Contagiantes, dizíamos!

Viva! Viva! Os tambores ecoavam em toda a escola, fortes, imponentes, certos como as batidas daqueles que lhes impunham o ritmo. Vibrações! Mas, naquele dia, a dor fez-nos uma visita inesperada!

Mal sabíamos nós que uma vítima tão próxima, mãe do aluno Pedro, engrossaria essa estatística. Tristeza no ar! Não tínhamos mais olhos para as cores dos nossos trabalhos nesse dia. Como lidar com a dor? A dor se espalha por toda escola, Tambores silenciaram! Nós também!

Assim seguimos o dia. Cada hora que passava era mais um desdobramento dessa história.

Suas cores se ofuscaram! Perdemos o fôlego. Não dá para tentar restaurar o desenho. Está opaco!

Em dias futuros, ouviremos outras batidas dos tambores?

Horas, dias, semanas, meses, bimestres, semestres, currículos, reuniões, comemorações! Não tivemos tempo para velar nossas dores!

Outra cadeira está vazia.

Respira, expira! Respirar agora é tudo! Uma doença se instala em nossos pulmões, tristeza, acolhimento, pressão. 679 mil mortes hoje! Não consigo acreditar!

Mais uma mãe é levada por essa pandemia!

TAMBOR

— *Professor, professor! Não acredito que isso está acontecendo comigo!*

Nó na garganta! Dor! Pedro, nosso imponente e mestre de cerimônia, em seus 11 anos, sua voz potente canta o chamado de honra do início da festa do congado. Lá vem a rainha, lá vem o rei!

Ele canta:

Ô mina terêterê

Missáinasaiôsaio

Boboromimsaílavodum Ié cum aiê Ié cum aiá

Laicô ia made ô Oi kiri elé ia made ô Laicô ia made

ô Kiri elé ia made ô

Uma chuva tremenda se amontoa ali.

Densa para as ladeiras onde a enxurrada se forma,
serena para as nascentes, lagos e riachos,
em mais um ciclo que se forma.

Uma chuva de Flores!

Floriô!

É festa da coroação!

A Rainha adorna seus cabelos.

O Rei lhe conduz pela mão.

No provisório palco,

Um encantado trono se instala ali.

Tá caindo flô

Tá caindo flô

É festa!

Em diásporas!

Em memórias!

Em resistência!

Histórias!

História de dor, num curto período, mas de marcas profundas deixadas pela escravidão.

Grandes e poderosas histórias de vastos reinos de um continente poderoso:

Ciências, medicina, línguas, artes, músicas, história, lendas, culinária, moda, filosofias, religiosidades, corporeidade, respeito, oralidade...

Ouçó trovões,

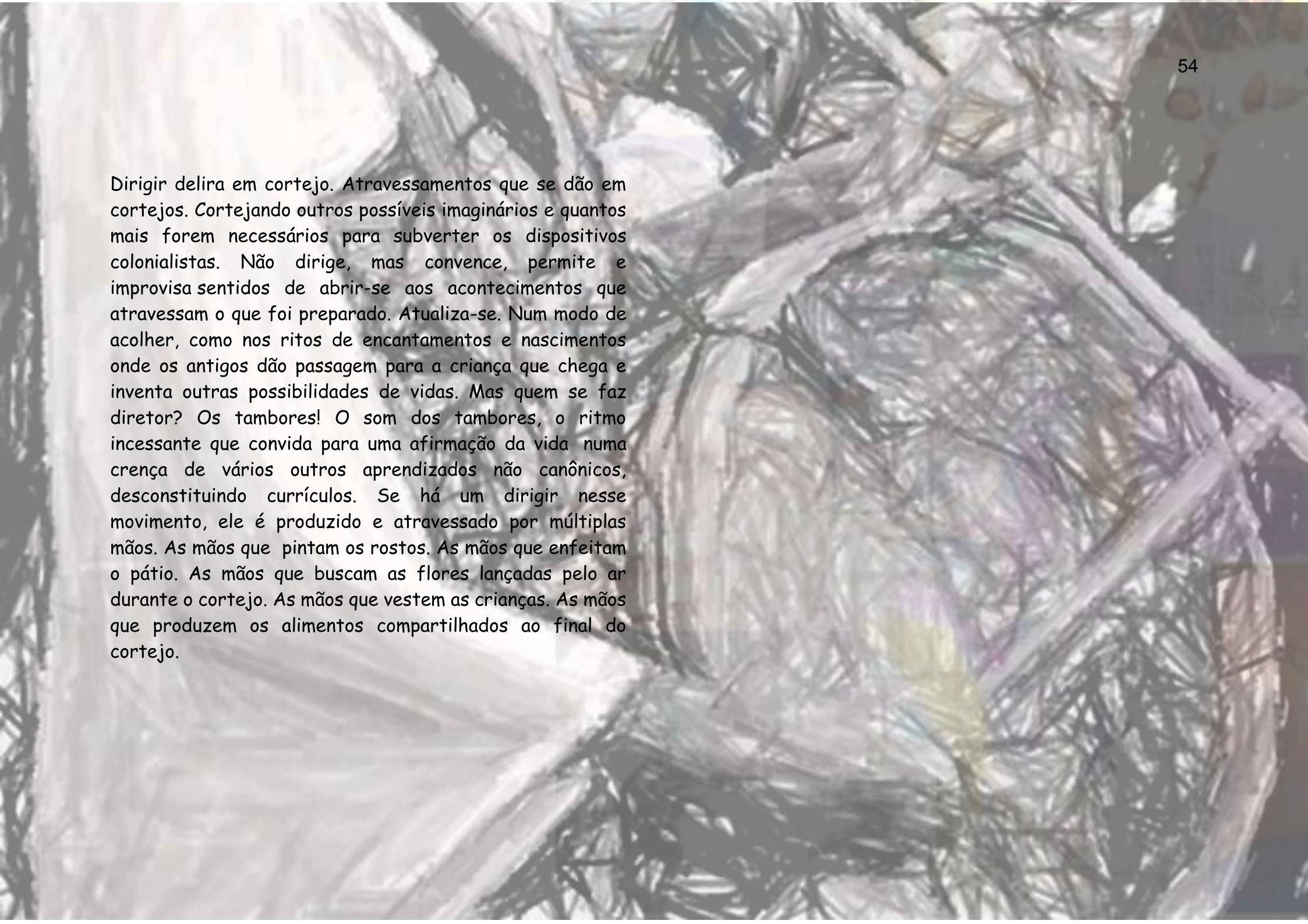
Tremores

Tambores

Anunciando em todos os cantos:

A festa começou!

Que rufem os tambores!



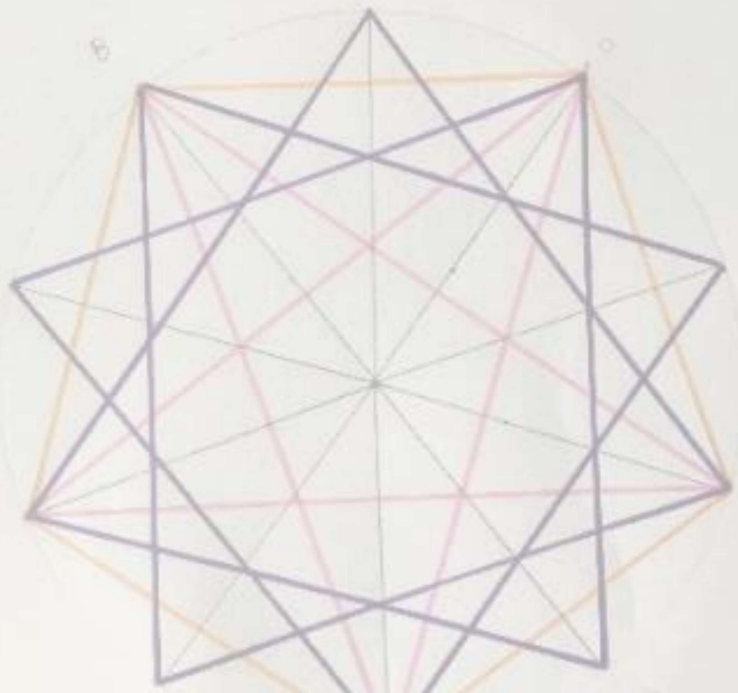
Dirigir delira em cortejo. Atravessamentos que se dão em cortejos. Cortejando outros possíveis imaginários e quantos mais forem necessários para subverter os dispositivos colonialistas. Não dirige, mas convence, permite e improvisa sentidos de abrir-se aos acontecimentos que atravessam o que foi preparado. Atualiza-se. Num modo de acolher, como nos ritos de encantamentos e nascimentos onde os antigos dão passagem para a criança que chega e inventa outras possibilidades de vidas. Mas quem se faz diretor? Os tambores! O som dos tambores, o ritmo incessante que convida para uma afirmação da vida numa crença de vários outros aprendizados não canônicos, desconstituindo currículos. Se há um dirigir nesse movimento, ele é produzido e atravessado por múltiplas mãos. As mãos que pintam os rostos. As mãos que enfeitam o pátio. As mãos que buscam as flores lançadas pelo ar durante o cortejo. As mãos que vestem as crianças. As mãos que produzem os alimentos compartilhados ao final do cortejo.

CANETA

Agora, silêncios. Não consigo escrever mais, meus olhos estão inundados com as dores do mundo. Fico quieto, choro; nessa encruzilhada. Corpo que lateja. Pode essa dor entrar na pesquisa? Uma pesquisa imbricada nos processos de vida que se dão na e com a escola, feitos de atravessamentos.

Pensando em cartografias, em mapas, linhas e processos. Daí, ouço alguém na escola dizer: “Olha, nesse tipo de pesquisa, de estudo de processos, a pessoa escreve, escreve, e, no fim, fica parecendo ficção!”.

A escola é uma ficção? E o que não é ficção? Qual é a realidade da escola? Seria feita de fragmentos de uma e de várias vidas que se fazem ali? Então, tudo pode ser ficção na escola? Tudo pode ser contado? Quais as histórias escolhemos contar sobre a escola? Quais deixamos esquecidas em algum lugar qualquer?



AULA

Como professor de pedagogia, nas disciplinas educação e alfabetização em matemática nas séries iniciais, tenho vivido outra experiência. Os alunos e as alunas que participam desse curso já possuem outra graduação ou curso superior em outras áreas, o curso é oferecido apenas para essa clientela. Portanto, venho vivenciando novos desafios com esse trabalho. Primeiramente, são pessoas, com exceção de algumas poucas, oriundas dos cursos mais diversos possíveis, pouco ou nada relacionados à Educação diretamente, que tendem a pensar a escola de outros lugares diferentemente daquele que venho. São estudantes que enxergam a escola através da experiência que tiveram enquanto alunos e alunas ou enquanto pais e mães de crianças que estudam.

Isso trouxe, para mim, outra perspectiva de escola. Como pensar esses acontecimentos na escola junto a pessoas que estão se formando para atuar nela? Como pensar as práticas escolares para e através dos estudantes que possuem experiências com o trabalho tão distintas da docência? Trazendo com eles problematizações outras sobre a escola, instigando um modo pensar junto a pesquisa. Junto a esses estudantes, amplia-se a necessidade de questionar as práticas sobre o ensino e aprendizado de Matemática.

Nesse contexto, ao recorrer a alguns fragmentos dos dizeres desses estudantes durante as aulas, pretende-se semear outros imaginários com as memórias produzidas junto a essas escritas. Através desses fragmentos de histórias, podemos pensar nos diversos sentidos sobre ensino da Matemática, a

escola, o currículo, os afetos, os impactos e as histórias que se entrelaçam nessas vidas que se produzem dia a dia.

Uma formação que conta e produz histórias.

Tangencia mundos, inventa caminhos traçando-os num movimento incerto em cartografias provisórias.

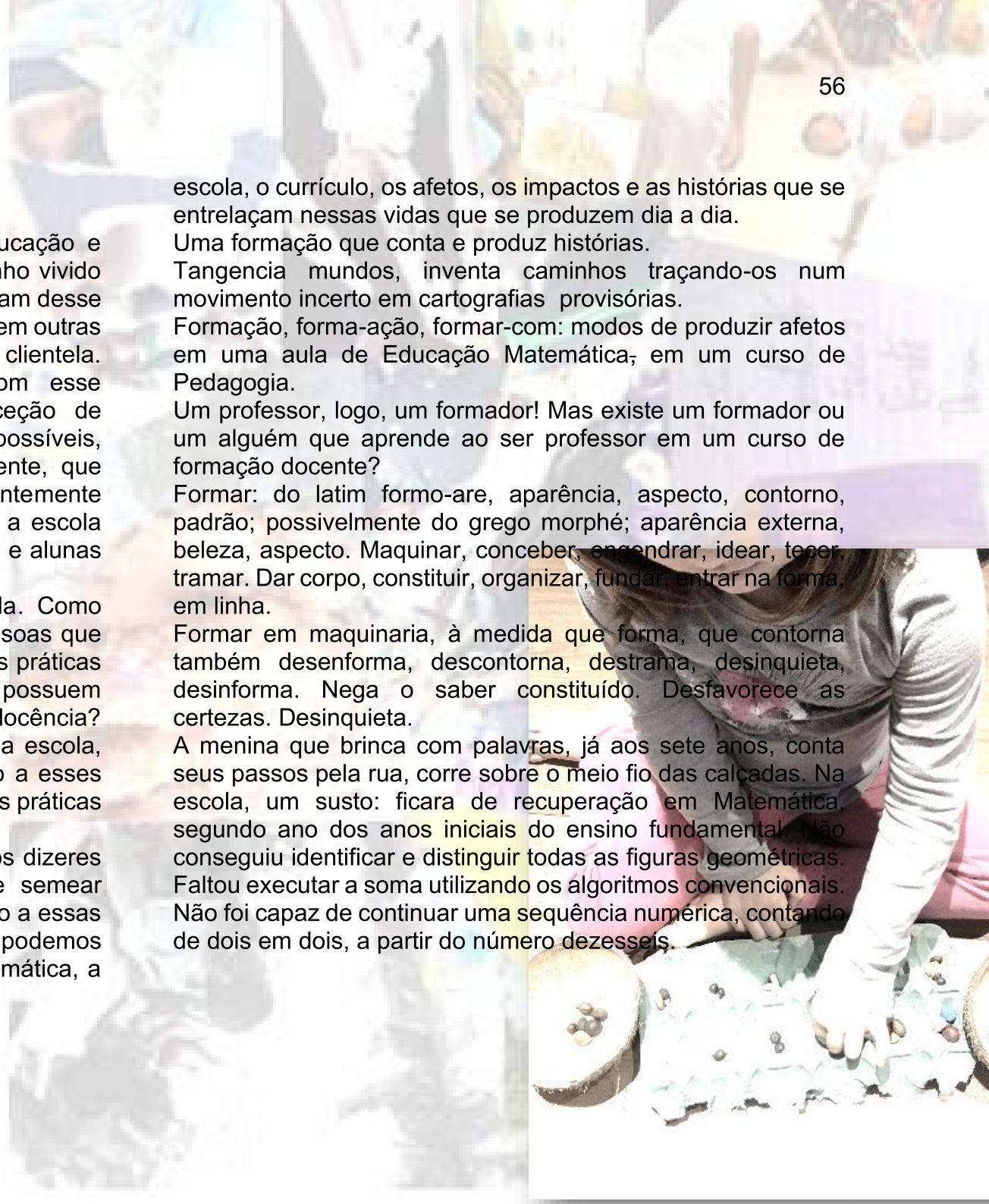
Formação, forma-ação, formar-com: modos de produzir afetos em uma aula de Educação Matemática; em um curso de Pedagogia.

Um professor, logo, um formador! Mas existe um formador ou um alguém que aprende ao ser professor em um curso de formação docente?

Formar: do latim formo-are, aparência, aspecto, contorno, padrão; possivelmente do grego morphé; aparência externa, beleza, aspecto. Maquinar, conceber, engendrar, idear, teer, tramar. Dar corpo, constituir, organizar, fundar, entrar na forma, em linha.

Formar em maquinaria, à medida que forma, que contorna também desenforma, descontorna, destrama, desinquieta, desinforma. Nega o saber constituído. Desfavorece as certezas. Desinquieta.

A menina que brinca com palavras, já aos sete anos, conta seus passos pela rua, corre sobre o meio fio das calçadas. Na escola, um susto: ficara de recuperação em Matemática, segundo ano dos anos iniciais do ensino fundamental. Não conseguiu identificar e distinguir todas as figuras geométricas. Faltou executar a soma utilizando os algoritmos convencionais. Não foi capaz de continuar uma sequência numérica, contando de dois em dois, a partir do número dezesseis.



Parece que essa “incapacidade” em Matemática a seguiria por toda sua sequência de anos escolares em desafios com essa disciplina.

Agora estudando para ser professora dos anos iniciais do ensino fundamental. Uma formação em pedagogia:

Sempre acho difícil aprender matemática, meus colegas saiam da sala chorando após as aulas de matemática. Era muito difícil compreender só conceitualmente, sem uma relação com algo significativo.

Me vejo nesse campo da matemática com insegurança, às vezes esquecia rápido o que aprendia. Como alguém aprende a esquecer?

Esquecimento em lâminas. Dúvidas e incertezas em cortes certos: lágrimas retalhando habilidades, competências, conteúdos, currículos, formas de ensinar. Como alguém aprende? Como um formador/professor experimenta uma formação em plural?

E é nesse presente vivo que um campo problemático se constitui por meio da experimentação e outros modos de conceber matemática e de ser professora irão se dar (Rotondo; Belcavello; Cammarota, 2024, p. 13).

O “formador” em xeque. Forma-dor: problematizar uma formação de pedagogia, problematizar as insistências nas formas de ensinar e no papel formador do ensino da matemática canônico e hegemônico.

Na escuta das histórias das vidas escolares de docentes em formação e suas experiências com Matemática e na constituição de novas memórias, uma aposta no aprender. A aluna, ao apresentar suas memórias, também relata os momentos preciosos das idas à feira, na qual a sua mãe deixava que efetuasse os pagamentos, fizesse as contas dos trocos, os recebesse e conferisse. A pressa em chegar em casa quando, junto ao pai, estudava a matemática que não conseguia aprender na escola.

Nessa escuta, há uma produção de dobras, labirintos e de outros sentidos. Acontecimentos numa aula de matemática – Seria toda aula uma formação? Ou um convite para desenformar?

Por repetição, a diferenciação se dá em um tempo presente: percepção e afecção que já não pertencem a um ser biológico ou a um sujeito, mas que dependem da composição que se faz, daquilo que acontece no interior de uma aula que se desenvolve (Rotondo; Belcavello; Cammarota, ano, p. 13).

Enquanto precisava construir sua própria casa, a aluna se deparou com uma infinidade de elementos entrelaçados junto a matemática. Réguas em forma de T, medições, quantidade de material para um devido trabalho, preços. Uma mulher, mãe, a maternidade também como fio atravessando as aprendizagens de matemática junto aos filhos.

Uma implicação!

Implicar – verbo transitivo – Causar algum tipo de obstáculo, ou impedimento, comprometer, impedir. Tornar necessário ou imprescindível, exigir, pressupor, requerer. Trazer consigo, acarretar, envolver. Dar a entender, comprometer, embaraçar, enredar.

Um jogo de forças emaranhados no aprender, nas memórias, nas histórias, no implicar e no enredar, faz rasgos. Questões de gênero. As mulheres e as matemáticas. Seus descaminhos, seus silenciamentos, suas invenções e suas produções. Insubordinações a um sistema colonialista, patriarcal, eurocêntrico, machista e racista. Inventando outros modos de aprender. Conjugando o verbo aprender em feminino. Em atravessamentos.

O que pode uma aula? Que desdobramentos em múltiplas vozes podem uma aula de matemática? Não é possível distinguir uma única voz. Perde-se o sujeito. Constitui singularidades, em misturas, em coletivos e em afetos.

Aprender sem imagens prontas, sem verdades postas, sem saberes estabelecidos, preestabelecidos. Das várias memórias e narrativas trazidas à aula em um curso de formação docente, as repetições se dão na expressão “dificuldade em saber” ou “eu nunca sabia o suficiente, ficava faltando alguma coisa. Um desafio se apresenta: aprender através das histórias que fazem

referências às dificuldades com a matemática ao longo da vida escolar.

Abalo no modelo canônico. Ao dizer do que pensamos ser a falta, ou erro de não se saber certas coisas, transbordamos uma aula. Violentando nosso pensar. Em vez de pensarmos que aprendemos errado, colocamos em xeque os modelos de ensino que fomos submetidos em nossas histórias.

A menina que acompanhava a família artesã na confecção das peças em barro para serem comercializadas na feira da cidade. Pensava não saber matemática. Achava o conteúdo da escola muito difícil. *“Letras e números embaralhavam minha cabeça, não via a hora de voltar para casa e o trabalho junto a minha família”*.

Uma inquietação. Quem sabe matemática? O formador? Nesse momento, formador e turma estão em cacos quebrados de uma peça de barro qualquer. Sofreu um esbarro e, violentamente, ficaram em estilhaços de pequenas e miúdas verdades.

Pelas frestas, bifurcações, outros sentidos, modos de aprender em linhas de fugas. Pelos atravessamentos das experiências em partilhas. Uma aula, várias aulas, experimentações. Nos diferentes modos e afetos a pensar. Um processo de demolição. Um pouso no meio, perigos a enfrentar diante do tornar-se com: à medida que aprende, aprende-se a aprender.

“Agora, sou eu quem faz toda a contabilidade da oficina da família. Justamente eu, que pensava que a matemática não era pra mim.”

Os brotos já se instalaram por todas as frestas, num bloco de sensações que fazem vibrar cada pedaço do provisório e frágil objeto construído com as diferentes peças. Nessa combinação

provisória, a individuação do sujeito. Não há modelo a ser seguido. Um rosto que se perde por entre os cacos. Experimentações num e, e, e, de um fluxo descontínuo e sem linearidade. Em delírio, aprender em crítica às formas, às fórmulas, aos conteúdos, aos currículos. Em encontros, em acasos: “aprender isso ou aquilo em domínios bem diferentes” (Deleuze; Parnet, 2004, p. 9).

Agenciamentos, uma aula, várias aulas, outras aulas, outros aprenderes. Memórias, escritas e partilhas. Cacos ajuntados em afirmações, criações e experimentações de vidas! E o formador? Isso já não importa mais.

As Compostistas de Nova Gauley logo perceberam que contar estórias era a prática mais poderosa para consolar, inspirar, recordar, prevenir, cultivar a compaixão, compartilhar o luto e devir-com mutuamente em suas diferenças, esperanças e temores (Haraway, 2023, p. 100).



RUÍDOS⁶

Link: [ruídos](#) .

⁶ QRCode *Segredo*: voz Margareth Rotondo. Margareth Aparecida Sacramento Rotondo é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFJF, com atuação no mestrado e

doutorado. Líder do Travessia Grupo de Pesquisa, grupo de pesquisa certificado pelo CNPq

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4274506721568436>.



CURRÍCULO

Atuando na vice-direção, sou surpreendido por um pedido não tão incomum: Pedro, já no primeiro ano do ensino médio, me diz: “Professor, vou ter que parar de estudar, preciso trabalhar, urgente, as coisas estão muito difíceis lá em casa”. E ainda: “Você poderia me ajudar a fazer um currículo, vou entregar nos lugares aí?”... Novamente, poderíamos e devemos discutir sobre políticas de inclusão do adolescente e/ou jovem, pensar quais são as possibilidades de atendimento e manutenção desses jovens em situação economicamente vulneráveis. Fomos até um computador da escola, comecei colocando nome, idade, essas coisas que se espera que apareça em um currículo. Mas, quando chegou o momento de colocar formação, cursos e experiência profissional, ficou difícil, não tínhamos muita coisa para escrever. Construí um texto dizendo de suas qualidades e disponibilidades. Saiu ele com seu currículo pela cidade. Fico pensando no Pedro, na escola, no risco de que, pela condição de trabalho, ele necessite abandonar os estudos.

Porém, diferentemente de muitos, Pedro conseguiu um trabalho, meio turno, podendo manter os estudos. Mas as questões se impõem: o Novo Ensino Médio serve a quem?

A escola é um lugar povoado de sentidos e desafios. Problematizar os acontecimentos da escola, trazer à tona uma série de realidades das quais não podemos negligenciar. Constituir junto aos alunos e alunas diálogos e possibilidades, se faz necessário em tempos urgentes.

LENÇO

Cabo Verde, Adis Abeba, Capital da Etiópia, Hyatt Etiópia, Anger, Indonésia, Ilha de Celebes, Índia, Candeiras Junior, Paraense... O que esses lugares têm a ver com minha pesquisa?

Em 2018, o instituto Trata Brasil, ONG que se dedica a verificar os avanços do saneamento básico, fez um estudo mostrando que 27 milhões, ou uma em cada quatro mulheres brasileiras, vivem sem saneamento básico e água tratada.

Mas o que tem isso a ver com minha pesquisa?

Peso

Peso

Peso

Carga

Imposto

Obrigaçã

Tributa

Gravidade

Impotência

Fardo

Incômodo

Opressão

Porte

⁷ A Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG) fez a distribuição de kits alimentos para todos os alunos da rede pública estadual. A ação foi realizada enquanto as atividades escolares presenciais não retornam nas escolas devido à pandemia da Covid-19.

Vínculo, aparato de resistência, ferramenta de reconhecimento cultural.

O peso de sentir, o peso de ter que sentir!

Autoaceitação de origem ancestral, elemento estrutural da Cultura Africana.

Estética, social, religiosa, proteção.

A durag, do inglês do-rag (que em tradução livre quer dizer “feita de trapos”), é um acessório que teve a origem e uso feito para os homens e mulheres afro-americanos escravizados no século XIX pra proteger suas cabeças do sol, insetos e outras coisas que pudessem atingi-los durante os trabalhos. Já nos anos de 1930, durante o Renascimento do Harlem (bairro localizado na ilha de Manhattan em NY) e a Grande Depressão, a durag começou a ser usada para preservar penteados. Lá pelo final dos anos 60, junto com o Movimento Black Power, tornou-se um acessório de moda e símbolo de resistência entre a comunidade afro-americana da época (Silva, 2021, p. 1, grifos no original).

Dia de entrega do kit merenda⁷ (em plena pandemia, julho de 2020), uma “ajuda” para as famílias com estudantes matriculados na escola.

Os kits, feitos com recursos provenientes do Estado e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae), são destinados à merenda dos estudantes e a distribuição é feita desde o ano passado, quando teve início o Regime de Estudo não Presencial.

Disponível em: <https://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/min-as-dobra-valor-do-kit-alimentacao-para-alunos-da-rede-estadual>.

Uma avó chega para pegar dois dos kits, referente aos dois netos dos quais ela tem a guarda.

Uma conversa:

— *A senhora gostaria de levar mais um dos kits, que foi doado por outra família?*

Ela responde que sim.

Arrumamos tudo numa sacola grande, devia pesar mais que vinte quilos.

Um peso.

De repente, o *hall* da escola fica pequeno, a mulher organiza seu lenço sobre a cabeça e coloca toda a cesta sobre ele.

Um lenço na cabeça, bem desenhado, apertado, um turbante.

Um durag. Ela percebe meu incômodo. Responde, rindo:

— *Meu filho, no morro que moro, sobe carro não, quando a coisa aperta, subo com o botijão de gás na cabeça.*

E sai por uma via principal do bairro, arrasta olhares, de uma região de classe econômica média/alta, seguem uma mulher com um enorme peso na cabeça!

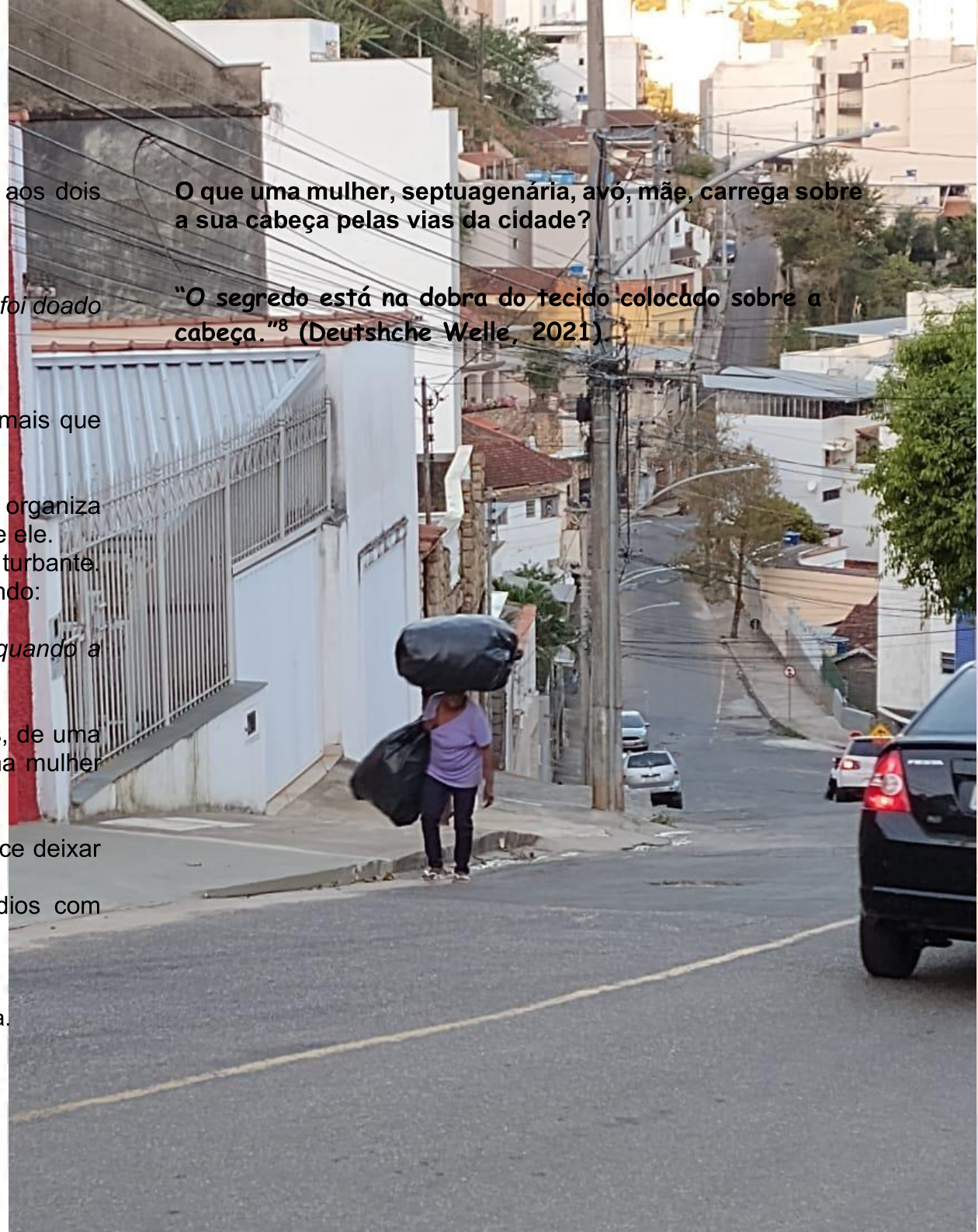
Quantas mulheres? Quantos pesos?

À medida que ela se afasta do campo de vista, parece deixar um rastro por onde passou.

A rua ficou pequena, a calçada apertada, os prédios com outros tons.

O que uma mulher, septuagenária, avó, mãe, carrega sobre a sua cabeça pelas vias da cidade?

“O segredo está na dobra do tecido colocado sobre a cabeça.”⁸ (Deutsche Welle, 2021)



⁸ Histórias de mulheres que carregam o sustento à cabeça. YouTube, 09 de setembro de 2021.

PALAVRAS

Nada puras

A pureza dobrada, escancarada, (in)pura

Pulso em movimento.

Corta a carne. Prepara a mesa.

Em lâmina cortante.

Maquinações, maquinaria, implicações, conexões, invenções desconexas.

Um encontro em banca. Um encontro ao modo Deleuziano? O que pode um encontro?

Ter um saco onde coloco tudo o que encontro, com a condição que me coloquem também em um saco. Achar, encontrar, roubar, ao invés de regular, reconhecer e julgar.

Cartografia em pesquisa, para além da instituição, da ordem.

Vida,

Performidade,

Escrevivência,

Fabulação!

Saltando dos olhos! Não há símbolos, há provocações, problemas, afirmações, atravessamento.

Rompe a linearidade.

Muda, subverte, inverte, embaralha - não leia assim, leia de outro jeito.

De cabeça para baixo! Feche os olhos, abra a boca, leia com a boca, com o ouvido, vozes, intensas vozes.

Agora já não vejo mais páginas, apenas fluxos.

Descontínuos, vaza, extravasa.

QUADRO

Um doutoramento se faz nesse meio do caminho. A pandemia se instala. Tudo se movimenta e se arrasta num emaranhado de forças surpreendente! Algo que acontece, em todos os cantos e por todos os meios – corpos, dúvidas, medos, insegurança, suspensão!

Uma realidade pousa na escrita, de repente fica tudo estranho! Inventar um problema, sentir o quanto ele me provoca e atravessa!

Assim, escrever como uma invenção! Inventar a escola, produzir junto à essas intensas realidades.

Modos de escrita. Escrever como acontecimento. A vida como obra de arte. A escola como obra de arte, ética num instável processo.

O Outro da pesquisa, não o que está fora, não o que vê de longe, mas naquele coletivo que, enquanto a pesquisa se faz, um desmoronamento e desconstrução se instala: “Toda a vida é, obviamente, um processo de demolição” (Deleuze, 2015, p. 157).

Dados? Quais dados? Os lançados? Racharam a mesa! Dados estatísticos? Para além de provar ou constatar alguma coisa com esses números, para dizer a escola, em tempos de pandemia, em sua continuidade de produção, apenas de sexto ao nono ano, foram 278 atividades compondo os dias escolares na pandemia, somando-se a uma média de devolutivas dos alunos e alunas (total de matrículas consideradas: 130 no ensino fundamental anos finais). Considerando por volta de 60% das atividades devolvidas, ou seja, cerca de 21.684 atividades. Um sufoco!

Que escola se faz? Se fez suspensão, mas se fez presente à distância, em atividades *online*, reuniões, lives, vídeos, mensagens de *WhatsApp*, telefonemas, atividades impressas. Como era a escola antes? Antes de quê? Ela nunca foi, ela sempre é! Está sendo. Sempre outra!





Cada janela cria um mundo e cada uma exclui momentaneamente as outras, embora outros mundos continuem copresentes. (Kastrup, 2020, p. 44, 2015).

Estou

Tentando

Ficar

Forte

Nossa

Quarentena

BANCO

Maria Flor

Maria não podia sair.

Ela olhava pela janela, uma janela embaçada pelo tempo,
Com uma vontade e desejo intenso de estar lá fora.

A janela funcionava como uma passagem para outros mundos.

Ela via as cores das estações e seus desbotamentos.

Os ruídos do fora lhe procuravam a orelha.

De longe, olhava os pássaros, a diversidade de cores.

Se espantava com as trovoadas e, às vezes,
capturava pequenas gotas incertas de chuva,
deslizando pelo vidro da janela.

Havia coragem para sair?

A janela eram seus olhos para o mundo,
provocava a criar outros mundos e produzir invenções.

Enquanto estava ali, se sentia segura!

Um dia, ela saiu!

Descalça, mas saiu!

Depois do envelhecer do tempo, ela toca o chão, a grama, a terra, indescritíveis e inquietantes sensações e mistérios lhe apossam o corpo. Com as mãos envelhecidas e enrugadas pelo tempo, toca um gasto banco de madeira, fazendo como que um gesto de limpar levemente o pó acumulado.

Ela senta e olha uma árvore, carregava as marcas das estações que outrora se faziam ver pela janela.

Escuta os pássaros, percebe as cores e movimentos das folhas secas pelo chão.

Sente o vento a balançar, levemente, seus compridos cabelos brancos.

Por entre lágrimas espalhadas pelos olhos, como aquelas gotas deslizando pela vidraça, ela vê o mundo!

Com seu vestido de cores das cirandas da vida, ela gira!

A janela lhe cobrara o preço!

Mas ela encontrou coragem e saiu!

Ela se abaixa e pega uma miúda flor, dessas que teimam em nascer em qualquer fresta, interstícios ou esquinas, uma flor do vento!

Quem nunca soprou uma flor do vento?

RUÍDOS⁹

Que a vida não tinha cura, o tempo ensinou, e mais tarde. Na infância o calendário fora inventado para marcar o Natal, a Semana Santa, as férias da escola, os aniversários. Os dias deslizavam preguiçosos, repetindo manhãs e tardes, entremeadas por serenas estações. Impossível para uma criança viver a lucidez da ferida que se abre ao nascer, e não há bálsamo capaz de cicatrizá-la vida afora. Nascer é abrir-se em feridas (Queirós, 2017, p. 18).



Link: [ruídos](#).

[

⁹ QRCode *Desejo*: vozes Reginaldo Britto e Marcos Adriano de Almeida. Reginaldo Ramos de Britto é doutorando em Educação, junto ao PPGE - Faculdade de Educação /UFJF; Mestre em Educação Matemática pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2012), com tema de pesquisa: Educação Financeira: Uma pesquisa documental crítica; Bacharel em Ciências Humanas (ICH/UFJF/2017), com tema: O Branqueamento no Cinema brasileiro; Especialização em Educação para Ciências pela UFJF

em 2000. Possui graduação em Matemática pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1991); Aperfeiçoamento em Educação para as Relações Étnico-raciais (UFJF, 2012/2013); bacharelado em Ciências Sociais (ICH/UFJF/2020).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0080602618573783>.



Abandonar-nos temporariamente à vida para fixarmos
temporariamente o olhar sobre ela.
(Nietzsche *apud* Deleuze, 1976, p .21)

BRINCANTE

Suspenso

Um breve instante

Corpo

Outros corpos

Corpo ao ar

Ao chão

No entre

(In)móvel

Rítmico

Exato como haste fina

Equilibrada no ar

Infâncias, liberdade, alegria

Subversão

Inventa

Venta

VIDA

Você sabe soletrar?

Soletre VIDA

Meu nome: VIDA

Soletre rasteiramente, trêmula, frágil, potente, repete,
repete, repete

Cada letra V -I -D -A!

Vê se consegue gritar.

Iápukôt Aye

Fazer da vida uma obra de arte.

O que representa o tempo?

Tempo?

Não estamos perdidos,

não estamos perdidos,

não estamos perdidos.

Em deserto, somente areias, rios e rios de areia, mares e
mares, um oceano de areia.

CELULAR

Aula da semana:

Quarentena (Composição: Rincon Sapiência)

Eu só tenho a caneta memo

Quero mais que o trabalho não pare

Milionários não podem se exibir

E tirar da garagem a Ferrari

Quarentena problema pra todos

Até rico ficou no veneno

A roupa mais cara não sai do armário

Em casa ninguém tá te veno

O poder é uma busca

Processo em excesso

Insuportável

Esse nosso estágio é tão frágil

Todo mundo tá tão vulnerável

São cinco dedos em cada mão

Prejuízo pros dono de cinco letras

Sem fazer amor, vou fazer cifrão

Nessas horas eu tenho uma caneta

Jogo de bola é só reprise

Bota Romário que é mil gol

A música é minha expertise

Espero fazer mais de mil flow

Mais de mil show

No melhor momento

Por enquanto, é nada de multidão

Quem falar o contrário, vai pegar mal

E é isso que eu chamo proibidão

Os fanáticos seguem no lambidão

No barulho da arminha, não durma

Arrependimento dói no coração

Digitaram errado na urna

Que saudades da vida noturna

Dos baile, as caixa que treme

Os negão dançando com caixão na mão

Eu não quero viver esse meme

Um barraco de 40 metro

Quando chove goteira prossegue
Os avós, filhos e netos
Tudo tão apertado não negue
Difícil dividir o memo teto
Nem o Bob segura esse reggae
Sem dinheiro não existe projeto
Fique em casa é só hashtag
Nem por isso não ache que é férias
Não dá mole que a coisa é séria
A cidade é um corpo e a quarentena
Anda desentupindo as artérias
O consumo que anda bem diluído
E o céu anda bem menos poluído
Se essa porra passar vamo fazer festa
Ou iremos voltar mais evoluídos?
Eu tô cheio de dúvidas
Ninguém liga pra nós é créu
Todos querem o álcool em bar
Muitos querem o álcool em gel

Eu querendo andar ao léu
A janela do carro escancarar
No pião eu adoro passar batido
Mas odeio andar com essa máscara
Tudo passará ou não passará?
Eu querendo ser como pássaro
O cabelo muitos querem aparar
Vamo terminar tipo bárbaro
Sendo assim, vou ficar na toca
O estúdio é o antivírus
Quero rua porque sou maloca
Quarentena é o antigo
Lavo minhas mãos
Ligo as antenas
Os próximos episódios
Eu espero a cena
Seja a solução, seja mais problema
É uma nova era
O início de um dilema

Natureza cobra
E ela não tem pena
Tenha a grana
Mas a grana não entra na arena
Não é questão de sorte
Tipo Mega Sena
Tô tentando ficar forte nessa quarentena

RUÍDOS¹⁰



Link: [ruídos](#) .

¹⁰ QRcode *Desafios*: voz Joyce de Paula.
Joyce Castelli de Paula possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2011). Atualmente é Professora Referência 1 nos Anos Iniciais da Prefeitura de Juiz

de Fora e Professora dos Anos Iniciais do Estado de Minas Gerais.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8296326941448321>.

Escolhemos o rap “Quarentena”, do artista Rincon, para a semana de acolhimento dos alunos e das alunas em tempos de aulas remotas. Aula remota? Sim! Via whatsapp!

Modo como a escola, por agora, está chegando à casa do aluno.

Maria, sexto ano, convidada a expressar em um desenho suas percepções:

No desenho da casa, da janela, uma menina diz:

“ E s t o u t e n t a n e s s a q u a f e i t e n a l r ” f o r t e

Um movimento se instala ali! Quase passando despercebido entre tantas imagens e mensagens.

A casa pintada! Na janela tem uma menina! A casa refúgio?

A casa avista a escola?

Que escola? Que existir se dá ali? Que diálogos se produzem nesse mundo?

Silêncios, sussurros, barulhos, vozes!

Não há casa, não há escola.

Há casa/escola.

As atividades remotas: anseios e expectativas da escola que se fazem nesse entre, nesse caminho. Escola – celular – casa.

Limites suspensos. Outros limites se darão.

Suspendemos o espaço físico da escola, mas ela diz presente ali! Mesmo na precariedade.

No percurso, uma vida. Insegura, ansiosa vida.

O que pode esse desenho?

“ Estou tentando ficar forte nessa quarentena! ”

Um estranhamento se apodera! Tensões, linhas provisórias, instáveis, frágeis!

É vida!

Força e fragilidade se opõem ali?

O desenho, a frase, as atividades – via tecnologias – provocando um turbilhão.

Muitos problemas, inquietações. Solidão que provoca preocupação: e os acessos? Quem acessa? Chega a quem? Como fazer chegar?

Rompe e escancara as diferenças. — *Professor, não tenho recursos. Um celular, três filhos. Várias atividades. E agora?*

No caixa do supermercado, uma voz conhecida:

— *Boa tarde, professor* – dizia a atendente do caixa. Todos de máscaras, dificuldade em identificar quem fala.

— *Sim, sou eu, a mãe da aluna Maria do terceiro ano, também do Pedro do sexto ano – já fui tantas vezes na escola por conta dele, né? Risos!*

— *Mas dessa vez não é dele que estou falando não. É de Maria! Porque ela está no terceiro aninho, lembra?*

No mercado, em meio às compras corridas, uma conversa se faz, uma força atravessa. Lembrei-me da aluna.

E pela voz e olhos da mãe, funcionária do mercado, vem preocupação e angústia:

— *Minha filha não está conseguindo fazer as atividades dos estudos remotos. Eu chego em casa por volta das 20h. Pego dois ônibus para chegar lá, não consigo ajudá-la a fazer as tarefas.*

Efetuo o pagamento das compras, ainda meio sem saber respostas, um convite à mãe:

— *Participe conosco do encontro denominado EntreAções¹¹ na UFJF, venha falar um pouco desse processo em que você e sua filha estão vivendo. Serás bem-vinda!*

— *Mas professor –pergunta ela –não sei se consigo chegar a tempo. Minha internet do celular anda bem ruim.*

— *Combinados, de qualquer forma, vamos descobrir na escola quem é a professora responsável pela sua filha, depois daremos mais encaminhamentos.*

Outro dia, ônibus lotado – cuidado com o Covid – mas e o trabalhador? Quem cuida deles?

Um convite!

Uma voz que preenche todo o espaço:

— *Preciso de ajuda, disse a mãe. — No encontro do EntreAções, o que vocês podem fazer para me ajudar?*

Silêncios, inquietações, ao mesmo tempo, a avó quer falar: — *A menina não aprende, como vamos fazer?*

Alguém responde:

— *Não sabemos o que fazer.*

¹¹ Fórum EntreAções: por uma educação pública, disparada pelo Travessia Grupo de pesquisa, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de fora (FACED/UFJF). Essa atividade articulou encontros remotos durante 2020. De maneira descentralizada, professores, pesquisadores, servidores da educação, líderes sindicais, estudantes, pais de estudantes e outras pessoas ligadas aos diversos níveis e modalidades de ensino

reuniram-se para conversas, estudos, debates, experimentações artísticas e trocas de vivências. Os participantes do Fórum EntreAções lançaram mão da produção de cartas, vídeos, filmes, artigos, sons, etc. Viabilizaram acontecimentos e inventaram por meio de construções coletivas, experimentando conhecimento científico, saberes da humanidade, saberes da comunidade e experiência imediata, gerando uma teia de agenciamento.

RUÍDOS¹²



Link: [ruídos](#) .

¹² QRcode *Risco*: voz Jane Silva.

Jane Maria Braga Silva é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1997). Ademais, possui Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2000 e 2022 respectivamente). É pesquisadora do

Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática (GREPEM).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7384169091900113>.



Fez-se um rasgo,
Num guarda-chuva,
Agora o caos passa, movimenta entre essa sombrinha preta
-rosa -vermelha.
Quem pode me ajudar a descobrir o nome disso aí?
Perguntaram para o trocador do ônibus. Esse de cor
vermelho sangue.
Introduza a invenção na existência, não vá se jogar no
abismo, dance sobre ele, com ele, através dele.
Arrebenta o espelho. Cada caco, faz brotar.
Um broto. Era semente de Guapuruvu.
O tronco é leve, mas resistente. Os indígenas produzem
canao com ele.
Daí se dão em travessia. Atravessam rio, córregos, margens
e regos.
No barco, estão escritas as palavras:

EXPERIMENTAÇÃO
VIDA, IÁPUKÔT, AYE,

Ficar na encruzilhada? Uma travessia em escrita, através e
com as linhas atravessam, que produzem, traçam e fogem,
em outros modos de perceber a escola, o mundo, a vida!
Nessas encruzilhadas, quais vidas se afirmam? Como uma
vida se afirma? Questões de pesquisa.



CARTEIRA

Pedro corre em torno de um tablado, Maria joga com seu celular. A mãe, mães de Pedros e de Marias, que trabalha e pede ajuda para atenção escolar dos filhos. Pedro sonha, a menina produz seu patuá, uma cambalhota no tablado. Pedro e Maria perdem a mãe para a Covid; em outro momento, se recusam a sair da sala.

Vidas que se afirmam, que se aventuram em travessia: o que pode uma vida?

Pesquisa em experimentação, percepção, linhas e caminhos que se fazem em processos. Nada quer explicar, nada quer dar significados. Estar em processo, algo acontece, algo sempre acontece. Um menino Pedro que corre em torno do tablado me pergunta: que pesquisa em educação você quer fazer? O que te perturba? Você será capaz de rachar? Você rachará? Consegue capturar essas intensidades em uma rede de pequenos furos? O que fica? O que vai passar? Como criar uma pesquisa sem que seja cancerosa de um fascismo em nós? Como fugir de uma pesquisa paranoica, vazia ou hipocondríaca?

Escrever palavras antigas, inventar palavras novas, compor com cores, afetos, sons, devires e intensidades. Desenhando outros mapas, criando para si uma cartografia que produz inscrições em experimentações intensas. Uma involução, quem sabe. Experimentar, experimentar, experimentar, barulho de guizo, o grito sobre o tablado provisório que se armou ali, no pátio da escola, de várias escolas, perguntar, em gritos: que vidas se afirmam na escola?



SURFE

Ouço outras composições!

Pé na areia, barulho do mar, dois garotos e uma prancha, um tenta ensinar ao outro como surfar. Como se aprende a surfar? Como se ensina a surfar?

O que uma pesquisa faz numa areia qualquer do mar, com dois garotos e uma prancha?

O menino explica:

— *Precisa deitar assim, de barriga e bater os braços, depois venha com o corpo para frente da prancha. Tente ficar de pé, joelhos dobrados, nada de esticar todo o corpo.*

Como fazer pesquisa?

Mar.

Imprevisível!

Quantas tentativas o menino faz, já no mar, por entre, por cima, por baixo, por cambalhotas nas ondas?

Conseguiu se equilibrar tempo suficiente para dizer que surfou? Quantas vezes caiu? Qual a onda perfeita? Qual pergunta perfeita?

A prancha, lâmina cortante, enquanto desliza na superfície, corta o mar. O mar se costura novamente.

Outro corte, vaza! Outra costura. E, e, e,...

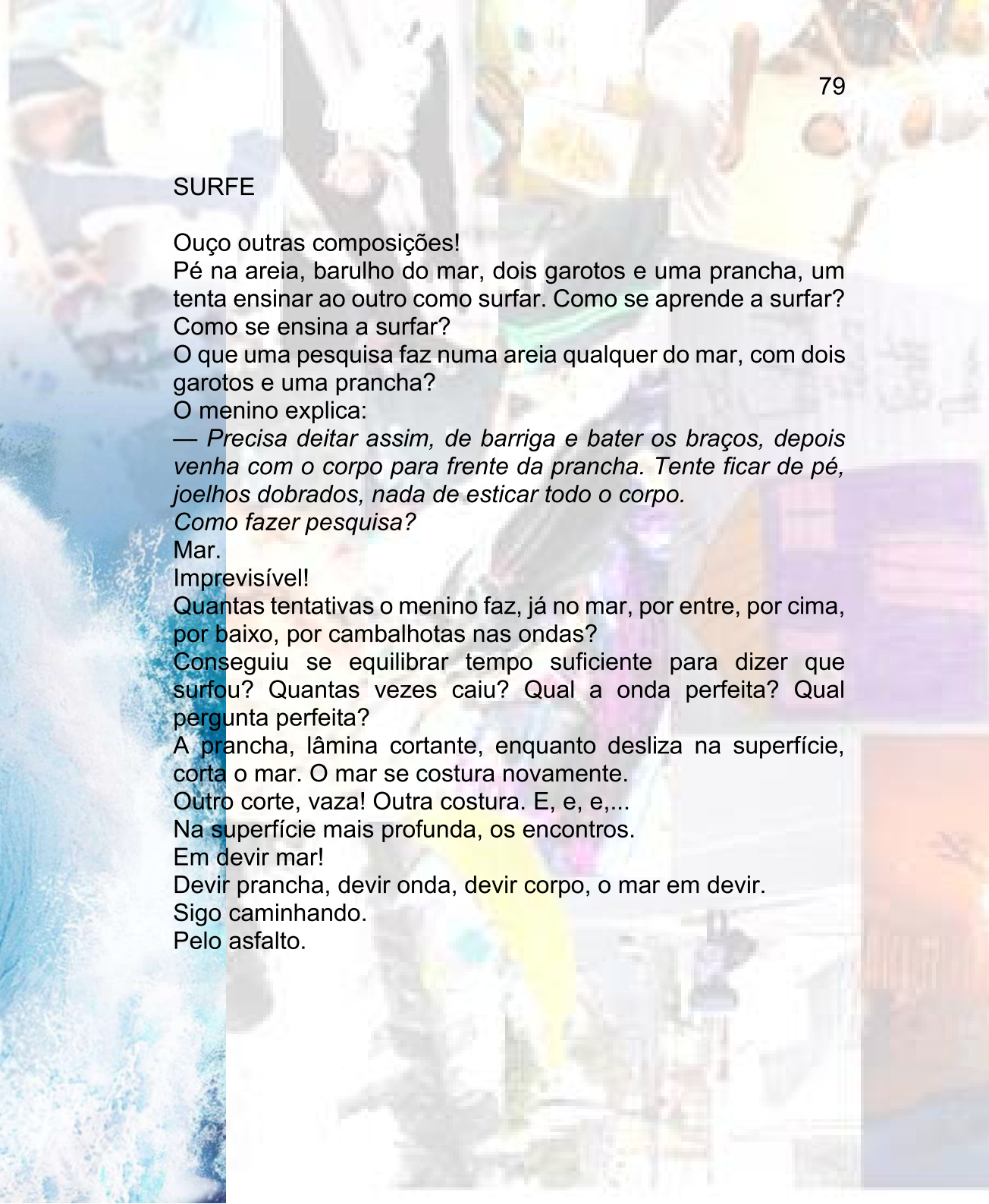
Na superfície mais profunda, os encontros.

Em devir mar!

Devir prancha, devir onda, devir corpo, o mar em devir.

Sigo caminhando.

Pelo asfalto.



Num indeterminado lugar, um menino com três cachorros andando soltos, cruza a estrada, na encruzilhada, entre asfalto e a trilha de terra.

Uma de várias passagens que cruzam o asfalto, ou o asfalto cruza essas passagens. Tudo é passagem.

O menino segue pela trilha, beira o asfalto.

Um acontecimento.

Uma encruzilhada.

Um encontro

Em paralelo. A-paralelo.

Um corte, um caminhão que passa, tem escrito no para-choque: As rosas da resistência nascem no asfalto. Marielle Franco. Em tempos estranhos como esses, resistir.

Escrevo no dia 07/09/2021: “Nunca suscite um General em você” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 36). Mas o que dizer disso? Não está claro?

Tento encontrar sentido naquilo que acontece nesse dia!

Tensão. Angústia, medo, revolta, o fascismo presente!

O menino segue pela trilha. Ora sombra de árvores, ora poeira, secura.

Num momento, bate com um facão sobre uma cerca. Os animais latem, estranhamente.

Entre asfalto e trilha, múltiplas possibilidades, tento criar um mapa, sigo cartografando os sentidos. Pelo asfalto, duro, quente, há um caminho. Cortes e cortes, de carros e caminhões apressados. Na trilha seca, é fogo que beira.

Nada de comparações. Não há como interpretar.

Cada uma com seus possíveis.

À medida que se movimenta, componho o mapa.

Um entre nesse duplo.

Alguma coisa é abandonada, outras são experimentadas. Dois corpos, vários corpos. Em dupla captura. Em devires.

Vê-se de longe o menino pescando. Um tempo silencioso, anzol, linha, isca, peixe, pescador.

“Não somos mais do que uma linha abstrata, como uma flecha que atravessa o vazio” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 67).

Passando sob as linhas de energia, avistam-se as torres que sustentam os cabos de eletricidade.

Cabos com energia das águas dos rios para as grandes metrópoles do sudeste.

Ouve-se o ruído da corrente elétrica viajando pelos cabos.

Incômodo. O cerrado em chamas, as águas enjauladas em grandes represas, geram energia de rios inflamados.

Agonizantes. Não é água mais o que desce ali, é pus.

Há uma escola entre a trilha e o asfalto.

Já não se sabe quem a olha pela frente e quem a olha pelos fundos.

Um duplo. Um encontro. Um outro no extremo da linha. Agora, já se sabe ninguém.

Antes, a professora viajava da cidade para a escola, aventuras entre caminhos.

Agora as crianças vão estudar na cidade.

Mesmo assim, as entradas da escola estão abertas, apenas uma grade móvel se estende na entrada, o prédio começa a padecer em ruínas.

O que passa pela escola no portão principal? Modos de ensinar? BNCCs? PCNs? Currículos? Grade de horários? Gente?

O que entra na escola pelos fundos? Entra clandestinamente?
Pelas frestas? Não há muro ali, não há como escrever no muro.
As inscrições estão nos corpos.

RUÍDOS¹³



Link: [ruídos](#) .

¹³ QRcode *Preocupação: Vozes dos alunos do ensino fundamental.*

Estranhamento? Nada a interpretar. Um áudio lâmina.
Fluxo por fluxo. O animal late.
Não há sonhos, nem fantasmas ou recordações, mas cores e sons, devires e intensidades.
Os desenhos pelas paredes da escola, estranhamente feitos com carvão. Não reproduzem rostos, mas os subvertem.
O asfalto e a trilha, linhas, fluxos, lâmina. Um devir animal.
Atravessa
a escola,
o asfalto,
a trilha,
o cão,
a cerca,
o desenho,
o rio,
no entre,
tornando-se imperceptível. clandestino. Perder-se pelo asfalto/trilha. Tornar-se trilha/asfalto.

**‘Hoje de manhã acordei sem imagem e sem som’
(Nação Zumbi, 2014, faixa 6).**

**“ [. . .] Faça com que a ação, desejos cresçam mais por proliferação, justaposição e disjunção do que por subdivisão e hierarquização piramidal ”
(Lacerda, 2009, p. 206).**





LINHA

“Pois é. Acho que era esse amudamento que eu precisava aprender.”

(Haddock-Lobo, 2020, p. 37)

O exercício da escrita num labirinto de afetos corporificado em provisórias palavras. Emaranhado de textos. Escolher palavras? Ou são elas que nos escolhem? Procurar por aquelas palavras perfeitas para moldurar o pensamento? Ou fugir das molduras, dos enquadramentos, escapar e, ao mesmo tempo, costurar os farrapos de pensamentos com uma linha, com uma frágil linha, com várias e infinitas linhas. Até onde se consegue estender? Criamos as linhas ou são elas que nos criam? Costurar retalhos de memórias, práticas, cotidianos, lembranças produzidas num enlace de um futuro/passado. Fazer um risco, um rasgo numa camada que nos protege e, deixar um pouco de caos tempestuoso passar. Abrir ao fluxo da vida em escrita, em pesquisa. Transbordar, sair da margem, expandir as fronteiras criando frestas, rasgando-se por elas.

Sempre à espreita, perguntar: quais são os fios necessários para tecer o presente? É possível construir um presente? Instável realidade, o jeito é dançar com ela. Fazer da escrita, um corpo. Criar relações, romper, trair, produzir outras vidas.

A pesquisa na, com e entre a escola se faz em alinhavados dos retalhos. “[...] Para quê a gente escreve se não é para juntar nossos pedacinhos?”, nos diz Eduardo Galeano (2009, p. 119)

em seu *Livro dos Abraços*. E, ainda: “[...] Desde que entramos na escola ou na igreja, a educação nos esquarteja: nos ensina a divorciar a alma do corpo e a razão do coração” (Galeano, 2009, p. 119). Juntar, aqui, é mais do que costurar textos, é uma tentativa de trazer para a discussão aquilo que acontece, interpela, incomoda, deixando sem lugar e sem respostas, provocando novas perguntas.

Tentar escapar das dualidades, corpo versus alma ou escrita versus oralidade, isto ou aquilo. Compor no meio, no corte, na fissura. A dualidade como modo de escravidão. Modos de perpetuar um poder que nega outras formas de lidar no mundo, abafar a invenção, impera na tolice, na busca pelo método, no certo versus errado, nas questões versus respostas, na pesquisa e constatação (Deleuze; Parnet, 2004, p. 29): “[...] Há sempre uma máquina binária, que preside a distribuição dos papéis e que faz com que todas as respostas prováveis segundo as significações dominantes”.

Não servir a binarismos, escapar. Roubar a vassoura da bruxa, armar uma linha de fuga e transitar com ela. Extremamente difícil fugir da máquina binária. Requer atenção e exercício de uma prática de multiplicação. Reunir essas multiplicidades, sem a intenção de fazer um corpo. Perceber que todo esse movimento, por si só, já é um corpo, vários corpos que se compõem, de forma desorganizada permitindo as passagens, as afetações, uma experiência de si mesmo num deserto. Se perder ali, tremendo e gaguejando, tornando-se o próprio ser trêmulo, o ser do devir. Gaguejar, traçar uma linha de fuga, procedendo por potências positivas e afirmações (Deleuze, 2004).

A constelação da escrita de uma pesquisa deixa-se levar por encontros. Encontros com pessoas, animais, plantas, cachoeiras, sonhos, histórias, livros, filmes, músicas... Deixar o pensamento alçar seus voos. Nessa travessia, num desses encontros, quando a escrita se move num cunho político estético artístico e de resistência, uma escrita densa... O livro *A queda do céu do Xamã Yanomami* Davi Kopenawa. Movimentos para outras linhas, por outras trilhas, provocando a viajar para outros planos, pela vida, senti-la, acolhê-la e praticá-la. Mas escrever sobre isso, para quê? Davi nos traz uma escrita densa, não redigida por ele, mas sim a escrita de suas palavras, naquilo que ele chama de desenhos das palavras, sombras das palavras, nas peles de papel:

Os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm de nossos antepassados. Porém, não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente. Não temos de desenhá-las, como eles fazem com as suas. Nem por isso elas irão desaparecer, pois ficam gravadas dentro de nós. Por isso nossa memória é longa e forte. O mesmo ocorre com as palavras dos espíritos xapiri, que também são muito antigas. Mas voltam a ser novas sempre que eles vêm de novo dançar para um jovem xamã, e assim tem sido há muito tempo, sem fim (Kopenawa, 2015, p. 75).

Permitindo o registro de suas palavras através da escrita do etnólogo Bruce Albert, Davi procura fazer-se escutar por aqueles que valorizam a cultura letrada, os textos escritos. Uma crítica sutil aos intermináveis textos (até mesmo acadêmicos) que se situam, como lugar oco, de poucas ressonâncias nas lutas dos povos para os quais oralidade, a corporeidade, a memória coletiva, a ancestralidade e a relação com a natureza são elementos presentes. São atributos de uma cultura de existência que reivindicam outras ciências, outros conhecimentos, outros modos de pensar a realidade e compor com ela:

Omama não nos deu nenhum livro mostrando os desenhos das palavras de Teosi, como os dos brancos. Fixou suas palavras dentro de nós. Mas para que os brancos possam escutar, é preciso que sejam desenhadas com as suas. Se não for assim, seu pensamento permanece oco. Quando essas antigas palavras apenas saem de nossas bocas, eles não as entendem direito e as esquecem logo. Uma vez coladas no papel, permanecerão tão presentes para eles quanto os desenhos das palavras de que não param de olhar (Kopenawa, 2015, p. 77).

Escrever na fronteira, no instável, no acontecimento e com o acontecimento. Uma encruzilhada! Ficar no que acontece. Nas palavras de Deleuze (2007, p. 152, grifos no original), “[...] O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera”.

Talvez o convite que Kopenawa, junto a Deleuze, nos faz seja o de se esquecer na pesquisa, esquecer-se em campo, deixar que outras linhas atravessem, para compor outros modos de pensar. Deixar um arrastar se dar pelos e com os acontecimentos que interpelam. Encontrar uma arma, mover lentamente em escrita, mudar de direção e de sentido. Palavras gravadas em corpos. Corpos-palavras, deixar-se provocar pelas gramas na cabeça (Deleuze, 2004), no corpo, nos corpos.

Escapular em corpo e em escrita na produção de si e do mundo para que não se reduzam a organismo. Navegar com os Xamãs através dos espíritos Xapiri, não para alienar-se do mundo, para compor com ele. Nesse entre o céu e a terra. A terra onde se lançam os dados. O céu onde caem os dados (Deleuze, 1976). Enredar naquilo que nos atravessa e nos acontece.

Esses acontecimentos se instalam em nossos corpos, numa mistura de corpos, produção constante de corpos que se entre chocam, se cortam, a carne e a espada, se penetram (Deleuze, 2004). O acontecimento nem no corpo xamã, nem no espírito xapiri, mas na fumaça da fogueira, na névoa, no engendramento dos corpos, permitir, seja na pesquisa, seja na escrita, seja no corpo-pesquisa-escrita e escrita-corpo, e, e, e... um encontro alegre, apaixonante, um clarão de acontecimento: “[...] Fazer um acontecimento, por menor que seja, a coisa mais delicada do mundo... as verdadeiras entidades são acontecimentos” (Deleuze, 2004, p. 80).

Um tornar-se sempre uma entidade, de outra ordem, para além ou aquém de definições. Escrever nas sombras da pele, aquilo que nos é urgente, feito a lâmina que corta a pele, faz sangrar, faz doer, faz reclamar um devir-mulher em nós. “[...] É, pois, até mesmo biologicamente que é preciso compreender que ‘o mais profundo é a pele’” (Deleuze, 2007, p. 106). Escrever na multiplicidade, forjar-se em devires minoritários, vários outros, devir-mulher, devir-negro, devir-índígena, devir-criança, misturar-se, lançar-se como os próprios dados no acaso. Afirmar-se ali, tornar-se lento no próprio movimento.

No muro¹⁴, ser a ponta afiada, escarafunchar a fresta, esburacar, o que se passa ali? Que ele retém? Que o dentro escape e o fora contamine. A tinta sobre o muro, nos escritos de ofensa, a frase racista, a reação racista, aproveitar ao apagar, furar mais o muro, brocá-lo. No incômodo fazer o imprevisto, potencializar vozes, anunciar o devir muro, não vamos ficar ali, lendo a frase racista, debulhados em lágrimas. Nada a ressentir. Abraçar a escola, fazer desse acontecimento niilista um corte fecundo. Negar em ato, afirmar em vida: escancarar as portas da indiferença e gritar, de cima do muro, somos muitos, não vamos nos calar. Que pode o devir negro em devir-muro?

¹⁴ DORE, Lucas Esteves. *Que diz o muro da escola*. Disponível em: <https://repositorio.ufrj.br/jspui/handle/ufjf/9330>.

BORRACHA

Fazer pouso nas respostas de perguntas esperadas, previsíveis!

Perguntas prontas, já sabemos as respostas. Existe um modo de aprender, basta seguir o passo a passo. O conteúdo, o livro, o professor, a disciplina, o currículo, as diretrizes e a explicação.

Existe um modo de ensinar, basta seguir o passo a passo.

A borracha faz um borrado no papel, apaga e apaga: “como ainda não aprendeu isso?”

Sentado ao lado do professor o aluno do sétimo ano faz a atividade, erra a finalização por várias vezes, apaga!

A borracha borra, transborda, marca o papel!

A resposta precisa da palavra igual!

“Inguau”.

— *Não? Não é assim, né?*

Igual.

“Inigual”.

“igual”.

— *Como é que escreve, professor? Não aprendo igual aos outros, né?*

Como se aprende ingual aos outros?

Como se ensina ingau aos outros?

Todos aprendem inguais?

Todos ensinam inguais?

A escrita traça sobre a folha a resposta, o limite.

A borracha faz escapar uma sombra!

Quase rasga o papel!

“Não entre quem não souber geometria!”, dizia o Pórtico da Academia de Platão.

Os erros estão lá, edificados, porém, decalcados sobre as respostas corretas.

Alívio!

— *Posso ir para o recreio?*

Aquilo que foi aprendido (ou ensinado) pode ser esquecido.

Aquilo que foi apagado deixa ruídos!

RUÍDOS¹⁵



Link: [ruídos](#) .

Comunicação Comunitária, Graduada em Jornalismo (UFJF) e Publicidade e Propaganda (UNIACADEMIA).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1114947748414715>.

“As palavras não são ferramentas para as crianças, línguas, canetas e cadernos, assim como damos pás e picaretas aos operários” (Deleuze; Guattari, 1996, p. 47).

¹⁵ QRcode: voz de Laura Oliveira.

Laura da Conceição Oliveira é Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) na linha Discurso, Práticas, Ideias e Subjetividades em Processos Educativos. Tem experiência na área de Comunicação Social, com ênfase em

JANELA

Maria brinca!
 Enquanto brinca, imagina mundos, brinquedos de rua, rua!
 Bola, amarelinha, pneu, pique-pega, cabra-cega, pique-baleia,
 esconde-esconde, pé de lata,
 boca de forno, beto, sol, represas na chuva, guardando
 enxurradas,
 pés no barro,
 bandeirinha, queimada, marcação de campo!
 Passos, passos largos, comparação, tamanho do campo,
 quanto aguenta correr,
 não cansar, não dormir,
 vendinhas, dinheiro...
 Maria caminha pelo corredor da escola.
 Ela brinca! Já fugindo da infância, outras brincadeiras.
 Na mão, um celular,
 proibido na escola, subvertendo a ordem, mantendo-se
 presente ali!
 Um jogo no celular, modos de brincar?
 Jogo, joga!
 Enquanto caminha, “descobrir palavras”: é preciso combinar
 cinco letras e formar palavras.
 Palavras desconhecidas, misteriosas, desafiadoras!
 Maria aflita, curiosa!
 Já vai começar uma aula de matemática, não pode mais
 celular.
 Clandestino.
 Inquieta, ansiosa, acaba por se revelar, anuncia:

— *Professor, me ajude a achar a palavra!*

Professor de matemática, desconfia. Cautela.
 Depois, acolhe. Curioso, tenta - difícil!
 Nada consegue!
 Nada descobre!
 Nada deduz!
 Frustração! Propõe:
 Apresenta o jogo do celular, para a turma:
 Subversão numa aula!
 Aula de equação?
 Não será!
 Aula do jogo do celular!
 Acontece, percebe, aproveita!
 Intensifica-se tudo! Imagina!
 Provoca!

— *Esse jogo é matemática pura!*

A turma atende!
 Antes dispersa,
 Agora atenta, volta-se para o desafio.

— *Como pode um jogo de letras e palavras ser de matemática?*

Ora, é jogo
 É desafio, é combinação, é combinatória!
 Eureka!
 Começaram dúvidas, questões, perguntas, toda a turma
 querendo saber: — *Como é possível? — Prova!*

Professor propõe:

— *Tem como descobrir quantas vezes mudamos as cinco letras de lugar e formamos novas palavras!*

Troca de lugares! Que lugares? Quem troca?
Inaugura a palavra!
Inaugura-se a palavra – anagrama!
Interesse, menina que se afeta!

— *Professor, professor, a resposta tem tempo!*

Tempo escorre!
Tempo de aprender, tempo de novas palavras, tempo de curiosidade!
Tempo do que fazer! Vai dar tempo?
Quanto o tempo não dá?
Professor ensina cálculos. Ganhando tempo!
É possível ganhar tempo?
Surpresa!

— *Não!* – grita a menina!

São minutos, poucos minutos!
Tempo!
Precisamos organizar isso!
Pensa gente, organizar as letras de que forma?
Não dá!
Organizar?
Desorganizado tudo ficou!

Alfabeto!
Grita Pedro!
Em ordem alfabética!
Correria! Vamos lá, gente!
Pressa, turma aflita, se atrapalham em grupos, se embaralham!

— *Professor, nos enrolamos aqui!*

Começam a organizar!
Não tem palavras certas, algumas não dão pra ler!
Questionam! Discordam!

— *Dá pra ser mais fácil?*

Maria propõe:

— *Pode propor?*

— *D a r n ú m e r o s p a r a a s l e t r a s , f a z e*

Mais fácil de perceber a ordem.
Recomeçamos!
Tempo, tempo, tempo, tempo, tempo...
Relógio incansável, devora tudo! Consome!
Vamos conseguir?
Tentamos, ficamos na aula. Peleja, correria!

— *Acho que conseguimos!* – gritou um grupo.

Corremos!

Passamos para o quadro!
 Beleza, beleza no trabalho, registros, tentativas!
 Tentamos!
 Perdemos!
 O tempo do jogo acabou!
 Frustração?
 Não!
 Nenhuma!

— *Professor, passa mais, tá muito legal!*

Dá pra fazer com símbolos!
 Criar combinações (*, 0, #, +)
 Sem repetir os símbolos, podemos combinar? Muitas vezes?
 Cada símbolo ligado a um gesto, som!
 * estala dedo;
 0 bate pé;
 # bate palmas;
 + faz som maluco!
 Sinal!
 Fim da aula!
 E aí?
 Próxima aula terminaremos!

— *Não!*

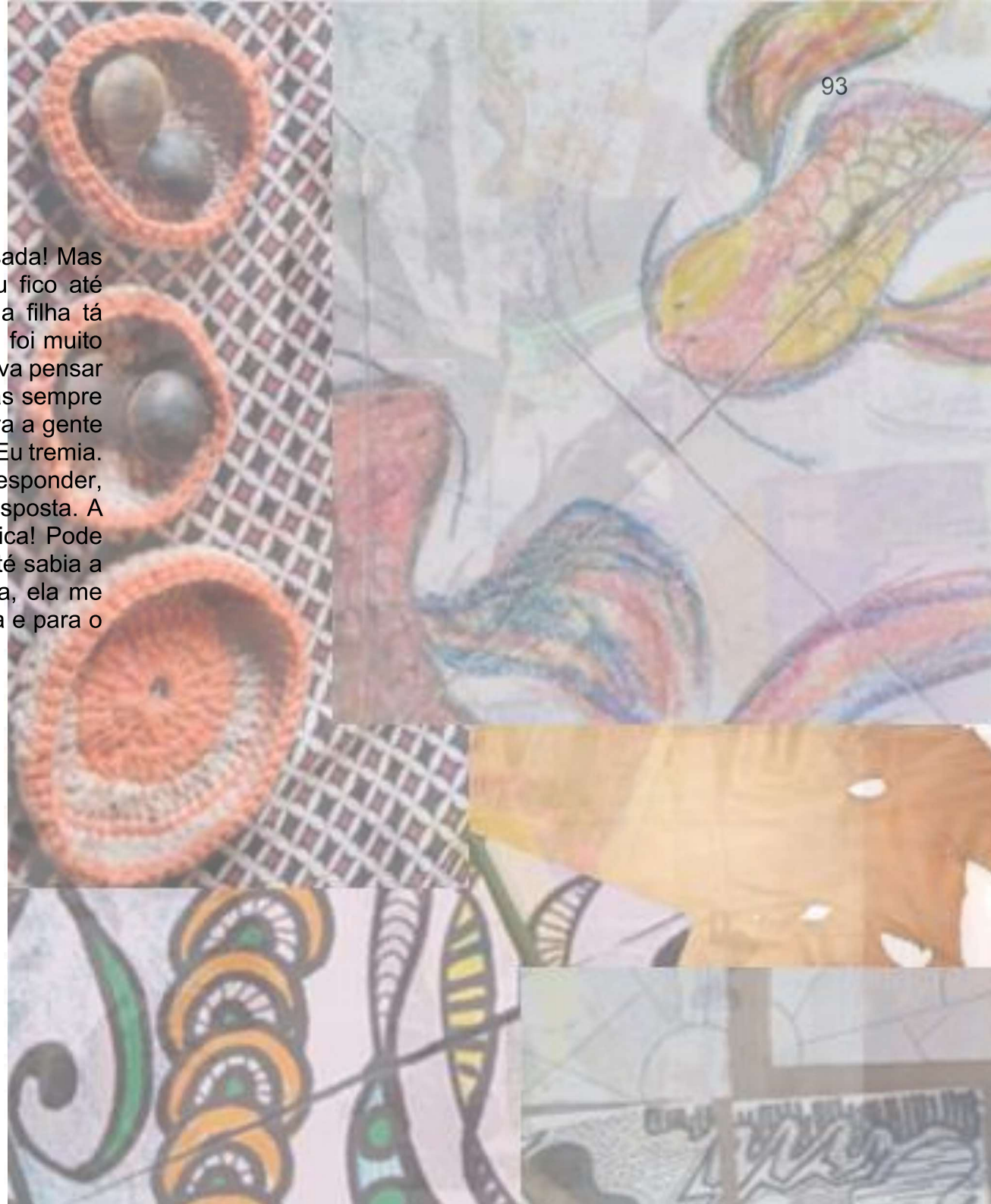
Ficamos mais um pouco, combinando os gestos/sons!
 A turma treinou, treinou, vibrou!
 Começamos os sons,
 confusos,

repetidos,
 repetições,
 ensaios!
 Tempo, aula, improvisações ensaiadas!
 Harmonia, diversão, sorrisos – uma aula!
 Várias aulas – um acontecimento!
 Expande, transborda, inquieta, modifica, potencializa,
 transforma, cria, provoca, desestabiliza, permite, subverte,
 joga, brinca!
 Maria brinca, imagina, cria, sonha, produz saberes, seus
 saberes, compartilhados saberes,
 saberes do mundo, saberes no mundo!
 Cadeiras vazias, janelas abertas.

**“ De súbito, o movimento ma-
 menos intenso, nem o último a se produzir ou a
 correr ” (DELEUZE; GUATTARI)**

TABUADA

“Hoje sou enfermeira, professor! Enfermeira concursada! Mas quando você me pergunta sobre a Matemática, eu fico até pensando, sabe? Nem posso ver a tabuada. Minha filha tá aprendendo agora, mas parece diferente. Para mim, foi muito difícil, porque sempre tive a mania de quando precisava pensar alguma coisa eu olhava para cima e para o lado. Mas sempre fui muito tímida, muito mesmo. A professora mandava a gente ficar em pé ao lado da carteira para tomar a tabuada. Eu tremia, tremia, tremia. Daí, eu tentava, mas quando eu ia responder, eu olhava para cima e para o lado para pensar a resposta. A professora brigava comigo, dizendo que eu era cínica! Pode isso, gente? Eu com dez anos, tímida, medrosa, e até sabia a tabuada, mas ficava em pânico nessa hora. E ainda, ela me chamava de cínica, pois eu ficava olhando para cima e para o lado. Depois disso, foi só ladeira abaixo.





¹⁶ QRcode *Capim*: voz do autor (Marcos Adriano de Almeida).



RUÍDOS¹⁶



Link: [ruídos](#) .

MANJERICÃO

Nasci e criei assim.

Com meu pé no chão.

Às vezes sandália, às vezes não.

Não domino as letras todas. Algumas me falham. Não aprendi a escrever grandes frases, nem sei de muitas palavras.

Há tantos anos caminho do nascer rumo ao pôr do sol

Que só agora sinto meu cansaço.

Já labei, amarrei, prendi, curei e libertei.

Entendo um pouco dos remédios da vida e das curas dos matos.

Às vezes me perco no tempo. Eu falo, tempo mesmo, se vem chuva ou se vem sol.

Nas madrugadas frias, já de pé, meu xale desbotado e trançado de linhas tenta me aquecer o sopro gelado no meu peito.

Vejo o ciclo dos animais e me criei com eles.

mas agora meu ciclo já está em folha de árvores amarelando
Estou entardecendo.

Ainda uso minhas roupas cor de terra para ver se me confundo com ela.

Assim, não vou me assustar quando ela, na chegada da minha hora, vier me acolher e aquecer nos seus braços cheirando a terra molhada.

Gosto quando aguo o pé de manjeriço que, em troca, faz espalhar seu perfume regado de satisfação das águas que recebera.

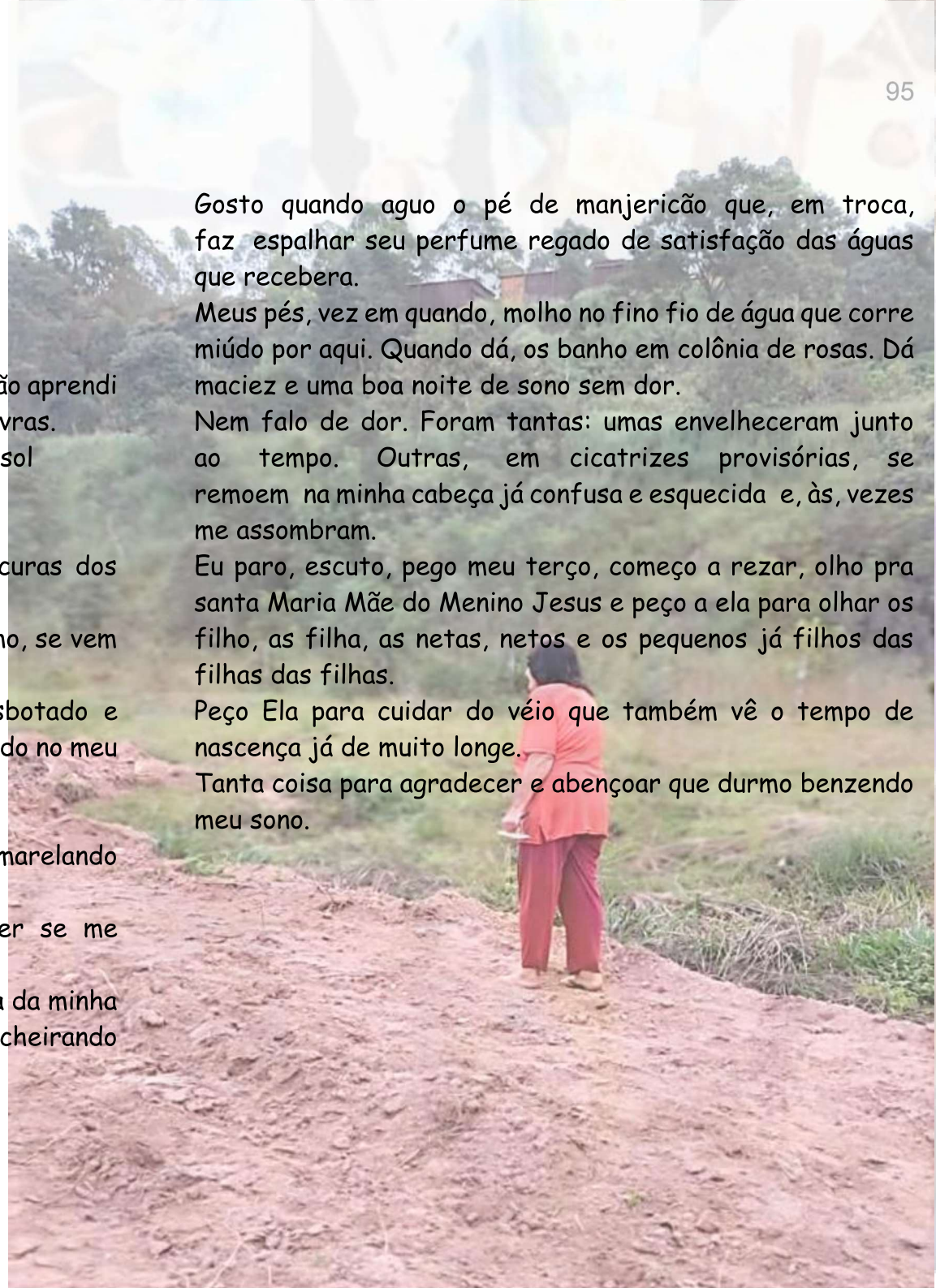
Meus pés, vez em quando, molho no fino fio de água que corre miúdo por aqui. Quando dá, os banho em colônia de rosas. Dá maciez e uma boa noite de sono sem dor.

Nem falo de dor. Foram tantas: umas envelheceram junto ao tempo. Outras, em cicatrizes provisórias, se removem na minha cabeça já confusa e esquecida e, às, vezes me assombram.

Eu paro, escuto, pego meu terço, começo a rezar, olho pra santa Maria Mãe do Menino Jesus e peço a ela para olhar os filho, as filha, as netas, netos e os pequenos já filhos das filhas das filhas.

Peço Ela para cuidar do véio que também vê o tempo de nascença já de muito longe.

Tanta coisa para agradecer e abençoar que durmo benzendo meu sono.



APAGAMENTO

Sentada na cadeira, incomodada. Maria, coloca sua bolsa sobre o colo, cruza os braços, tem pouco tempo para ficar ali. Preferia ficar de pé, quem sabe assim a conversa com um professor e uma professora de Pedro, seu filho, seria mais ligeira.

— *Precisamos falar do Pedro! Diz o professor.*

Mal começa a conversa, Maria, justifica:

— *Gente desculpem não vir muito na escola, sei que preciso vir mais. Mas a minha patroa disse que é bobagem a gente ficar vindo muito aqui. Não resolve nada! Ela não gosta que eu saia do trabalho para vir aqui. Hoje consegui vir, porque saí bem cedo para fazer a feira, e aproveitei que é caminho e passei aqui.*

— *Mas o Pedro precisa estudar mais, se dedicar mais ao estudo, tentar ficar mais em sala de aula e participar das aulas, diz o professor.*

Nessa hora, o pensamento de Maria vai longe, ela olha, espera, responde:

— *É! Já falei com ele, muitas vezes, sabe? Já falei, porque tô vendo a minha patroa reclamar, o tempo todo. Porque o filho dela estudou na escola particular, sabe? Mas não conseguiu passar no vestibular da faculdade, ali, na federal. Ela tá muito*

chateada. Não sabe o que fazer, porque gastou uma dinheirama danada, né?

E continuou:

— *Eu que ficava com ele desde pequeno. Né? Então, chegou nessas partes que o meu menino estuda agora, que eu não conseguia ajudar muito, não. Os ensinamentos de hoje em dia é muito diferente do meu tempo. Muita coisa não sei mais. Coitada da minha patroa, nem tinha tempo de ensinar nada. Não parava em casa. Ela já aceitou, vai pagar faculdade pra ele. Diz ela, que se apertar demais, ela vai ter que me mandar embora.*

Um silêncio diz: e seu Pedro, Maria, onde está?

O “onde estão os negros?” da exco
equivale à minha pergunta estupe
babá?” Por exemplo, na excelente antologia
A História das mulheres no Brasil e não a encontro.
Nesse belo e importante livro, a
aparece sequer uma vez, apesar de ser parte do léxico
convencional da língua portuguesa. A babá não é
tratada nem para abordar aspectos de sua subjetividade
nem de sua inserção social. Muito menos investiga-se a
respeito de sua presença a partir da perspectiva das
crianças que ela viu crescer, ou
que a ela delegaram o exercício de uma parte
importante da tarefa materna (Segato, 2021, p. 140,
grifos no original).

PESQUISA

A pesquisa-corpo-escrita, a escrita corpo pesquisa, o corpo escrita pesquisa, como a velha que ensina seus futuros a tecer um leve capim, ser leve, mãos leves, tecer o capim dourado, não deixando ele quebrar-se antes de desterritorializar as camadas. Fazer uma ponte? Ou usar o capim para fazer as vassouras? Talvez as pontes, mas de outras pontes falamos. A ponte de capim, construída pelos Incas no Peru, sobre o rio Apurímac, na região de Cusco. Todo ano, a comunidade se reúne para renovar e reconstruir a travessia feita dessa trama de capim que compõe e sustenta toda a ponte. Pesquisar em pontes. A ponte Q'ewachake, que há mais de 600 anos se faz habitar sobre o rio. Uma ponte provisória! E se ao passar ela ainda não estiver sido renovada? Correr riscos? Atravessar? Chegar ao outro lado? Equilibrar-se entre capins? E se o capim se arrebentar? Espatifar-se nas pedras? Cair na água? Você tem asas? Você voa? Emaranhar-se no capim? Ou fazer uma vassoura com o que restar do capim e alçar outros voos?

“Mergulhar-se, jogar-se num plano de experimentação, acionar uma atenção a espreita” (Kastrup, 2020, p. 33). Pousar sobre a ponte, provisória ponte, provisório pouso, cartografar um território a se fazer, cartografar caminhos inéditos! Um acontecimento, presença do sensível, afetos possíveis, um território compondo-se: “[...] Fazer emergir um mundo que já existia como virtualidade e que, enfim, ganha existência ao se atualizar” (Kastrup, 2020, p. 50). Na processualidade dos acontecimentos que se dão fazer-se presente ali, pesquisa-corpo-escrita, estrangeirar no próprio campo, furar os olhos, emergir em outros sentidos, ao lançar na experiência de

pesquisar no imprevisto, decantar, repousar por horas e horas ali, permitindo encontrar o que não se imaginava (Kastrup, 2020, p. 137).

Implicar e compor nesse emaranhado de linha de forças. Liberar o foco em representar ou de explicar algo e estar em espera atenta. Criar uma ilha provisória, alimentar momentaneamente, por outras percepções numa ilha, numa rua, numa janela, num corredor, numa escola, num pátio, num tablado.

Num tablado, as lentidões perpassando, uma menina que brinca com seu celular, jogo de letras que forma palavras, se atualiza na escola. Pode o celular na escola? Pode em sala de aula? Subverte a aula, propõe outros modos de criar as relações, mesmo em lugar tão habituado, estratificado. Mesmo na aula de matemática. Uma atividade, o celular rompe combinados! Ela subverte e outros processos se dão. Quem pode usar o celular? Quem pode falar ou propor o jogo? Quem explica? Quem decide se é proibido ou não? Qual jogo? Que jogo? Pode jogar na sala de aula? Ou jogamos o tempo todo? Para além de jogar ou não jogar, a pergunta: que vidas se fazem nesse movimento escola? Que vida ecoa? Algo acontece ali, sempre acontece.

Acontece que o tablado, a ilha, um convite para o disparo de outros possíveis. Pousado, atizar a atenção em modos de estar em uma escola, um menino que corre, outro bebe água, a menina que se lança até o varal de fantasias e sai vestida de fada pelo pátio. Outro corre em torno do tablado, corre e conta, conta alto, passa por entre os véus do tablado, um cortinado que enfeita o fundo do tablado feito um palco para apresentações diversas.

Não atentar ao início da corrida. Atentar ao ritmo contagiante e intenso imposto pelo menino e, então, entrar num jogo de corre e corta. Naquele ritmo em torno do palco e seu breve desaparecimento por entre os véus que, aos poucos, torce e provoca. Já não há preocupação mais em saber se estava certo ou não, nem se ele brincava ou representava um conhecimento numérico. Ocupar com o acontecimento.

“O movimento sempre acontece nas costas do pensador, ou no momento que ele pisca” (Deleuze, 1998, p. 2), ou no momento em que o menino se esconde, brevemente, atrás da cortina. Que se dava ali? O sino bateu, interrompe a correria. Outra correria se dá, já a caminho para a sala de aula. O menino muda o sentido da correria e diz: – Hoje, corri e contei muito. Solidão. No tablado: um pesquisador. No acontecimento, inquietações, perturbação. Um acaso se afirma naquele momento.

Ao lado, repousa sobre um velho banco de madeira, um chapéu de guizos. Provoca, solicita atenção: É sua vez de jogar, sua vez de correr, sua vez de rir de si mesmo! Um convite ao riso, rir da pretensiosa ideia, justa ideia, de pesquisar em educação! O que quer a pesquisa em educação? O que pode uma pesquisa em educação? Procurar respostas? Dar explicações? Fazer constatações? Em vez disso, não seria melhor vestir o chapéu de guizos?

O riso destrói as certezas. E especialmente aquela certeza que constitui a consciência enclausurada: a certeza, no permanente questionamento da certeza, na distância irônica da certeza está a possibilidade do devir. O riso permite que o espírito alce vôo sobre si mesmo. O chapéu de guizos tem asas (Larossa, 2010, p. 181).

Dar risadas, cambalhotas! Indefinir o lugar de parar, após o salto, não traçar caminhos já percorridos. Pegar a vassoura de capim, ousar voos, experimentações, só assim trazer para o tablado a afirmação de si e do mundo. “A vida seria a força ativa do pensamento, e o pensamento seria o poder afirmativo da vida” (Deleuze, 1976, p. 48). Enquanto isso, outro menino dá um salto, vira uma cambalhota no tablado, uma cambalhota de muitas outras. Cambalhotar no meio, no entre pensar, engendrar afetos e sensações, o corpo pousa em outro corpo. Por um instante, corpo som tablado, um grande tambor, estremece, provoca, levanta a poeira. Minipartículas que estão provisoriamente paradas acionam mundos, pequenos mundos, uma batida de tambor, uma única batida, uma vida que se afirma. O menino é o rei do congado, ele canta para iniciar a festa. Ele é coroado nesse provisório palco.

Uma outra cambalhota se faz no mundo. O ano é 2020, começam as aulas. Um vírus se espalha, um vírus mortal se alastra do outro lado do mundo. Com sua chegada, paralisação das escolas, a suspensão das aulas. As mortes começam a se apresentar. Escolas começam a se reinventar no que chamamos de ensino remoto. As ações se iniciam: contato com as famílias, grupos de *WhatsApp*, e-mail, atividades para se fazer em casa.

Envio de atividades e tarefas via celular, *whatsapp*, conhecemos o *Padlet*, o *Google Forms*, *Classroom* e outros recursos tecnológicos. Mas e os alunos e alunas que não conseguem esses acessos? Outros distanciamentos se dão. Quais são as ações e/ou políticas públicas para a inclusão desses alunos e alunas?

A tecnologia não mais como um anexo, mas como um campo de provocações, experimentações num risco de exclusão. Mas, em meio a essas idas e vindas de atividades, quando retornadas pelos alunos, chamadas devolutivas, uma de muitas tantas chamava atenção. Um desenho trazia uma menina na janela com o escrito: *Estou tentando ficar forte nessa quarentena.*

Se os sentidos são múltiplos e tantos possíveis quanto os fios que os acontecimentos podem produzir, esse provocou com mais eco. Como uma criança, de cerca de 10 anos de idade, diz que está tentando ficar forte em tempos de pandemia? Um desenho desses quer falar de solidão? Saudade da escola? Seriam modos de resistir ao medo que vem povoando as vidas constantemente?

Uma mãe no trabalho, muitas mães no trabalho, mães de Pedros, mães de Marias, jornadas, peso, cansaço. Não sabe mais o que fazer, procura ajuda, alguém tem as respostas? Como faço? O que devo fazer? Como proceder? O celular é um só para três filhos, e só depois que chega do trabalho. Estou exausta, sem forças, não sei explicar a matéria para eles. É muito difícil, alguém pode me ajudar? Nem pesquisadores, nem pesquisadoras têm respostas. Não há respostas.

Produzir na precariedade? De que precariedade falamos? Precariedades de recursos tecnológicos e econômicos, mas não de capacidades, de potências. Escola nesse tempo do precário é capaz de se inventar e se tornar em acontecer, mesmo que não presencial. Mas ela se corporifica, sempre.

Nessa perspectiva, precarizar é uma forma de intervir em um estado de coisas – uma disciplina, uma ordem social – que

permite pôr em evidência as exclusões ou as imposições e criticar ou subverter certos status quo (DUSSEL, 2017, p. 90). A escola deixa de ser o espaço fixo, imóvel, e se torna, sempre, um espaço que alcança a criança, um espaço de disputa, de relações instáveis e provisórias. A família que busca o auxílio da merenda escolar e leva a criança para “matar as saudades” daquele espaço talvez numa forma de manter o sentimento de pertencimento, tão necessário nesses tempos de distanciamentos.

Esse é um dos momentos mais delicados e contraditórios que temos para falar da escola. Como construir caminhos para que o atendimento a essas crianças seja o maior e melhor possível? Como pensar a escola nessa tensão? Como imaginar um retorno das atividades presenciais se, hoje, somos mais de 679 mil mortos, apenas no Brasil?

Em tempos remotos, ouvir os relatos de lágrimas não tem sido fácil. Nosso pequeno aluno perdera a mãe, lágrimas de ansiedade. A outra professora perdera o pai, sentimento de impotência se apodera da gente. Lágrimas, medo, saudades, cansaço.

Noutros tempos, as lágrimas já habitaram a escola. Hoje, ainda habitam e, possivelmente, habitarão novamente. Um menino numa aula de matemática é impelido a executar uma divisão com Números Inteiros. Ele, no sexto ano, exclama – não sei fazer – o professor retruca – ora, mas você já está no sexto ano! Uma lágrima cai, exatamente sobre o papel, borrando a tinta da atividade a ser feita. Um abismo se abre ali! Quais foram os conteúdos e disciplinas que se instituíram como imprescindíveis para qualquer série? Quem instituiu? Por que

o aluno que o aluno tem que saber? Quem estabeleceu o que se deve saber ou o que não se deve saber?

A ideia da falta, do erro, a culpa! De quem é a responsabilidade? Quem vai resolver isso? Modos de pensar a escola e o currículo dentro de um processo de ressentimento e de negação. Reação e competição se instalam nas escolas, processos de exclusões. Quem sabe quem não sabe? Sistemas binaristas!

Convocaremos os gêmeos Ibegi, que, na cultura Yoruba, são representados por duas crianças que enganam e desafiam a morte, enfrentam Iku. Com seus tambores encantados, fazem a morte dançar sem parar, e assim a obrigam a levar apenas as pessoas quando, realmente, chegasse a hora delas. Em troca desse trabalho, os gêmeos passam a receber doces e caruru e firmam com os adultos um combinado que estes não mais interditarão as brincadeiras das crianças.

Um chamado a resistir! Como aquele menino que sentado na cadeira, se recusa a levantar e sair. Mesmo sendo impelido pelas “autoridades” presentes. Ele se nega a atender as ordens, porque, dessa vez, afirmava que nada fizera para merecer tal punição. Ele resiste, insi, para tudo. Ninguém se atrevia a emitir mais ordens, sua força se deu na cadeira. Sentado, paralisou os outros com “Não saio!”.

Afirma a vida, afirma no acaso, percebe a vida, sente, um atravessar de sentidos outros. “Abandonar-se temporariamente à vida para fixarmos temporariamente o olhar sobre ela” (Deleuze, 1976, p. 37). Compor com o tablado, o chapéu de guizos, o pátio, o menino, a menina, a escola, clandestinizar “uma estrela dançarina”.

RUÍDOS!¹⁷



Link: [ruídos](#) .

¹⁷ QRcode *Não Saberes*: vozes dos alunos do ensino fundamental.



CARTA

Hoje, 02 de junho de um ano qualquer, faz muito frio. A geada toma corpo, congela. Uma madrugada fria. Dores e dores e dores.

Precisa nascer. Justo hoje? Nessa madrugada? É hora? Não vai dar tempo de chegar nem parteira, nem na maternidade, nessa estrada de chão. Numa Rural.

A Rural é um utilitário que foi produzido pela Willys Overland nas décadas de 1950, 1960 e 1970 no Brasil. Na década de 1970, passou a ser produzida pela Ford do Brasil, que comprou a fábrica da Willys em 1967, mantendo inalterados o nome Rural e praticamente todas as características do veículo.

Acelera, corpo que se retrai, contrai, expande, dilata. Quatro horas da madrugada.

Curva, solavanco da estrada de chão, borracha quente, chão gelado, corpo quente, ardendo em brasa, uma vermelhidão feito gota de sangue no imenso mar de lençol branco.

Mãos, muitas mãos. Na maternidade, um choro. Nasceu! Um grito!

_Ahhhhh!

Nasceu. E agora?

Quando digo "Alice cresce", quero dizer que ela se torna maior do que era. Mas por isso mesmo ela também se torna menor do que é agora. Sem dúvida, não é ao mesmo tempo que ela é maior e menor. Mas, é ao mesmo tempo que ela se torna um e outro. Ela é maior agora e era menor antes. Mas é ao mesmo tempo, no mesmo lance, que nos tornamos maiores do que éramos e que nos fazemos menores do que nos tornamos. Tal é a simultaneidade de um devir cuja propriedade é furtar-se ao presente (Deleuze; Guattari; 2007, p. 1, grifo no original).

Vê-se a beira do abismo você dança. Estica seu corpo na baixura em que ele não vai, encolhe seu corpo na altura em que ele não chega.

Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro
(BELCHIOR, 1976, faixa 4).

INSTANTE

Corpo, implica.
 Tempo, explica, replica, implica.
 Um instante que não passa.
 O telefone?
 Barulho, muito barulho!
 Quem? Qual criança? Duas?
 Mais tensão!
 Saiu a sentença.
 Pedro e Maria!
 Em lampejos!
 Agora, eles buscam a mochila!
 Não podem mais ficar com a mãe. Mas onde ela está?
 Pedro grita, esperneia, chora, sofre.
 A assistente social veio buscá-los.
 Pedro nos olha, olhar cortante, feito lâmina:
 Não vamos mais estudar aqui?
 Maria se debate, é corpo que resiste.
 Resiste!
 Ao abandono, à tristeza, à dor, à ausência, à negligência.
 Corpo tentáculo, vários corpos, se cruzam, se fazem, se desfazem nesse acontecimento desinforme.
 Braços, que seguram braços, mãos, peito, uma dança?
 Ouvem-se gritos:

Irmã!
 Eu quero a minha irmã!
 Braço marcado, arranhões numa trama cartográfica
 desenhando mapas irregulares, provisórios.
 É unha cravada, rasgando a pele, em intensas linhas
 vermelhas.
 Braços, polvo! Corpo em polvo!
 O grito ecoa:
 Não!
 Agora a respiração já está mudando. Um murmúrio.
 Não há som que ecoa por esses vários mundos. Um grito
 mudo.

murmúrio

substantivo masculino 1. 1. barulho incessante das ondas do mar ou de água corrente. 2. 2. rumor contínuo e sussurrante do vento sobre árvores e folhagens.

Sussurro, som mal distinto. Queixa, lamentação a meia voz.

Não há som que ecoa por esses vários mundos. Grito mudo!
 há som que ecoa por esses vários mundos?
 Som que ecoa!
 Grito mudo!
 Grito que ecoa!
 Ecoa um grito!
 Som por esses vários mundos!

LATINHAS

— *Professor, professor, minha avó catou latinhas esses dias todos, só pra gente ter dinheiro para a pescaria, da festa junina!*

RUÍDOS¹⁸:



Link: [ruídos](#) .

¹⁸ QRcode Cortes: vozes Tarcísio Mendes. Tarcísio Moreira Mendes atualmente faz estágio de pós-doutorado em Educação Brasileira: gestão e práticas pedagógicas, no PPGE/FACED/UFJF. Doutor em Esquizeoeducação e mestre esquizito em Educação pelo PPGE/FACED/UFJF. Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Conchas (2017). Especialista em

Teatro e Dança na Educação pela Faculdade Angel Vianna/RJ (2011).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6918490300818399>.

Medir, inventar e diferenciar

Estava tirando algumas medidas do palco da escola para pensarmos os enfeites da festa junina. Enquanto isso, um grupo de crianças circulavam pelo palco, despretensiosamente, durante seu recreio.

Medir:

verbo transitivo direto, bitransitivo e intransitivo. Determinar a extensão, a altura ou a grandeza de; mensurar.

Esse grupo era composto com uma maioria de crianças do terceiro ano, dos anos iniciais.

Percebi que elas nos observavam, subindo e descendo do palco.

— *Professor, professor* — apontou um menino mais afoito — *o que é isso na sua mão?*

Eu respondi, surpreso da curiosidade dele:

— *É uma trena! Não conhecem?*

Pra que serve? Perguntou a outra menina, formando um grupo de cerca de 9 crianças em torno da gente.

— *Ué, disse eu, não sabe para que serve?*

Uma delas respondeu: — *Acho que é para ver o quanto uma coisa é de tamanho, tipo assim: fazendo sinal com a mão, pra cima.*

Medir:

estender a vista por. Olhar provocativamente. Fitar. Ter tento, moderação. Comedir, moderar, refrear.

Bater-se com outrem. = lutar, competir, rivalizar.

— *Daí, dá pra ver o meu tamanho professor?*

— *Posso ver sim, aqui, a professora não mediu vocês nesse ano ainda não?*

— *Não! Não, mas professor o que é medir, gente?*

— *Uai? Não sabe não?*

— *É isso, oh! Fazendo a trena sair de um lado no outro da parede.*

- Ah, tá!
— Então mede a gente!

Começou o alvoroço, organizamos uma fila, fomos medindo um por um com a trena, da ponta dos pés até a cabeça. Ih, disse a professora, que inventação de moda!

Inventar

do Latim *inventio*, “achado, descoberta”, de *invenire*, “descobrir, achar”, formado por *in*, “em”, mais *venire*, “vir”. Com o sentido atual, de “coisa feita previamente não-existente”, é do século XVI
imaginar para um fim específico

imaginar sem base real; forjar; mentir

urdir; tramar

— Quanto deu o meu? Um metro e vinte e dois? É isso? Mas isso é um e vinte e dois do quê? — disse a menina.

Nem tempo de responder eu tive. Logo vieram outros, e outros para medir.

Nesse tempo, uma das meninas mais altas resolve entrar na fila de novo, trazendo uma de suas amigas mais baixa no colo.

— E agora, professor?

— Mostra o tamanho dela agora, desse jeito -já com a colega no colo. — Vai dar diferente, não vai?

Diferenciar

Mostrar ou apontar diferença, dessemelhança; Distinguir; Diferençar de, entre.

Perceber claramente, distinguir, discriminar; Diferençar.

Marcar, acentuar a diferença.

Matemática: Calcular ou achar a diferencial de (uma função).

Sinônimo diferençar = diferença + ar

— Ih? Será que ela ficou maior? Perguntei.

Outro alvoroço, no gesto de ter que medir as crianças no colo ou em cavalinhos, um sobre as costas dos outros.

Medir virou uma brincadeira? Assim pode? Esses resultados das crianças no colo sobre as outras, está certo?

Medir

Fazer a contagem das sílabas de um verso.

Lá vai o verso:

***Infinito: ponto no horizonte de linha torta, onde a mão
faz cocegas na barriga da lua!***

— *Professor, professor, o que é um e vinte e dois? É cento e
vinte e dois? Até agora o senhor não me falou!*

E ainda tem o mecanismo da trena que vai e volta, brincando
e desviando a atenção das crianças.

Trena: boca para medir as coisas com a língua.

Quem inventa?

Quem diferencia?

Quem faz ou provoca o medir?



Onde escrevo os restos que colho pelos cantos?

Restos que não são "dignos" de serem ditos, escritos,
coisas tidas como banais.



REFERÊNCIAS

- BELCHIOR. Sujeito de sorte. In: BELCHIOR. **Alucinação**. Rio de Janeiro: Polygram, 1976. (1 LP, lado A, faixa 4).
- BENITES, Sandra. Para o professor de filosofia: “a filosofia começa no sonho de gravidez que virá”. In: GALDINO, Victor; MARTINS, Claudio. **Experimentos de filosofia pós-colonial**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2020.
- CLARETO, Sônia Maria; ROTONDO, Margareth Aparecida Sacramento. **Perspectivas da Educação Matemática – INMA/UFMS**, v. 14, n. 35, P. 1-15, 2021.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O Anti-Édipo**. Capitalismo e Esquizofrenia 1. São Paulo. Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 2.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 3.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.
- DELEUZE, Gilles [1974]. **Lógica do sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos** [1977]. Valencia: Pre-textos, 2004.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976. 170 p.
- DEUTSCHE WELLE. **Histórias de mulheres que carregam o sustento à cabeça**. YouTube, 09 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/maputo-hist%C3%B3rias-de-mulheres-que-carregam-o-sustento-%C3%A0-cabe%C3%A7a/video-59103693>. Acesso em: 23 jun. 2022.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **A sobrevivência dos vagalumes**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.
- DORE, Lucas Esteves. **Que diz o muro da escola?** Aprendizagens e deslizamentos e matemática. Dissertação (Mestrado acadêmico) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.
- DUSSEL, Inês. Sobre a precariedade da escola. In: LAROSSA, Jorge (Org.). **Elogio da escola**. Tradução de Fernando Coelho. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- GALDINO, Victor. Aquilombamento marginal / Realismo esclarecido. In: GALDINO, Victor; MARTINS, Claudio. **Experimentos de filosofia pós-colonial**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2020. p. 48-74.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: LM Pocket Editora, 2009.

HADDOCK-LOBO, Rafael. Sonho meu (ou a festa que Derrida me deu). In: GALDINO, Victor; MARTINS, Claudio. **Experimentos de filosofia pós-colonial**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2020. p. 26-47.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o Problema: Fazer Parentes no Chthuluceno**. São Paulo: N-1 edições, 2023.

KAMII, Constance. **A criança e o número**. 34. ed. Campinas: Editora Papyrus, 1990. 124 p.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020. 207p.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **O futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LACERDA, Luiz B. Combater na imanência. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LAROSSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução Alfredo Veiga Netto. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1979.

MBEMBE, Achille. **Brutalismo**. São Paulo: n-1 Edições, 2021.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

NAÇÃO ZUMBI. Um sonho. In: NAÇÃO ZUMBI. **Nação Zumbi**. Rio de Janeiro: Estúdio Monoaural, 2014. 1 CDs. Faixa 6.

NUÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais**

de gênero Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021. 324 p.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Vermelho Amargo**. São Paulo: Global Editora, 2017.

RACIONAIS MC's. Jesus Chorou. In: RACIONAIS MC's. **Nada como um dia após o outro**. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002. 2 CDs. Faixa 15.

ROSSI, Inaê Diana Ashokasundari Shravya da Costa. Diegese de gênero: esboço de uma crítica à metafísica sexual. In: MEDEIROS, Claudio; GALDINO, Victor (org.). **Experimentos de filosofia pós-colonial**. 1. ed. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2020. 272 p.

ROTONDO, Margareth Sacramento; BELCAVELLO, Maria Paula, CAMMAROTA, Giovani. Uma Aula com Saberes Matemáticos, um Cubo: no descontrole do controle, que aprender? que conhecer? que existir? **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 38, p. 1-16, 2024.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia da encruzilhada**. Rio de Janeiro: MV Serviços Editora, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SILVA, Gleidstone. **Durag**: do trapo ao trends do estilo, conheça a história do acessório e sua importância hoje. 2021.

Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/a-historia-da-durage-sua-importancia-hoje/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

SILVA, Laura Belluzo de Campos. Três questões sobre as psicoses: uma leitura de O Anti-Édipo. **Mental**, v.3 n.4 Barbacena jun. 2005.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda**. 1 Ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

VEIGA-NETO, Alfredo. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da Modernidade. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. p. 97- 118.

VIEIRA JUNIOR; Itamar. **Torto Arado**. Alfragide: Leya S.A., 2018.